EDLEIA MONTES LOPES RODRIGUES

O DISCURSO RELIGIOSO E A TRÍPLICE INFLUÊNCIA: ARGUMENTAÇÃO, TEXTO E PROSÓDIA.

Dissertação apresentada à Universidade de Franca, como exigência parcial para a obtenção do título de Mestre em Lingüística.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Flávia de Figueiredo Pereira Bollela.

FRANCA
2008

EDLEIA MONTES LOPES RODRIGUES

DISCURSO RELIGIOSO E A TRÍPLICE INFLUÊNCIA: ARGUMENTAÇÃO, TEXTO E PROSÓDIA

PRESIDENTE:_____
NOME: Profa. Dra. Maria Flávia de Figueiredo pereira Bollela
INSTITUIÇÃO: Universidade de Franca

TITULAR 1:_____
NOME: Prof. Dr. Antonio Suárez Abreu
INSTITUIÇÃO: Universidade Estadual de Araraquara

TITULAR 2:_____
Nome: Prof. Dr. Juscelino Pernambuco
INSTITUIÇÃO: Universidade de Franca

Franca, 10/03/2008

DEDICO *ao meu marido Jônatas, companheiro de todas as horas. Seu incentivo foi fundamental em um dos momentos mais difíceis que vivi, em que me achava sem nenhuma esperança. Por encarar as lutas por ângulos diferentes, me estimulou a tentar um recomeço através dos estudos, e assim, me ajudou a encontrar o caminho de volta à vida; mais que isso, caminhou comigo cada passo desse caminho, enxugou minhas lágrimas, me encorajou, me ouviu, me aconselhou, abriu mão da minha presença durante as constantes e longas viagens, e pacientemente, aguardou o retorno da minha alegria. Hoje, mais que caminhar, sinto vontade de voar. A ele dedico não apenas esse trabalho, mas todas as minhas risadas mais gostosas.*

AGRADECIMENTOS

A professora Dra. Maria Flávia de Figueiredo Pereira Bollela, minha orientadora, por acreditar em meu potencial, e sempre me incentivar e ajudar;

aos professores-doutores Maria Silvia Olivi Louzado e Juscelino Pernambucano, que compuseram minha banca de qualificação, e contribuíram com proveitosas críticas e sugestões;

a todos os professores do curso de mestrado em Lingüística, que foram instrumentos valiosos para me fazer crescer na área acadêmica;

aos meus colegas de turma, pela alegria e privilégio de conviver com cada um de vocês;

aos funcionários da Secretaria de Pós-Gradução da Universidade de Franca, em especial, a funcionária Ana Maria, exemplo de dedicação e profissionalismo;

ao meu amado esposo Jônatas, pelo apoio financeiro, intelectual, emocional e espiritual;

aos meus filhos: Louise, Estêvão e Jonas, meus tesouros, herança inestimável do Senhor, que se alegram e se orgulham com minhas conquistas; ainda que para isso, em muitos momentos, são privados do aconchego materno;

aos meus familiares, que sempre torceram por mim; em especial, minha querida mãe, que, em cada fase do curso, incessantemente suplicou a proteção de Deus sobre minha vida;

aos meus queridos amigos de Franca, que durante o curso, me hospedaram em suas casas, acolhendo-me bondosamente, me cobrindo de carinho, atenção e até de mimos;

ao meu Deus, Senhor de todas as coisas, fonte de sabedoria, graça e alegria.

É verdade que cada qual gosta de seguir o próprio parecer e mais se inclina para os que pensam como ele. Mas se Deus está conosco é mister que algumas vezes renunciemos ao nosso modo de ver por amor da paz. Quem é tão sábio que chegue a saber tudo perfeitamente? Não confies, pois, demais na tua opinião, mas de bom grado ouve também a dos outros. Se for bom o teu parecer e o deixares por amor de Deus para seguir o de outrem, terás com isto maior proveito. (KEMPIS, Capítulo IX, 2)

RESUMO

RODRIGUES, Edleia Montes Lopes. *O Discurso Religioso e a tríplice influência: argumentação, texto e prosódia*. 2008. 130f. Dissertação (Mestrado em Lingüística) — Universidade de Franca, Franca.

Esse trabalho tem por objetivo analisar os elementos argumentativos e prosódicos que influenciam na constituição da persuasão no texto oral religioso da igreja evangélica da atualidade. A escolha do tópico foi direcionada pelo desejo de contribuir, a partir da lingüística, para um melhor entendimento do fenômeno religioso no Brasil. Nossa proposta central é fazer uma análise lingüística do discurso proferido pelo pastor Silas Malafaia, veiculado por uma das principais igrejas evangélicas do Brasil. Pode-se afirmar que os objetivos gerais são de mensurar se os recursos textuais, argumentativos ou prosódicos se manifestam com a mesma influência dentro do discurso, ou se existe algum deles que se sobressai e impõe um padrão nesse discurso, que aparentemente tem influenciado o público que o ouve. A hipótese central deste trabalho fundamenta-se em questionar a existência de uma colaboração entre a prosódia e os outros elementos de persuasão. Para alcançar o objetivo, colocou-se como meta analisar o *corpus* a partir de distintos olhares. Primeiramente uma contextualização sócio-histórica, mostrando alguns aspectos socioculturais do fenômeno religioso na sociedade atual brasileira; em seguida, uma análise a partir da Lingüística Textual e suas implicações no *corpus* selecionado; depois, a análise dos recursos da Argumentação e as dimensões de sua ingerência no discurso oral religioso; em seguida, a Prosódia e sua influência dentro do discurso em questão; por fim, um capítulo de análise, para verificar a maneira como esses aspectos se mostram no *corpus*. Concluímos que no discurso em estudo a prosódia se destaca. Ela exerce influencia e, articulada concomitantemente aos recursos argumentativos e textuais, colabora, de forma decisiva, para a constituição do sentido no texto.

Palavras-chave: Discurso Religioso; Argumentação; Lingüística Textual; Prosódia.

ABSTRACT

RODRIGUES, Edleia Montes Lopes. *O Discurso Religioso e a tríplice influência: argumentação, texto e prosódia*. 2008. 130f. Dissertação (Mestrado em Lingüística) — Universidade de Franca, Franca.

This dissertation offers an analysis of the argumentative and prosodic elements that influence the composition of the persuasion in an oral religious text of the evangelical church nowadays. This theme was chosen due to a desire to make the comprehension of the religious phenomenon in Brazil from a linguistic point of view possible. Our central objective is to perform a linguistic analysis of the lecture presented by the pastor Silas Malafaia and diffused by one of the major evangelic churches in Brazil. It is possible to say that one general purpose of this research is to measure if the textual, argumentative or prosodic resources appear with the same influence in the lecture, or if there is one of them which is more evident and imposes a particular style in this lecture — one that has been apparently influencing the people who listen to it. The fundamental question that drives this research is whether there is collaboration between the prosody and the others elements of persuasion. In order to achieve these objectives, we analyze the *corpus* from different points of view. Firstly, there is a social-historical contextualization showing some social-cultural aspects of the religious phenomenon in the Brazilian society nowadays; then, an analysis based on the principles of Text Linguistics and its implications in the selected *corpus* is presented; next, there is an analysis of the argumentation resources and the dimensions of their interference in the oral religious lecture; then, the prosody and its interference in the lecture; and, finally, a chapter of analysis, to check the way these aspects appear in the *corpus*. The results of the research demonstrated that the prosody prevails over the other aspects. It exercises influence, and when it is articulated with the argumentative and textual resources, it has a decisive role in the constitution of meaning in the text.

Keywords: Religious lecture; prosody; Text Linguistics, argumentation.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....10
1 EVANGÉLICOS NO BRASIL: TRAJETÓRIA, HISTÓRIA E MARCAS.....16
1.1 ASPECTOS ATUAIS DA RELIGIOSIDADE NO BRASIL.....17
1.2 PROTESTANTES HISTÓRICOS.....18
1.3 EVANGÉLICOS NEOPENTECOSTAIS.....19
1.4 EVANGÉLICOS PENTECOSTAIS..... 21
1.5 CARACTERÍSTICAS COMUNS AOS TRÊS GRUPOS EVANGÉLICOS.. 23
2 CONDIÇÕES E ELEMENTOS DIVERSOS QUE CORROBORAM A CONSTRUÇÃO DO TEXTO ESCRITO/ORAL.....31
2.1 FATORES CONSTITUTIVOS DA ATIVIDADE CONVERSACIONAL.....33
2.2 ESTRUTURA DO TEXTO ESCRITO.....34
2.3 ATIVIDADE DE FORMULAÇÃO DO TEXTO ORAL.....35
2.4 A CONSTRUÇÃO DO SENTIDO NO TEXTO FALADO.....36
2.5 CONSIDERAÇÕES ACERCA DE GÊNERO.....38
3 ARGUMENTAÇÃO E RETÓRICA E SUAS FERRAMENTAS SIGNIFICANTES...41
3.1 HISTÓRIA DA RETÓRICA.....41
3.2 ARGUMENTAÇÃO.....43
3.3 ETOS, PATOS E LOGOS, TIPOS DE ARGUMENTOS.....48
3.4 GERENCIANDO RELAÇÕES.....49
3.5 CONDIÇÕES DE ARGUMENTAÇÃO.....50
3.6 CONVENCENDO AS PESSOAS 52
3.6.1 Introdução.....53
3.6.2 Narração.....54
3.6. 2.1 Técnicas argumentativas.....55
3.6.2.2 Argumentos quase lógicos.....55
3.6.2.3 Argumentos fundamentados na estrutura do real.....55

3.6.2.4 Recursos de presença.....56
3.6.3 Peroração.....57
3.7 DISCURSOS DIVERSOS.....58
3.8 A PERSUASÃO ESTÁ SEMPRE PRESENTE? 60
4 RECURSOS PROSÓDICOS, UM INSTRUMENTO QUE PODE FAZER DIFERENÇA. 65
4.1 O QUE É PROSÓDIA? 66
4.2 MARCADORES LINGÜÍSTICOS E PARALINGÜÍSTICOS.....68
5 ANÁLISE DA INTERAÇÃO DOS ASPECTOS PROSÓDICOS, ARGUMENTATIVOS E TEXTUAIS.....70
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....107
REFERÊNCIAS.....112
ANEXO: Transcrição do sermão.....115

INTRODUÇÃO

Estamos vivendo um momento privilegiado na história. Momento em que questões que outrora eram totalmente desconhecidas, ou simplesmente ignoradas, hoje, despertam curiosidade, são objetos de estudo e pesquisa, e conseqüentemente, tornam-se fonte de novas e interessantes descobertas.

Felizmente, tais descobertas, que aguçam e provocam a inteligência humana, além de explicar fatos e fenômenos, dão condições àqueles que as acessam e delas se utilizam, de ampliar seu poder de alcance no campo que atuam e pesquisam.

Este trabalho visa analisar os elementos argumentativos e prosódicos que influenciam na constituição da persuasão no texto oral religioso da igreja evangélica brasileira da atualidade.

A escolha do tema, com o foco especifico na análise do texto oral do discurso religioso, deu-se depois de uma pesquisa que vai além dos limites cercados pela lingüística propriamente dita. Uma análise em que os olhares se voltaram para uma realidade mais abrangente, que envolve não somente o prazer de estudar ou desvendar os segredos e curiosidades que se escondem no interior de cada texto, seja ele religioso ou não.

O que pretendemos, então, é realizar uma análise que, abordando o fenômeno do crescimento dos evangélicos no Brasil, tenha como visão, não tentar provar se existe uma relação entre o discurso que ouvem e o acréscimo do número de evangélicos, mas tão somente, estudar o discurso que esse público tem ouvido, e quais são os elementos que o caracterizam.

Concentrar-nos-emos em dizer que a escolha do tópico foi direcionada pelo desejo de contribuir, a partir da lingüística, para um melhor entendimento do fenômeno religioso no Brasil.

Como as pesquisas nesse campo referente à nova realidade dos evangélicos no Brasil têm sido inúmeras e bastante diversificadas (basta acessar a internet ou entrar em uma boa livraria para constatarmos essa verdade), nosso desejo é, valendo-nos da contribuição da lingüística, abordar um ponto específico, estudá-lo e trabalhá-lo, com o intuito de que esse foco possa, de alguma maneira, contribuir positivamente para o conjunto de pesquisas que

estão surgindo nessa área; como por exemplo, os estudos realizados no campo da sociologia, antropologia, história, ciências sociais, pedagogia e a própria ciência da religião.

Por acreditarmos no valor do fragmento de um estudo específico dentro de um campo extenso — isto é, a soma de pesquisas em áreas diferentes, o olhar lançado de focos diversos — que somado ao todo contribui para um sentido mais completo, abrangente, real e significante de um tema geral, procuraremos dar nossa contribuição, a partir da lingüística, acerca do discurso evangélico.

Assim, cremos que o assunto escolhido para a pesquisa é apenas um *flash* opaco de uma área extensa a ser abordada; um pequeno viés, dentro de um universo populoso, de ricas e curiosas opções a serem pesquisadas dentro dessa nova realidade que vem se instaurando no Brasil. Presenciamos uma espécie de *boom* evangélico. Os números, a mídia, e os acontecimentos nos revelam isso. E entendemos que essa é uma realidade que simplesmente não pode ser ignorada, mas, como todo fato relevante na história e cultura de qualquer país, deve ser observado, estudado e registrado.

Justificativa

Como o discurso evangélico e suas implicações tem sido um assunto muito pesquisado no momento, há de se questionar a relevância de mais um estudo nessa área. A verdade é que apesar dessa facilidade de se encontrar pesquisas diversas relacionadas às igrejas evangélicas e seus costumes, crescimento, influência e até mesmo seus muitos escândalos, nossa proposta central é fazer uma análise lingüística do discurso veiculado por uma das principais igrejas evangélicas do Brasil e não fazer uma análise sociológica ou histórica dessas igrejas. Pretendemos sim tocar nesse ponto, mas não como objetivo final, mas apenas a título de contextualização sócio-histórica, para alicerçar nosso trabalho na sociedade atual e mostrar a relevância do assunto.

De fato, o que notamos durante o trabalho de revisão bibliográfica é que há muito sobre o assunto, mas pouco, ou quase nada sobre o tema escolhido para pesquisa. O foco é, na maior parte das vezes, o crescimento dos evangélicos e as conseqüências desse crescimento em diversas áreas, mas são raros os trabalhos que se voltam para o discurso evangélico da atualidade a partir da ótica da lingüística.

Tal fato parece-nos um ponto importante que tem sido negligenciado pelos estudiosos, pois sabemos que grande parte dos evangélicos se envolveu, ou foi cativada por meio do discurso. Assim, desprezar o valor desse discurso, ou não procurar estudá-lo ou entendê-lo, faz com que muitas perguntas fiquem sem resposta.

O discurso religioso, especialmente o evangélico, ao alcançar terrenos outrora não dimensionados, tem provocado mudanças no campo das religiões. Junto a esse crescimento, as mudanças no tom dos discursos por elas veiculados podem ser notadas. Como afirma Bollela (2006, p. 126), a "democratização da fé" tem dado ao discurso religioso uma roupagem mais persuasiva ou, pelo menos, aparentemente menos autoritária.

Acreditamos que a contribuição ou ampliação das formulações teóricas que a pesquisa poderá trazer será de apreciado valor científico. Isso porque beneficiará não somente os estudiosos da área, que passariam a entender melhor algumas das estratégias e alguns dos recursos envolvidos no processo de persuasão; mas também, a pesquisa poderá ser utilizada como instrumento de apoio em outras áreas acadêmicas, como a fonaudiologia ou a oratória. Sendo assim, a possibilidade de sugestão de ações no âmbito real seria significativa.

O trabalho ainda se justifica e se faz relevante no aspecto social, pois esse discurso que tem se concretizado neste início de século, nas mais diversas religiões, merece ser estudado e pesquisado, pois é um fator de dimensões sociais de um grupo significativo em nosso país. Segundo (IBGE), conforme dados apresentados pela revista *Sociologia: Ciência & Vida* (2007, p. 52), entre 1991 e 2000, a taxa de crescimento médio dos evangélicos no Brasil foi de 7,9%. Em 2000, eles somavam mais de 26 milhões de pessoas.

Esse número certamente é maior que a população de muitos países do mundo. Esse grupo de pessoas existe e faz parte do Brasil, e mais, está crescendo a cada dia. Essa é uma realidade que precisa e merece ser tomada como objeto de pesquisa.

Escolha do corpus

Selecionar um objeto de pesquisa, ou um *corpus* que pudesse refletir a maioria ou, ao menos, que representasse parte expressiva do grupo de evangélicos no Brasil, constituía nossa preocupação desde o início. Nesse processo, muitos palestrantes foram sondados e ouvidos, porém, norteamo-nos pela revista semanal *Veja*, n. 27, de 12 de junho de 2006, que trouxe a seguinte

reportagem de capa: *O PASTOR É SHOW: uma nova geração de pregadores dá espetáculo e reinventa a fé que mais cresce no Brasil.* Essa revista trouxe um dado que chamou a atenção: "Malafaia tornou-se o campeão brasileiro de venda de DVDs e CDs de pregação (1 milhão de unidades comercializadas por ano) com o discurso evangélico da moda." (p. 83).

Assim, a partir desses números, que consideramos expressivos, e que poderiam, de alguma forma, representar boa parte dos evangélicos, fato que também considerava importante; selecionamos o *corpus.*

Dessa forma, influenciados pelos números, depois de pesquisarmos a história do orador, é que decidimos pesquisar o discurso de Silas Malafaia, psicólogo e pastor, que, "apesar de ter idade e tempo de estrada suficientes para ser considerado um pregador da antiga geração. Basta que comece a falar, no entanto, para que se perceba que sua oratória não poderia ser mais atual". (*Veja*, 2006, p.82). Depois de ouvir e analisar muitas de suas palestras, optamos pela análise da palestra intitulada: "Homossexualismo, aborto e células tronco, a verdade que você precisa saber".

Objetivo

A partir da seleção do *corpus* se nos depararam perguntas como: O que existe neste discurso que o torna tão receptível? Quais são os elementos lingüísticos de que esse palestrante faz uso?

Visando responder a esse tipo de questionamento, nossa pesquisa tem como objetivo analisar qual a influência que os elementos argumentativos e prosódicos têm na constituição da persuasão no texto oral religioso proferido por Silas Malafaia.

Pode-se afirmar que os objetivos gerais são, por meio da pesquisa e análise do texto oral selecionado, o de mensurar se existe algum elemento argumentativo ou prosódico que se manifesta de forma mais evidente que os demais; e assim, sobrepondo-se a outros, impõe um padrão que aparentemente tem influenciado o público dos discursos religiosos atuais, especialmente o evangélico.

Assim sendo, a pesquisa objetiva ainda, verificar se a força da conquista desse novo padrão de discurso se baseia em um conjunto de elementos, que quando articulados concomitantemente provocam um efeito significativo e marcante, ou se é possível apenas uma das áreas ser curiosamente a grande responsável por gerar tal fenômeno.

Dessa forma, a hipótese central deste trabalho fundamenta-se em questionar, a existência ou não de uma colaboração entre a prosódia e os elementos de persuasão, tendo como base os elementos teóricos em que se funda o raciocínio desta pesquisa.

Passos do trabalho

Passaremos, à descrição dos capítulos que integrarão o trabalho em sua forma final.

Por se tratar de um trabalho que lida com um *corpus* essencialmente oral, a estratégia metodológica foi desempenhada seguindo os seguintes caminhos: ouvir, observar, destacar e transcrever os pontos relevantes e que se mostraram interessantes para o estudo em questão e, aos quais, a teoria se aplicava. O arcabouço teórico utilizado, tal como descrito nos capítulos dois, três e quatro, refere-se às áreas de Lingüística Textual, Argumentação, Fonética e Fonologia (mais especificamente as funções lingüísticas prosódicas). Além dos teóricos específicos de cada área, nessa fase do trabalho, contou-se também com os recursos tecnológicos do programa de computação S*ound Forge*.

Para alcançar o objetivo, colocou-se como meta analisar o *corpus* a partir de distintos olhares. Primeiramente uma contextualização sócio-histórica da pesquisa, mostrando alguns aspectos socioculturais do fenômeno religioso na sociedade atual brasileira. Para isso, considerou-se importante apresentar dados e estudos que revelassem a realidade dos evangélicos no Brasil, tais como: quantos são, onde estão, o que fazem, como vivem, qual o grau de escolaridade que possuem, em que crêem, como estão influenciado a sociedade, a política, a mídia e a economia, quem são seus líderes, etc.

Em seguida, fez-se uma análise tendo como foco o texto a partir da Lingüística Textual e suas implicações no *corpus* selecionado. Em outro momento, a análise dos recursos diversos e ricos da argumentação e as dimensões de sua ingerência no discurso oral religioso. Em outro capítulo, o foco voltado para a prosódia e sua influência dentro do discurso em questão.

Por fim, um capítulo com exemplos contendo os três aspectos: textuais, argumentativos e prosódicos, enfocando a maneira como se apresentam no discurso, e como cada uma dessas áreas influencia ou, em algum momento, sofre alguma influência dentro do texto.

A intenção é verificar a existência de um elo entre os diferentes campos estudados; bem como investigar a presença de elementos que corroboram a influência entre as partes; mais especificamente com foco na prosódia, que ao se mostrar de forma muito evidente, pode se colocar como gerador responsável de um efeito diferenciado no discurso evangélico da atualidade.

Entre os aspectos analisados, foi observado também, se havia evidências de um deles se destacar ou sobrepor a outros. Bem como a possibilidade de existir alguma dependência em maior ou menor grau entre esses aspectos, ou alguma combinação específica que, ao atuar concomitantemente, causava efeitos novos no discurso em estudo.

Trata-se de um grande desafio, mas um desafio que cremos ser de grande valor no meio acadêmico, bem como de considerável relevância. Cada aspecto foi abordado com o intuito de trazer à luz nosso objetivo maior: contribuir de forma efetiva para o estudo e pesquisa no campo da lingüística.

Tarefa difícil, sem dúvida, pois sabemos que, na língua, na palavra, encontramos escondidos tesouros sem fim, e o caminho que nos leva a esses tesouros podem ser complexos e enganosos. O discurso está envolvido com pontos opacos e brilhos diversos. Nele encontramos a graciosidade das expressões, ou os segredos escondidos à sombra das palavras, ou ainda os perigos quase que invisíveis que se colocam nos seus contornos**.**

A pesquisa, é claro, não teve a pretensão de exaurir o assunto e nem ser uma palavra final sobre o mesmo, nem tão pouco levantar todos os elementos relacionados ao objeto de estudo, mas teve como meta procurar abranger alguns tópicos relevantes para todos aqueles que tiverem acesso a ela. Com esse propósito, ela foi conduzida para uma conclusão que aborda os tópicos mais relevantes do trabalho visando aclarar os objetivos traçados, e que pudesse ainda trazer, para as hipóteses levantadas, uma resposta satisfatória.

1 EVANGÉLICOS NO BRASIL: TRAJETÓRIA, HISTÓRIA E MARCAS

Pretendemos neste capítulo, fazer uma contextualização sócio-histórica de nossa pesquisa. A meta é ressaltar não somente alguns aspectos socioculturais da religião na sociedade brasileira, mas também, ponderar como estes aspectos têm influenciado de maneira direta essa sociedade.

Para tal, valer-nos-emos de pesquisas realizadas pelo Fundação Getúlio Vargas, bem como de pesquisas feitas por revistas, como as revistas *Veja* e *Você S/A*, ambas da editora Abril, a revista *Sociologia*, da editora Escala, e também de projetos e pesquisas diversos realizados na área.

Além disso, abordaremos também algumas obras que tratam do assunto, tais como: *Religiões do Brasil*: Continuidades e Rupturas, de Faustino Teixeira e Renata Menezes (2006), que trata do expansionismo evangélico pentecostal.

Consideramos importante essa contextualização sócio-histórica tendo em vista o fato de que para entendermos bem um discurso, e a força de sua abrangência sobre determinado público, precisamos antes, conhecer aspectos que dizem respeito a realidade do público que o recebe, bem como de sua linguagem, seu contexto, suas práticas etc.

Perelman (2005, p. 580) afirma:

> Toda linguagem é linguagem de uma comunidade, quer se trate de uma comunidade unida por laços biológicos ou pela prática de uma disciplina ou de uma técnica em comum. Os termos utilizados, seu sentido, sua definição, só são compreendidos no contexto fornecido pelos hábitos, pelos modos de pensar, pelos métodos, pelas circunstâncias exteriores e pelas tradições conhecidas dos usuários.

Enfim, quanto mais conhecermos o contexto e a realidade dos evangélicos no Brasil, melhor vamos compreender o discurso que estão ouvindo. No caso específico, o discurso que tomamos como *corpus*.

1.1 ASPECTOS ATUAIS DA RELIGIOSIDADE NO BRASIL

O Brasil é hoje um dos países com o maior número de evangélicos no mundo. Segundo a revista *Sociologia: Ciência & Vida*, ano 1, número 7, do ano de 2007, Editora Escala, com reportagem de capa intitulada *Brasil, um país pentecostal*, o Brasil hoje perde apenas para os Estados Unidos em quantidade de protestantes, conforme dados fornecidos pelo *World Christian Database* (WCD), uma instituição americana que fornece estatísticas constantemente atualizadas sobre religiões em 238 países.

Tais estatísticas nos levam a questionar as razões que fazem do Brasil um local propício para o desenvolvimento de grupos evangélicos. Talvez, por isso, existam hoje tantos estudos voltados para essa área no país, pois, sem dúvida nenhuma, esse não é apenas um fato interessante, mas bastante curioso e intrigante.

A religiosidade está em alta no Brasil. Segundo dados da Fundação Getúlio Vargas (FGV), o público sem religião caiu de 7,4% para 5,1% entre o período de 2000 e 2003.

O Brasil sempre foi um laboratório fantástico para estudos sobre religião. O fato de ser o maior país católico do mundo e, ainda, concentrar dezenas de outras crenças com as mais diversas origens, por certo, desperta interesse.

É verdade que até meados do século passado, a fé romana era monolítica aqui, e quem admitia não ser católico, de certa forma, se excluía da sociedade e até mesmo da intelectualidade. Mas o cenário atual é inteiramente diferente. O rebanho católico ainda é grande maioria, porém vem sendo assolado pelo crescimento acelerado das igrejas evangélicas.

Primeiramente, julgamos necessário tecer alguns comentários a respeito da caracterização do grupo em questão. Na verdade, quem são os evangélicos brasileiros? A exemplo de toda a América Latina, no Brasil, os evangélicos se dividem em três grupos diferentes: os protestantes históricos, os pentecostais e os neopentecostais. Cada um apresenta características diferentes e reúne em si um grupo de igrejas, ou denominações.

Importante destacar que são classificados como primeiro, segundo e terceiro grupo, unicamente pelas datas em que surgiram no Brasil. O primeiro grupo, dos protestantes históricos em 1824. O segundo grupo, dos pentecostais, no início do século XX, mais precisamente em 1910. E o terceiro grupo, os neopentecostais, a partir de1970.

1.2 PROTESTANTES HISTÓRICOS

Os protestantes históricos, por exemplo, cujas principais igrejas são: Luterana, Presbiteriana, Metodistas e Batistas, apresentam características bastante diferentes dos pentecostais. Segundo a FGV, esse grupo possui renda e escolaridade elevadas, em proporção superior à média nacional, e a proporção de brancos também é maior. Seus fieis concentram-se mais na zona urbana e essas igrejas também abrigam um número maior de adultos e idosos que de jovens. Além disso, apesar do seu ritmo de crescimento nas últimas décadas ter sido sempre inferior ao dos pentecostais, a grande novidade é que, de acordo com o último senso apresentado pelo IBGE, que cobre o período entre 2000 e 2003, esse grupo segue crescendo com taxas mais aceleradas que os pentecostais.

Para liderar essas igrejas, é necessário, antes de mais nada, que os candidatos cursem ao menos cinco anos de teologia, defendam monografia diante de uma banca examinadora; e só depois da aprovação, começam a procura por uma vaga em um dos templos.

Dentro do grupo de pastores das igrejas evangélicas tradicionais, encontramos também muitos que se dedicam e aprofundam nos estudos. É muito comum pastores que tenham ou estejam cursando algum tipo de pós-graduação, seja na área da própria teologia, ou no campo da sociologia, psicologia, antropologia, administração e até mesmo logística. A esse respeito, segundo dados apresentados pela revista *Você S/A*, de novembro de 2005, na reportagem intitulada: *Profissão de fé*, comparando uma igreja tradicional com uma neopentecostal, 17% dos líderes da igreja tradicional têm mestrado ou doutorado, enquanto na igreja neopentecostal esse índice está na faixa de 1%.

Enfim, grande parte dos líderes das igrejas tradicionais está sempre se atualizando em congressos e *workshops*. E muitos deles, por razões diversas, mantêm ainda uma jornada dupla, dedicando-se ao ensino nos seminários, ou em cursos superiores em faculdades seculares.

A verdade é que dentro dessas igrejas, quem não mantém a boa *performance*, corre o risco de ser demitido. O pastor Edson Lopes, da igreja Presbiteriana, que se divide

entre um templo em São Paulo e as aulas de teologia na Universidade Presbiteriana Mackenzie, onde é professor e administra um departamento, diz em entrevista a revista *Você S/A*, de novembro de 2005: “Temos que prestar contas anuais ao presbitério (espécie de conselho eleito pela comunidade religiosa) sobre número de fiéis, implantação de grupos de estudos, pregações”, e completa, “há pastores sem igrejas que ninguém quer contratar”.

De fato, há toda uma pressão sobre esses líderes. Eles são cobrados para terem uma boa formação e, além disso, há uma cobrança, por parte da comunidade, para que sejam um exemplo moral. Assim, são constantemente monitorados, avaliados e, se necessário, substituídos.

Antes, porém, de descrevermos o segundo grupo de evangélicos, que também é o maior, vamos comentar sobre o terceiro grupo que os compõe.

1.3 EVANGÉLICOS NEOPENTECOSTAIS

Esse grupo surgiu na década de setenta no Brasil. São as igrejas neopentecostais, tais como: Universal do Reino de Deus, Internacional da Graça, Renascer em Cristo e Sara a Nossa Terra, entre outras.

Ainda segundo reportagem já citada: *Brasil, um país pentecostal* mostrada pela revista *Sociologia Ciência & Vida*, a socióloga Maria das Dores, coordenadora do Núcleo de Pesquisa Religião, Gênero, Ação Social e Política da Escola de Serviço Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro, essas igrejas têm uma capacidade muito grande de atrair fiéis, pelo fato de estarem abertas o dia todo.

Atualmente, o neopentecostalismo é a vertente que mais cresce no Brasil, e é também a que ocupa maior espaço na TV. Vale destacar que é ainda uma das mais liberais no plano comportamental. Tolerantes na área dos costumes, essas igrejas têm atraído ricos e famosos. Algumas que compõem esse grupo, como a Renascer em Cristo, por exemplo, misturam glamour e *gospel*; e, segundo revista *Veja*, em uma reportagem de Jaime Klintowitz, de dezembro de 2001, além disso, “reúne endinheirados em bairros chiques”. (p.128)

A formação dos pastores e líderes nesse grupo é bastante diferente. Eles geralmente são leigos, e, ao se referir a cursos teológicos dentro destas igrejas, Rogério Rodrigues da Silva, psicólogo e consultor, especializado em espiritualidade no trabalho e autor de tese que ressalta um estudo sobre os pastores na Universidade de Brasília (UNB), em

entrevista à revista *Você S/A*, novembro de 2005 diz: “Nas igrejas neopentecostais, não há tempo para tanto. É necessário formar novos pastores a cada dia para acompanhar sua expansão vertiginosa” (p.67). Ou seja, cinco anos na preparação de um líder é considerado um tempo absurdo para essas igrejas.

O teólogo jesuíta João Batista Libânio, em entrevista à revista *Veja*, em julho de 2002 (p.95), comentando o fato de que grande parte dos pastores dessas igrejas são formados em apenas alguns meses, diz: “Muitos logo acabam fundando a própria igreja e aumentando o poder dos evangélicos”.

De fato, há certa autonomia nesse grupo de igrejas. Diferentemente das tradicionais, não precisam prestar contas a ninguém, ou responder por seus atos a uma organização superior.

Assim, novos líderes e igrejas vão surgindo. Segundo reportagem de Jaime Klintowitz, na revista *Veja*, dezembro de 2001, “Boa parte dos fiéis está olhando para a religião como se estivesse diante de uma prateleira de supermercado. Empurrando seu carrinho, as pessoas escolhem os itens que mais lhe agradam entre os oferecidos”. (126) Em nome da fé um novo e perigoso mercado vai surgindo.

E os números não param, segundo reportagem da revista *Veja*, de julho de 2004, com o tema: *A fé de resultados*, só a Igreja Universal do Reino de Deus, fundada pelo bispo Edir Macedo em 1977, arrebanha 100.000 novas ovelhas por ano.

Enfim, os neopentecostais apresentam algo curioso, entre eles existe uma subdivisão: dois grupos, que apresentam semelhanças e profundas diferenças. Eles se assemelham quanto ao curto tempo de existência, ao crescimento vertiginoso, à breve qualificação e formação de seus líderes, à invasão na mídia, à forma agressiva com que arrecadam dinheiro, à ênfase nos milagres, curas e prosperidade, e até mesmo nos muitos escândalos. Por outro lado, diferem-se radicalmente quanto à classe social. Enquanto igrejas como Universal do Reino de Deus, Deus é Amor e Internacional da Graça se envolvem principalmente com a camada menos privilegiada da malha social, as também neopentecostais, como Renascer em Cristo e Sara Nossa Terra, procuram, de forma incansável, atingir as camadas mais altas da sociedade, incluindo artistas, empresários e todo tipo de gente famosa.

1.4 EVANGÉLICOS PENTECOSTAIS

O Segundo grupo, os pentecostais, é justamente o que mais nos interessa, uma vez que nosso *corpus* se constitui de uma palestra proferida por um pastor oriundo de uma igreja pentecostal.

As características mais marcantes desse grupo, segundo o censo de 2000 realizado pelo IBGE, são as seguintes:

- renda e estudos inferiores à média da população brasileira;
- grande parte recebe até três salários mínimos e ocupa empregos domésticos em uma proporção superior à média nacional;
- estão concentrados, em sua maior parte, nas periferias;
- abrigam mais crianças e adolescentes que adultos;
- presença de negros e pardos superior a média da população brasileira.

Seus cultos são cheios de emoções, vão do riso ao choro. Sempre há muita música, palmas, gritos, e, em algumas igrejas, até mesmo dança.

Outra característica dos cultos pentecostais é a presença de uma mensagem extremamente pragmática. E em um país onde as pessoas vivem à espera de soluções, principalmente as classes menos favorecidas, que forma o grande volume dos pentecostais, o fato de se prometer soluções rápidas e precisas (verdadeiras ou não), certamente cativa e conquista.

“A solução dos mais variados problemas é prometida na igreja. Serviços mágico-religiosos, adaptados aos interesses materiais e ideais dos estratos mais pobres da sociedade, são colocados diariamente à disposição dos fiéis” (p. 56), explica o sociólogo Ricardo Mariano na revista *Sociologia Ciência & Vida* 2007, ano 1, número 7. Diante de promessas assim, que, aliás, estão muito presentes também nas igrejas neopentecostais, pessoas afluem com fé, a procura de soluções mágicas para os mais diversos problemas.

Há de se destacar que há um grande número de pastores negros, o que desperta uma extrema identificação étnica dentro desse grupo. Com relação a formação dos pastores dentro das igrejas pentecostais, o que ocorre é que na grande maioria, são leigos, muitos até com baixa escolaridade.

Mas há também um grupo que se dedica ao estudo, cursam seminários, enfim, se preparam e se profissionalizam. E é justamente dentro desse grupo que se encontra o palestrante que estamos estudando: Silas Malafáia, além de possuir curso teológico, é graduado em Psicologia. É também conferencista internacional e tem se tornado cada vez mais conhecido entre os evangélicos e não-evangélicos dentro e fora do Brasil. Organiza grandes eventos de repercussão nacional, como congressos e cruzadas evangelísticas.

Silas Malafáia possui, diariamente na CNT, às 14h e 19h um programa chamado *Vitória em Cristo;* bem como na Rede TV aos sábados, às 9h; e, em rede nacional de televisão, também todos os sábados, pela Bandeirantes, às 12h. Todos esses programas têm uma hora de duração, somando assim, 10 horas semanais no ar. Poucos apresentadores na televisão brasileira estão no ar por esse montante de tempo.

Vale destacar aqui que talvez o único capaz de desbaratar esse tempo "no ar" é o também evangélico e neopentecostal R. R. Soares, da Igreja Internacional da Graça, que não se satisfazendo com as 100 horas semanais que ocupava na televisão brasileira, realizou seu grande sonho e colocou nos últimos anos seu próprio canal de televisão, a Rede Internacional de Televisão (RIT), 24 horas no ar, conforme mostra revista *Veja* numa reportagem em que abordava justamente a presença dos evangélicos na mídia, de julho de 2002.

Voltando ao perfil dos pentecostais, pesquisa realizada pela *World Christian Database* revela que três em cada quatro protestantes da América Latina são pentecostais. Dentro desse grupo, encontramos no Brasil igrejas como: Deus é Amor, Congregação Cristã no Brasil, Brasil Para Cristo, Assembléia de Deus, a que pertence o pastor que estamos analisando, e outras. Tais igrejas são apontadas como as principais responsáveis pelo grande crescimento numérico de evangélicos no Brasil.

Segundo o sociólogo Ricardo Mariano, do Departamento de Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, em declaração à revista *Sociologia*, a quantidade de pentecostais no Brasil mais que duplica em cada década. E ainda de acordo com o IBGE, a média de crescimento das igrejas pentecostais foi de 8,9% anualmente na última década do século XX.

Conforme pesquisadores da área, como a socióloga Maria das Dores Machado, que diz para a revista *Sociologia Ciência & Vida*, ano 1, n. 7, o perfil destes milhões de pentecostais que vêm acelerando o crescimento dos evangélicos em nosso país não é difícil de ser identificado: "a maioria dos fiéis são mulheres, negros e pobres, com baixa escolaridade e renda" (p. 53).

Ainda segundo pesquisadores, são muitas as razões que têm favorecido o crescimento acelerado dos pentecostais no Brasil. A despeito da necessidade que a grande maioria dos seres humanos tem de acreditar em algo transcendente; antes de mais nada, este país tem sido um terreno fértil para a prática protestante

Além desse fato, é sabido que a igreja Católica adotou no passado, em comparação com outros países da América Latina, uma posição bem mais amena, em relação ao ingresso dos protestantes; e isso facilitou o trabalho, em especial, dos pentecostais.

1.5 CARACTERÍSTICAS COMUNS AOS TRÊS GRUPOS EVANGÉLICOS

Comecemos pela Teologia. De modo geral, os evangélicos colocam sua fé apenas em Deus. Acreditam na Trindade, isto é, Deus é, ao mesmo tempo, o Pai, criador de todas as coisas, Jesus Cristo, o filho e também o único caminho que leva à salvação, por causa do sacrifício na cruz, e o Espírito Santo, consolador e doador de todos os dons. Não adoram nem cultuam santos ou imagens. Crêem firmemente no céu e na vida eterna e também no inferno e na condenação eterna, mas não acreditam no purgatório. Acreditam, esperam e buscam milagres, curas e prodígios.

Condenam toda sorte de pecado e procuram seguir os ensinamentos bíblicos; aliás, a grande maioria deles lê e estuda a Bíblia regularmente, e acreditam que a Bíblia é a própria palavra de Deus, portanto, trata-se de um livro sagrado, que não pode ser refutado.

Outra característica dos evangélicos é que freqüentam a comunidade a que pertencem com muita regularidade, e não somente isso, mas envolvem-se com ela e com as pessoas que a compõem.

Consideramos importante lançar um olhar atento às mulheres, pois elas são maioria no meio evangélico e, principalmente, no mundo pentecostal. Um dos motivos que contribui para esse fato é esclarecido pelo IBGE ao afirmar que algumas questões centrais para as mulheres de hoje, como por exemplo: contracepção, divórcio e aborto sempre foram tabus para a igreja Católica, que, além disso, nunca incentivou as mulheres para as conquistas profissionais.

Hoje, cerca de um terço das famílias no Brasil é chefiada por mulheres. Essas mesmas mulheres, que muitas vezes têm pouco espaço para discutir seus problemas,

encontram, nas igrejas evangélicas, quem as ouça e lhes ofereça soluções, perspectivas e esperanças. Os dados mostram que as mulheres no Brasil trocaram de crença, mas buscando com intensidade a religiosidade.

Importante mencionar que muitas igrejas dos três grupos evangélicos no Brasil aceitam mulheres como pastoras, ao passo que a igreja Católica sequer cogita a possibilidade da ordenação de mulheres.

Também, segundo reportagem de Mara Figueira, revista *Sociologia Ciência & Vid*a, ano 1, n. 7, (p. 54), a forma como as igrejas evangélicas se organizam para lidar com seus fiéis, as estratégias que usam não somente para atraí-los, mas também para cativá-los, tem alcançado sucesso.

O trabalho da liderança, no caso, o pastor, se mostra bastante eficaz. Além do fato de que hoje no Brasil, segundo últimos dados do IBGE, existem 17,9 vezes mais pastores evangélicos por fiéis do que de padres por católicos, o que obviamente proporciona uma assistência muito mais presente para o primeiro grupo; eles têm um líder que "fala a língua dos pobres em detrimento da erudição teológica, que ainda é diminuta no meio pentecostal", explica o sociólogo Ricardo Mariano na revista *Sociologia Ciência & Vida*, ano 1, número 7, (p. 55).

Ressaltamos nesse ponto, o valor que existe no discurso que alcança a língua do público que se deseja atingir. Abordaremos tais aspectos de forma mais detalhada ao tratarmos do tema argumentação.

Além disso, esses líderes têm em seu favor a proximidade com os fiéis. Eles, ao contrário dos líderes católicos, se vestem como os fiéis e levam uma vida bastante parecida com a deles, isto é, casam-se, constituem família e, por isso, sabem, na prática, o que é viver a vida comum do lar. Sabem também o que é lutar por um casamento, o quanto custa buscar uma vida de fidelidade conjugal, administram finanças, além de preocuparem-se com a criação e educação dos filhos. Enfim, vivem o dia a dia de forma extremamente comum, um estilo muito parecido com o que seus fiéis estão vivendo.

Para não perdermos de foco nosso alvo principal, que é o discurso; é mister destacar que Perelman (2005) defende a idéia de que a existência desse convívio de semelhanças entre a realidade do orador e seus ouvintes, os aproxima na hora do discurso.

Outro fato que chama a atenção e que merece destaque, é que esses líderes falam como qualquer um dos fiéis. Há aí uma identificação com o vocabulário, ainda segundo a socióloga Maria das Dores na revista *Sociologia Ciência & Vida*, ano 1, número 7, "firma-

se assim, a sensação de que o pastor está falando personalizadamente para o fiel ouvinte" (p.55).

Essa proximidade dos líderes evangélicos aos seus fieis, bem como essa identificação de realidades, de vocabulário, pode ser um dos motivos que tem contribuído para que esse discurso seja tão bem aceito e recebido nos dias atuais. Assim, em termos argumentativos, tal aspecto apresenta um grau considerável de relevância. Esse fato também será abordado no capítulo em que trataremos sobre argumentação.

Ouvir um pastor, que também é pai, falar sobre criação de filhos, ou expor seus desafios, lutas e vitórias faz muito mais sentido do que ouvir alguém que nunca experimentou a paternidade. E, certamente, há um peso bem mais significante nessa mensagem que vem, naturalmente, revestida de autoridade. É a presença do discurso autorizado, que abordaremos em outro capítulo.

Olhando por esse foco, o discurso proferido nos púlpitos evangélicos pelos pastores e líderes torna-se mais palpável. Uma vez que há, nesse discurso, uma chama de realidade, de experiência, onde o palestrante o permeia com modelos e até antimodelos, que são aspectos muito fortes na argumentação; bem como os testemunhos pessoais, que possuem força própria, e, que espontaneamente, faz com que esse discurso deixa de ser abstrato, e se encharque de realismo.

Ainda que não enxerguemos, há um diálogo que se trava no meio desse discurso. Uma cumplicidade referente à condição de igualdade que é compartilhada entre falante e ouvinte. Como diz Reboul (2004, p. 105):

> Ensinar uma matéria é conferir-lhe uma clareza, uma coerência que ela não tem necessariamente como ciência, é passar da invenção à elocução e à ação, porém muitas vezes em detrimento do conteúdo propriamente científico.

Essa clareza e coerência, de certa maneira, estão relacionadas com as experiências que são passadas durante as preleções, ou seja, o sermão deixa o mundo das idéias e parte para o mundo das ações.

E é ainda Reboul (2004, p. xix) que diz:

> Para ser bom orador, não basta saber falar; é preciso saber também a quem se está falando, compreender o discurso do outro, seja esse discurso manifesto ou latente, detectar suas

> ciladas, sopesar a força de seus argumentos e, sobretudo captar o não-dito.

Da mesma forma que o orador precisa ter essa sensibilidade, o ouvinte também está permeável a esses sentimentos; ele também está ali não apenas ouvindo o que lhe fala, mas participando e compreendendo o discurso que lhe está sendo colocado; bem como detectando a força dos seus argumentos e captando o não-dito.

Em outras palavras, ele está ligado. E tudo o que lhe é dito o alcança, não somente com o peso das palavras, mas essa mensagem lhe chega de forma multifacetada. E quanto mais ele se identificar com seu falante, mais poder de alcance esse discurso terá.

Há também um contato físico, as pessoas se dão as mãos, se abraçam, choram juntas. Com relação a esse comportamento, a socióloga da UFRJ, Maria das Dores Machado, mais uma vez coloca seu parecer para revista *Sociologia* 2007, ano 1, número 7: “Isso é extremamente terapêutico para quem está em sofrimento. Mexe com a química corporal, alterando o estado de humor das pessoas” (p. 56).

E é mais uma vez a socióloga Maria das Dores quem diz que as igrejas evangélicas constituem um espaço social para grupos marginalizados, sendo um local de lazer, de encontro, especialmente para quem vive em áreas carentes. Nelas, as pessoas se sentem acolhidas, formam um ciclo de amizade, há um sentimento de aceitação. Dessa forma, as igrejas começam a ocupar um espaço vazio, que poderia ser preenchido, por exemplo, por movimentos sociais.

As pesquisas mostram também que nas áreas de piores condições de moradia, como favelas, cortiços, mocambos etc., a presença de pentecostais é simplesmente notável: 16,93%.

Nos dias atuais, ao falarmos de crescimento evangélico, em especial, crescimento dos evangélicos pentecostais, não estamos tratando apenas de números, mas é preciso lidar com a força e a influência desse segmento religioso na política, no mercado, com produtos religiosos, na assistência social, e, de forma muito marcante, nos meios de comunicação.

Com relação a este último item, fato importante citado pela revista *Sociologia* é que o sucesso dos pentecostais, de forma alguma, pode ser pensado sem levar em consideração o uso de mídias, como o rádio e a televisão.

Inclusive, a socióloga Maria das Dores Machado diz ainda na revista *Sociologia* 2007, ano 1, número 7, (p. 59) que um dos motivos da entrada dos evangélicos no

campo da política está também relacionado com o desejo dos pentecostais de influenciarem a deliberação de concessão de rádio e televisão, bem como elaboração de leis. Mas principalmente, para participar na distribuição do bolo de verba social, que hoje está a cargo dos católicos.

Na política, no momento, provavelmente em função dos muitos escândalos envolvendo políticos evangélicos, o que se tem visto é uma queda nos números que vinham crescendo desde 1982.

Porém, em relação à mídia, os números são bem diferentes. Não somente são positivos, mas permanecem crescendo em ritmos assustadores. O Brasil é o segundo país em produção de programas religiosos, perdendo, mais uma vez, apenas para os Estados Unidos.

A terceira maior rede de televisão brasileira, a Rede Record, pertence à neopentecostal igreja Universal do Reino de Deus. E curiosamente, 20% das rádios brasileiras são de propriedade de grupos evangélicos. E ainda segundo pesquisa realizada pelo *Pew Fórum on Religion & Public Life*, 78% dos evangélicos acompanham programas religiosos de rádio ou de TV ao menos uma vez por semana.

Se de um lado esse crescimento faz chover acusações sobre métodos pouco ortodoxos de arrecadação de fundos e conversão de fieis, por outro, produz um curioso, mas efetivo benefício social. As estatísticas nos mostram que fincados nos bairros e regiões carentes, muitas dessas comunidades evangélicas, promovem a redução de vários índices negativos, “começando pelo total de alcoólatras e terminando no número de ocorrências criminais”(p.108) revista *Veja*, 07 de julho de 2004. O que nos leva a considerar o poder de alcance do discurso que é proferido nessas comunidades.

É certo que não podemos desprezar o comportamento dos muitos pastores que vêem hoje a religião puramente como um grande negócio. E aproveitando o crescimento do número de fiéis, que consequentemente gera dinheiro na forma de dízimo, envolvem-se em escândalos vergonhosos, e se perdem em falcatruas, denúncias e investigações.

Ainda assim, apesar desse quadro lamentável, o sociólogo Rubem César Fernandes, diretor executivo do movimento Viva Rio e pesquisador do Instituto de Estudos da Religião, afirma em uma reportagem à revista *Veja*, de julho de 2004, (p.108) que “Quando uma igreja evangélica entra numa comunidade pobre, contribui para elevar a auto-estima dos moradores e gera um efeito disciplinar”. Mais uma vez chama-nos a atenção para o discurso que está inserido dentro dessa comunidade. As pessoas, em sua maioria, são persuadidas por aquilo que ouvem. Apesar dos muitos aspectos que abrangem uma comunidade evangélica, não podemos deixar de considerar que o discurso coopera com uma parcela significativa.

Uma das possíveis explicações para esse fato, ou seja, o crescimento da auto-estima dos moradores e a mudança na disciplina, pode estar nos números que mostram os dados do Instituto Superior de Estudos da Religião (Iser): 80% dos evangélicos afirmam participar de obras sociais com regularidade. Esse índice é quatro vezes maior que no rebanho católico.

Sem dúvida alguma, levantar um grupo de voluntariado, que conhece profundamente a realidade local, pois já vive há muito ali, e está totalmente inserido no contexto (além de estar estimulado pela presença da igreja, que se preocupa com a criação de uma nova ética), trará grandes possibilidade de sucesso.

No campo da sexualidade, o que as pesquisas nos mostram, conforme revista *Veja*, julho de 2002, p. 89, é que 90% dos adeptos de igrejas evangélicas são pessoas que acreditam que a moral sexual do homem e da mulher deve ser igual. Aliás, de modo geral, há uma preocupação muito grande com relação à moral sexual dentro das igrejas evangélicas.

Esse é um ponto de extrema vantagem que calça os argumentos apresentados por Silas Malafaia na palestra em estudo, ao tratar de sexualidade. Há toda uma formação ideológica na mente do público que o ouve, que certamente embasa e solidifica seus argumentos.

Outro ponto a ser destacado com relação à presença evangélica no país, diz respeito à educação. As denominações evangélicas administram hoje mais de 1000 escolas no Brasil, com uma clientela em torno de um milhão de alunos.

Isso se dá porque “Os fundamentos do movimento protestante pregam a moralização do indivíduo e o desenvolvimento de uma ética de responsabilidade social”, afirma Almir de Souza Maia, em uma reportagem concedida à revista *Veja* em julho de 2002, (p. 95), época em que era não somente reitor da Universidade Metodista de Piracicaba, mas também presidente da Associação Brasileira de Instituições Educacionais Evangélicas.

Interessante ainda destacar que as pesquisas mostram, dentro deste grupo, um grande investimento em educação. A média de leitura dos evangélicos brasileiros gira em torno de seis livros por ano — segundo comentário dos jornalistas Maurício Oliveira e Neide Oliveira, da revista *Veja*, julho de 2002, p. 95, esse número representa o dobro da média nacional.

Em conseqüência a tudo isso, e quase como um efeito dominó, surge, então, um mercado fortíssimo à sombra desses novos tempos: o mercado *gospel*. Em nome da fé, vende-se de tudo. Não apenas Bíblias e livros evangélicos, mas, roupas, acessórios, materiais

de papelaria e escritório em geral, jogos, brinquedos, cosméticos, alimentos, adornos e, principalmente, CDs.

Esse último é um mercado que explodiu no meio evangélico, com milhares de artistas e bandas, que lançam seus CDs e DVDs a todo instante, e movimentam muito dinheiro com a venda desse material. Existem cantores e grupos evangélicos que vendem, sem muita dificuldade, mais de um milhão de cópias. Tais números assustam, pois, até mesmo no meio secular, essa não é uma meta muito fácil de ser alcançada. Além disso, os artistas *gospel* cobram valores exorbitantes para se apresentarem nos "shows" que promovem em nome da fé. Vale ressaltar que a maioria desses eventos é sempre muito bem elaborada, alguns com estruturas de ponta, contando com a mais alta tecnologia do mercado, no que diz respeito a som, iluminação, logística e coisas afins.

Mas, para se obter tudo isso, sonhos e boas idéias não são suficientes; é necessário esforço e trabalho. E quando falamos de trabalho, consequentemente, mexemos com o mercado financeiro. As estimativas em 2002 eram que, ainda naquela época, segundo dados fornecidos pela pesquisa de revista *Veja*, 03 julho de 2002, p. 90, o conjunto de todo esse novo mercado que surgiu com o crescimento dos evangélicos movimentava mais de três bilhões de reais por ano e criava dois milhões de empregos diretos e indiretos.

Queremos destacar ainda que, dentro deste novo e imenso universo de produtos e serviços que citamos, o mercado de CDs e DVDs no meio evangélico também é composto por palestras, estudos e sermões, dos milhares de pastores, das mais diversas denominações. Na verdade, atualmente, esse tem sido um ponto extremamente forte a ser destacado, por ser uma prática que vem crescendo a cada dia.

Esse detalhe, dentro do universo que acabamos de descrever, chama-nos a atenção. Como pode um palestrante vender mais de um milhão de CD/DVDs por ano? O que tanto cativa esse público?

Logicamente, essas e outras perguntas não poderiam ser respondidas apenas no âmbito sociológico, antropológico, ou ainda teológico. Entendemos que, entre as muitas ciências, nesse ponto em particular, a lingüística pode ser também bastante eficaz na busca de respostas ou explicações.

Nosso intuito é mergulhar nesse objeto de estudo e utilizando o respaldo teórico fornecido pela Lingüística, entender um pouco mais desse universo.

Concluindo, é impossível simplesmente ignorar tudo o que tem ocorrido no Brasil no que diz respeito à religiosidade. Nosso país tem sofrido forte impacto e influência, nas mais diversas áreas, em função da presença crescente dos evangélicos. Nesse sentido,

entender o fenômeno da religiosidade acaba sendo um meio de descrever, não apenas o Homem brasileiro, mas o próprio Brasil como nação. Sabemos que centenas de estudiosos e pesquisadores têm se interessado pelo tema, que, como já dissemos, é extenso e possui dezenas de ramificações que merecem ser observadas, pesquisadas, catalogadas e colocadas à disposição da população. De nossa parte, buscaremos dar uma contribuição ao entendimento desse fenômeno a partir do olhar da Lingüística e de seus instrumentos.

Dessa forma, acreditamos que nosso trabalho, tendo como foco principal os aspectos lingüísticos dentro do discurso evangélico da atualidade, pode contribuir de forma positiva para o entendimento da cultura e da constituição da nossa sociedade.

2 CONDIÇÕES E ELEMENTOS DIVERSOS QUE CORROBORAM A CONSTRUÇÃO DO TEXTO ESCRITO/ORAL

Neste capítulo abordaremos questões referentes às características que constituem o texto escrito/oral e que consideramos relevantes para nossa pesquisa.

Nosso alvo não é tão somente abordar algumas teorias sobre o texto, mas é procurar ressaltar as implicações dessas teorias sobre o *corpus* analisado.

Pretendemos calçar nossa análise nas afirmações de Fávero (2005), que aborda as principais questões da oralidade e da escrita e oferece uma visão bastante atual sobre esse assunto, e ainda nas considerações feitas por Koch (2003), com relação às atividades discursivas e suas marcas na materialidade lingüística e, mais especificamente, no estudo da construção dos sentidos no texto falado.

Esclarecemos que apesar de estarmos lidando com um texto basicamente oral, que é uma característica do gênero palestra, tal texto, em muitos momentos, está mesclado por trechos que foram anteriormente escritos, e que no momento da apresentação são lidos pelo palestrante. Esse fato requer certa atenção e cuidado, pois nos leva, neste capítulo, a trabalhar, concomitantemente, com duas modalidades: o texto escrito e o texto oral, os quais apresentam diferenças significativas, apesar de pertencerem ao mesmo sistema lingüístico.

Koch (2003), em sua obra *O texto e a construção dos sentidos*, cita Marcuschi (1993, p. 4-5) que afirma que “as diferenças entre fala e escrita não se esgotam nem têm seu aspecto mais relevante no problema da representação física (grafia X som), já que entre a fala e a escrita medeiam processos de construção diversos”.

Ainda na mesma obra, Koch (2003, p. 80) menciona uma metáfora que foi citada por Halliday (1985, p. 74) “Para o leitor, o texto apresenta de forma sinóptica: ele existe, estampado numa página – por trás dele vê-se um quadro. Já no caso do ouvinte, o texto o atinge de forma dinâmica, coreográfica: ele acontece, viajando através do ar — por trás dele é como se não existisse um quadro, mas um filme”.

Tal afirmação pode figurativizar, de forma mais clara, a maneira como muitos recebem o texto escrito e o texto falado. O interessante dessa metáfora é que ela, de certa forma, ameniza a grande questão que se instaura em torno do texto falado e escrito. Existem

sim diferenças e preferências e, exatamente por essa razão, os estudiosos devem agir sempre com cautela e respeito com relação às particularidades de cada modalidade.

Ainda é Koch (2003, p. 77) que cita algo que Halliday afirma:

> Enquanto o texto escrito possui maior densidade lexical, o texto falado, ao contrário do que se costuma afirmar, possui maior complexidade sintática. Desta forma, fala e escrita apresentam tipos de complexidade diferentes.

Koch (2003) afirma que, curiosamente, existem textos escritos que se situam muito próximos do pólo da fala conversacional, e um bom exemplo destes seriam os bilhetes, textos de humor e conteúdos do gênero. E existem também textos falados que se aproximam bastante do pólo da escrita formal, e as conferências ou palestras se encaixam nesse grupo. Por fim, existem ainda os textos mistos.

A partir dessa afirmação, é possível dizer que o texto em estudo se encaixa na modalidade dos textos mistos, por apresentar informações bastante formais, inclusive, como já dissemos**,** em certos momentos, ele é realmente lido, mas também por carregar, em sua maior parte, as marcas conversacionais.

Por se tratar de uma palestra em vídeo, é possível perceber que mesmo nos momentos em que o locutor não lê o texto**,** apesar de toda espontaneidade, ele está sempre seguindo um *script* e se valendo de anotações e pesquisas realizadas anteriormente.

Fávero (2005) diz que a escrita tem sido vista como de estrutura complexa, formal e abstrata, enquanto a fala, de estrutura simples ou desestruturada, informal, concreta e dependente do contexto. Com base nessa afirmação, é importante destacar que o texto por nós analisado se trata de uma palestra, que apresenta tanto marcas de um texto escrito como de um texto falado.

Pretendemos destacar também a influência que as condições de produção exercem sobre o texto, pois de acordo com essas condições, formulações lingüísticas irão apresentar aspectos específicos de conformidade com o conteúdo produzido.

Segundo Fávero (2005), quanto mais o locutor tem conhecimento dessas condições de produção, maior será a abrangência da sua mensagem. Ou quanto mais conhecimento e consciência ele tiver do seu papel social, das preferências do seu interlocutor, das características pessoais deles (nesse caso específico, interesses e crenças), mais favorecida se tornará essa relação, e mais forte e abrangente esse discurso pode se fazer.

2.1 Fatores Constitutivos da atividade conversacional

Fávero (2005) apresenta alguns fatores constitutivos da atividade conversacional com relação à organização da fala e da escrita. Tendo em vista o fato de que a palestra é um evento comunicativo, passaremos agora à apresentação de como esses aspectos significativos se dão, para que os mesmo nos sirvam de respaldo em nossa análise.

Com relação à situação discursiva, geralmente o evento palestra apresenta as seguintes características: formal, tendo em vista sua estrutura; o evento da fala é profissional, institucional, e o tema é prévio. O objetivo do evento também é prévio, e o grau de preparo necessário para a efetivação dele é elevado.

Em contrapartida, em outros momentos, apresenta-se informal, em que o palestrante se expressa de maneira muito direta. Nesse instante o evento da fala é casual e espontânea, com temas também casuais. O objetivo do evento é nenhum, e o grau de preparo necessário é muito pouco, e, em certos momentos, quase nenhum.

Como afirma Koch (2003), é justamente nessa informalidade que é possível interromper e corrigir quando se percebe que algo foi formulado errado; ou ainda inserir explicações e/ou exemplos, ou fazer uso de paráfrases para que seu interlocutor compreenda de maneira plena o que se deseja dizer. E ainda acrescentar expressões atenuantes quando se percebe que algo ofensivo ou excessivamente categórico foi dito.

Como sabemos, a língua falada foi considerada durante muito tempo, até meados da década de 1960, como o lugar do “caos”, talvez isso tenha se estabelecido assim**,** porque nela encontramos um volume significativo de elementos pragmáticos. Atualmente, porém, a linguagem não se mostra apenas como uma simples verbalização, mas ela se encontra incorporada nas análises textuais.

A esse respeito, Koch (2003, p. 81) afirma: “Assim sendo, o texto falado não é absolutamente caótico, desestruturado, rudimentar. Ao contrário, ele é uma estruturação que lhe é própria, ditada pelas circunstâncias sócio-cognitivas de sua produção, e é a luz dela que deve ser descrito e avaliado”. Dessa forma, a autora não vê o texto falado como muitos o vê, mas, ao destacar suas flexibilidades, ela valoriza o estilo e discorda do fato dele parecer caótico.

É sabido também, que o envolvimento presente na língua falada é bem maior que na língua escrita, pois no primeiro caso, a presença de estratégias de monitoração, como pausas, entonações e outros, bem como o uso do discurso direto e dos pronomes na primeira

pessoa, e ainda, o uso particular de formas enfáticas (realmente, certamente) são marcas constantes.

Vale considerar que se nos propusermos fazer uma análise da coesão e coerência no texto falado, essa se dará de modo distinto da análise feita em textos escritos, porque, como bem diz Fávero (1999, p. 93), "a conversação é de natureza diferente: ela se produz dialogicamente, como criação coletiva dos interlocutores". Assim, em se tratando de texto falado, os tópicos discursivos apresentarão propriedades diferentes.

Essas e outras características peculiares à estrutura do texto falado, provavelmente se apresentam de forma marcante no *corpus* em estudo, por se tratar de uma interação face a face. Só não podemos desprezar a idéia de que, apesar disso, a palestra é, ao mesmo tempo, uma interação à distância, em que não há possibilidade de participação direta e imediata do interlocutor, como ocorre no texto oral.

2.2 Estrutura do texto escrito

Com base nas afirmações de Fávero (2005), a estrutura do texto escrito apresenta características ou marcas lingüísticas que orientam e direcionam o interlocutor, com o fim de proporcionar o efeito de compreensão pretendido pelo produtor.

Por considerarmos relevante em nossa pesquisa focarmos essa estrutura, passaremos agora a observar alguns de seus aspectos.

Geralmente, um texto escrito tem no parágrafo uma de suas unidades de construção. Segundo Fávero (2005), é o conjunto dessas unidades, que quando bem elaborados e encadeados, dão o sentido pretendido ao texto.

Características como unidade, coerência, concisão e clareza contribuem para a construção de um texto bem estruturado.

Em um texto em que encontramos unidade, as idéias secundárias estão sempre relacionadas à idéia principal. O relacionamento entre as idéias proporciona a ele coerência, e a quantidade de informação adequada ao objetivo do texto, presente em cada parágrafo, tornando-o conciso, facilita a compreensão. Por fim, a escolha das palavras adequadas, proporciona clareza, dando ao texto um alcance maior e mais abrangente.

A transição de um parágrafo para o outro, ou a transição de idéias, não deve ser feita de forma brusca ou descuidada, mas deve procurar obedecer a um encadeamento lógico e natural, que facilite a compreensão.

2.3 Atividade de formulação do texto oral

Formular um texto é certamente uma tarefa que exige certa habilidade e requer do locutor não somente a capacidade de organizar e estruturar os enunciados, mas também fazer com que o mesmo seja compreendido. Nesse processo e esforço, o locutor deixa alguns traços, ou marcas em seu discurso.

Baseados nas considerações de Fávero (2005), vamos perceber que as atividades de formulação do texto oral podem ser subdivididas em dois tipos de formulações: a formulação *stricto sensu*, aquela em que o locutor não encontra problema de processamento, que geralmente são raras em um texto oral; e a formulação *lato sensu*, em que ele encontra problemas de formulação e deve resolvê-los. É quando acontecem as hesitações, paráfrases, repetições e correções, tão comuns e presentes na grande maioria dos textos orais.

Analisando se algumas dessas marcas se fazem presentes no texto, percebemos e destacamos os seguintes aspectos:

Hesitação – é caracterizada como um "problema" que é captado durante sua formulação, ou seja, um curto estado de dúvida ou incerteza, que normalmente acomete o falante.

É sabido que a fluência na fala contribui para a queda do índice de desvios de atenção provocado por constantes quebras de seqüência, que ocorrem no curto período (segundos) em que se dão as hesitações do falante.

Esse problema de formulação, sendo sanado, contribui para que o falante tenha seu ouvinte envolvido por um período maior. Tal estratégia não dá a ele espaço para se desviar ou distanciar, ainda que por segundos, do assunto abordado. Assim, o falante o mantém sempre atento e concentrado no foco.

Outra marca que diz respeito ao texto falado é a repetição. Segundo Marcuschi (1996), esse é um aspecto facilmente encontrado na oralidade, que além de organizar o discurso e o tópico, mantém a coerência textual e ainda gera seqüências mais compreensivas.

Importante esclarecer que existe também a repetição com aspectos diferentes, acompanhada de expressões fisionômicas, movimentos com o corpo, e com uma entonação diferente, usadas quando se deseja ridicularizar ou ironizar alguém ou algo que foi dito. Esse é um tipo de repetição, que segundo Koch (2003) também é uma ilustração com inserção.

Ainda focando os aspectos presentes na atividade de formulação, enquadra-se também neste tópico a correção, que nada mais é que a reprodução de enunciado lingüístico anterior.

E ainda a paráfrase, cuja função principal é a de garantir a intercompreensão. Ou seja, ela nada mais é que um enunciado que reformula um anterior e com o qual mantém uma relação de equivalência semântica.

2.4 A construção do sentido no texto falado

Koch (2003), ao tratar da construção do sentido no texto falado, discute algumas estratégias de construção, descrevendo seus tipos e funções.

Entre as principais estratégias de processamento do texto falado, podemos citar as funções de inserção, que nada mais são que um tipo de estratégia a que o locutor recorre para incluir algum tipo de material lingüístico, que podem ter vários intuitos, alguns deles são para introduzir explicações ou justificativas.

O objetivo dessas inserções, segundo Koch (2003), pode ser também de apresentar ilustrações ou exemplificações.

A inserção pode ainda introduzir comentários metaformulativos, em que palavras esclarecedoras são usadas para explicar o significado de uma outra mais complexa ou desconhecida.

A inserção pode também ter a função de despertar ou manter o interesse daquele que está ouvindo, uma função interacional, que pode ser de questões retóricas.

Existem ainda as inserções com introdução de comentários jocosos.

É certo que também existem outras funções interacionais importantes nas inserções, como por exemplo, servir de suporte para a argumentação em curso.

De acordo com Koch (2003, p. 84), há também inserção para “expressar a atitude do locutor perante o dito, introduzindo, por exemplo, atenuações, avaliações, ressalvas”.

A reformulação, seja ela retórica ou saneadora, também é uma das principais estratégias usadas na construção do sentido do texto falado.

No caso da reformulação retórica, que se caracteriza essencialmente pelo aspecto interacional, acontece basicamente por meio de repetições e parafraseamentos, com uma função bem definida: reforçar a argumentação.

Interessante destacar que a reformulação retórica pode ter também a função cognitiva de facilitar a compreensão. Isso se dá quando acontece uma desaceleração do ritmo da fala, ou seja, o falante parece usar essa técnica para dar um tempo maior para o ouvinte processar o que está sendo dito.

Concluindo nossa análise, podemos afirmar que é certo que existe um leque extenso de estruturas e estratégias que envolvem o texto escrito ou oral, e que muitas delas, por não considerarmos relevante para nosso estudo, não foram tratadas aqui.

Porém, acreditamos que aqueles que conseguem fazer uso mais amplo das diversas ferramentas que compõem as estruturas textuais, proporcionarão ao texto qualidades também mais expressivas.

Fatores constitutivos da atividade conversacional, elementos que estruturam o texto escrito, marcadores convencionais, atividades de formulação, tudo isso, atrelado as condições de produção, e manuseado de forma equilibrada e eficaz, certamente pode dar ao texto um significado diferente e mais abrangente.

Por considerarmos importante o conhecimento do gênero a que pertence um objeto de estudo, pois acreditamos que tal informação proporciona ao analista uma visão mais ampla do texto, dando a ele condições de avaliar e comparar dados, passaremos a seguir a uma definição de gênero.

2.5 CONSIDERAÇÕES ACERCA DE GÊNERO

Certamente é uma tarefa complexa a análise de qualquer texto, pois ela inevitavelmente passa pela interação texto-sujeito. Koch (2003) trata desse ponto com propriedade, bem como da relação texto X contexto que ela afirma variar consideravelmente não só com relação ao tempo, mas também com relação ao autor; e ainda dá ênfase na necessidade de se buscar e identificar os diferentes gêneros na análise do texto

É impossível comunicar-se verbalmente a não ser por um gênero.

> "o gênero passou a ser uma noção central na definição da própria linguagem. É um fenômeno que se localiza entre a língua, o discurso e as estruturas sociais, possibilitando diálogos entre teóricos e pesquisadores de diferentes campos e, ao mesmo tempo, trazendo elementos conceituais viabilizadores de uma ampla revisão de todo o aparato teórico da lingüística".(MEURER; BONINI; MOTTA-ROTH, 2005, p.8)

Consideramos relevante, logo a princípio, deixar claro que gênero de texto não é tipo discursivo. Trata-se de seguimentos do texto ou até mesmo textos inteiros, que apresentam características próprias em diferentes níveis.

Assim, importa observar, para análise e averiguação do gênero, tipos discursivos em níveis diversos e específicos: nível semântico pragmático, que está diretamente ligado com o contexto físico de produção, nível morfossintático, nível psicológico, nível de planificação, nível do texto.

Segundo o que defende Bronckart (1999) em sua perspectiva interacionista sociodiscursiva, para produzir um texto, o agente deve mobilizar algumas de suas representações quanto ao contexto de produção e ao conteúdo temático.

Com relação ao contexto de produção, é sabido que todo texto resulta de um ato realizado em um contexto "físico", que é definido pelo lugar e momento de produção, bem como pelo emissor e receptor, mas também pela interação com um mundo sócio-subjetivo, que está diretamente relacionado com o lugar social (instituição) — isto é, posição social do emissor e receptor, bem como o objetivo da interação, que pode ser tanto utilitária, como tão somente estética.

Outro ponto de vital importância a ser considerado na avaliação do gênero, é o conteúdo temático, que nada mais é que o conjunto de informações que são explicitadas no texto.

Bronckart (1999), ao analisar um gênero, considera três camadas superpostas: a infra-estrutura, o mecanismo de textualização e mecanismos enunciativos. Cada um desses níveis, que vão respectivamente do mais profundo ao mais superficial, coopera para estabelecer dentro do texto, organização, coerência e ajudam na interpretação do mesmo.

Assim, ele acredita que gênero de texto não é tipo de discurso, mas ele trabalha com a idéia de mundos discursivos que são influenciados pelas decisões binárias:

- Conjunção-disjunção: que diz respeito ao momento da produção do conteúdo que é verbalizado.
- Implicação-autonomia: que está relacionado ao espaço-temporal, e ainda a explicitação ou não do agente-produtor e também do interlocutor.

E é justamente trabalhando essas idéias, que ele chega a quatro "atitudes de locução", as quais denomina mundo discursivo. Classificando-os como:

- Interativo, que se dá na forma de diálogo.
- Teórico, que pode ser monologado ou escrito.
- Relato interativo, monologado em uma situação de interação (real ou encenada).
- Narração, monologado e escrito (produzido oralmente ou por escrito).

Os tipos de discurso apresentam variações tanto teóricas como interativas, e podem ainda se fundir ou mesclar em um texto.

Gênero de texto, ainda afirma Bronckart (1999) não é tipo de seqüência, que nada mais é que uma das formas possíveis de organização linear do conteúdo temático. Porém, Jean-Michel Adam (1992), propõe uma classificação de seqüências, que com suas características e propriedades, marcam o texto e viabiliza definir a que gênero pertencem. Tais seqüências se classificariam como: dialogal, descritiva, narrativa, explicativa, argumentativa, injuntiva.

É certo que existem texto com aspectos diversos, em que se podem encontrar diferentes tipos de seqüências, ou nenhum tipo delas, e há ainda aqueles em que encontramos uma única seqüência.

Importante ressaltar que não se pode definir ou classificar todos os gêneros existentes pelo critério de seqüência. Assim como o gênero textual não pode ser identificado ou classificado apenas com base em suas propriedades lingüísticas internas.

Os gêneros de textos além de ferramentas da ação da linguagem, que é um mecanismo fundamental da socialização, são também reguladores e produtores das atividades (sociais) de linguagem.

Diante de um número teoricamente ilimitado de gêneros, bem como um conjunto de critérios que os envolvem e que devem ser observados e analisados, são reais e concretas as dificuldades de identificar, descrever e classificar tais gêneros.

Com os dados expostos, e norteados por um esquema que se sustenta no contexto de produção textual, no conteúdo temático, na organização textual, na seleção de itens lexicais mais freqüentes e nos gêneros similares, bem como todas as particularidades que compõe cada item citado, é que pretendemos classificar, no capítulo em que faremos a análise, a que gênero pertence o *corpus* que estamos analisando.

Autores como Bronckart (1999) considera que ação de linguagem pode ser vista como um conjunto de operações de linguagem, que constituem uma unidade, e cujo resultado final é o texto. Assim sendo, é preciso analisar e considerar as operações que envolvem a mobilização de conhecimentos sobre a situação, bem como a adoção de determinado gênero.

Esse fato é observado sob o ponto de vista interno e corresponde ao conjunto de representações que serve de base e orientação para a ação de linguagem.

Nele estão envolvidos vários aspectos, tais como o conteúdo que será verbalizado. O espaço-tempo em que o emissor e o receptor se situam. O lugar social, no qual realiza a interação. Os papeis sociais desempenhados pelo emissor e receptor. Os efeitos que o produtor quer produzir no destinatário. Enfim, um conjunto minucioso de aspectos a serem considerados e que vão contribuir para formação de determinado gênero.

3 ARGUMENTAÇÃO E RETÓRICA E SUAS FERRAMENTAS SIGNIFICANTES

3.1 História da Retórica

Retórica, mais conhecida como a arte de convencer e persuadir pelo discurso. Reboul (2004), a define como multidisciplinar e pluralista, não somente por estar presente em tudo quanto concerne à comunicação, mas também por ser utilizada em todas as controvérsias, ensinando o sentido tanto do relativo como do plural.

Reboul (2004) também afirma que a retórica é anterior a sua própria história, pois ele considera ser algo inconcebível o fato de que os homens, mesmo sem conhecê-la, não a tenham utilizado na linguagem para persuadir.

Como é sabido de muitos, e em conformidade com os pensamentos de Citelli (2005), por muito tempo a retórica se apresentou com uma roupagem curiosa, vista basicamente como recursos que enchiam o discurso de beleza.

A história nos conta o quanto essa arte, especialmente na Grécia antiga, atraía muitos interessados em dominar a habilidade de bem falar e de argumentar com as pessoas. Em conseqüência dos benefícios que advinham desse bem falar, havia uma carência a ser preenchida, que se manifestava não apenas no âmbito político, mas também nas necessidades requeridas nas técnicas judiciárias, na prosa literária, na filosofia, bem como no ensino. Nesse momento da história, o importante era convencer, e a ética, necessariamente, não fazia parte desse quadro. Com o passar dos séculos, porém, a retórica foi sendo alterada em suas funções.

Com os estudos primordiais algo novo começou a acontecer. Estudos esses realizados por pensadores como Aristóteles, que valorizava a utilidade da retórica, ou Górgias, que não apenas focava no seu poder, mas juntamente com Isócrates consistia em fazê-la um instrumento neutro; e ainda pelos estudos realizados por Platão que, segundo Reboul (2004), simplesmente não lhe dava valor algum.

Tais estudos, especialmente os efetuados por Aristóteles, que tinha por foco analisar os discursos do seu tempo, direcionou as pesquisas para averiguar a existência de certos elementos estruturais que eram comuns a discursos diversos, e que poderiam, através dos estudos retóricos, contribuir para o entendimento dos mecanismos da persuasão.

O filósofo se baseava em quatro argumentos para defender sua tese de que “a retórica é útil”, quatro fases pelas quais passa quem compõe um discurso. A primeira é a *invenção*, que se refere à busca do orador pelos argumentos e pelos meios de persuasão que irá utilizar. A segunda é a *disposição*, que diz respeito à ordem em que esses argumentos serão colocados. A terceira é a *elocução*, que trata da redação, do estilo, portanto, nada tem a ver com a palavra oral. E a quarta, a *ação*, a proferição efetiva do discurso.

Aristóteles defendia ainda que a ordem desses argumentos ou tarefas não importava, mas no caso de faltar algum deles, aí sim, se instalaria um problema, porque o discurso ficaria vazio, inaudível, desordenado.

Essas análises certamente serviram como farol para iluminar e inspirar outros a se dedicarem à pesquisa e ao estudo de tão curioso tema.

Apesar das variações perceptíveis na retórica antiga, em que o pensamento de grande parte dos filósofos contrariava o que defendia Aristóteles, pois a ênfase deles se ancorava muito mais na forma que no conteúdo; o quadro hoje nos mostra mudanças significativas, e os estudos retóricos encontram um lugar de relevância na análise do discurso.

Diferentemente do que ocorreu no princípio, a retórica não mais se apresenta de forma descompromissada com a ética. Pois assim foi vista por um bom tempo, como afirma Reboul (2004, introdução p. XIII): “para o senso comum, retórica é sinônimo de coisa empolada, artificial, enfática, declamatória, falsa”. Hoje, há um entendimento claro de que persuadir não é sinônimo de enganar e, como afirma Citelli (2005, p. 15), o ato de persuadir vai muito além, pois é também o “resultado de certa organização do discurso que o constitui como verdadeiro para o destinatário”.

Nos últimos anos podemos presenciar grandes avanços no que diz respeito aos estudos da retórica, graças, é claro, ao empenho de vários estudiosos, que arduamente têm se dedicado a essa tarefa. Podemos citar aqui o trabalho desenvolvido por Jean Dubois e o grupo da Universidade de Liège e Chaïm Perelman, líder dos pesquisadores reunidos em torno da Universidade de Bruxelas e dedicados a construir a chamada “Nova Retórica”, que possui basicamente um papel vinculado a dois pólos importantes: o do estudo das figuras de linguagem e o das técnicas de argumentação.

Reboul (2004) considera que a natureza e a função da retórica podem ser colocadas basicamente sobre quatro pilares. Primeiramente, a retórica possui uma *função persuasiva*, que ele subdivide em argumentação e oratória, subdivisão que ele faz para tratar da razão e sentimentos, que, para ele, são inseparáveis na retórica. Em seguida, a *função hermenêutica*, que ele considera a arte de interpretar textos. Depois, a *função heurística*, que

tem como função a descoberta; função de perguntar, inquirir. E, por fim, a *função pedagógica*, que seria, na prática, a responsável pela interligação das demais.

3.2 Argumentação

Por ser a argumentação um dos pilares deste estudo, antes de mais nada, buscaremos elementos que possam esclarecer o que é argumentar. Com tal propósito, nos basearemos em pensamentos diversos. Valer-mo-emos especialmente das considerações feitas por Perelman (2005), autor cujas idéias ultrapassam amplamente os limites da retórica tradicional; Abreu (2001) ao apresentar com simplicidade técnicas de argumentação e persuasão; bem como Meyer (1998) em sua proposta de abordar as palavras e frases focando o papel da argumentação; e Citelli (2005) que não somente se preocupa com os modos de persuasão, mas discute como se articulam os procedimentos persuasivos; e, finalmente, Reboul (2004) que vê a retórica não somente como a arte de convencer pelo discurso, mas apresenta também uma teoria dessa arte.

Norteados pelos teóricos citados, buscaremos explicitar a abrangência e influência da argumentação e suas implicações diretas e indiretas no corpus selecionado. Assim, pretendemos analisar os recursos diversos da argumentação e as dimensões de sua ingerência sobre o discurso.

Segundo Von Clausewitz, gênio militar alemão citado por Abreu (2001), saber argumentar é, em primeiro lugar, saber integrar-se ao universo do outro. E Abreu (2001) afirma que, para ele, o verdadeiro sucesso no campo da argumentação está naquele que possui a habilidade de relacionamento interpessoal e, ainda, a capacidade de comunicar idéias e emoções. No seu modo de pensar, isso está relacionado à arte de argumentar, de gerenciar informações.

Em sua obra, Abreu (2001, p. 93) define argumentação da seguinte forma:

> Argumentar é, em primeiro lugar, convencer, ou seja, vencer junto com o outro, caminhando ao seu lado, utilizando, com ética, as técnicas argumentativas, para remover os obstáculos que impedem o consenso. Argumentar é também saber persuadir, preocupar-se em ver o outro por inteiro, ouvi-lo,

> entender suas necessidades, sensibilizar-se com seus sonhos e emoções.

Nesse sentido, argumentar engloba um universo mais extenso, onde não basta apenas gerenciar informações. As dimensões apresentadas por ele, colocam-se de forma mais abrangente, pois há necessidade também de um gerenciamento de relações. Buscando esclarecer essa idéia, o autor dá o exemplo de que muitas vezes, ao introduzirmos um assunto, construímos antes uma espécie de prefácio de gerenciador de relação.

Perelman (2005, p. 50), define o objetivo da argumentação:

> O objetivo de toda argumentação, como dissemos, é provocar ou aumentar a adesão dos espíritos às teses que se apresentam a seu assentimento: uma argumentação eficaz é a que consegue aumentar essa intensidade de adesão, de forma que se desencadeie nos ouvinte a ação pretendida (ação positiva ou abstenção) ou, pelo menos, crie neles uma disposição para a ação, que se manifestará no momento oportuno. (p.50)

Ao tratar da “adesão dos espíritos”, Perelman (2005) está se referindo à comunidade intelectual, que ainda segundo ele, deve ser bem conhecida por aquele que argumenta, pois é no contato dos “espíritos” que o argumentador vai desfrutar de condições ideais para exercer sua argumentação. Assim, ele acredita que a argumentação não somente está diretamente relacionada com a adesão a uma tese, mas está também intrinsecamente ligada ao fato de desejar desencadear no outro, uma atitude ou reação.

Há certa confusão no que diz respeito à diferença entre argumentar, convencer e persuadir. Muitos fazem uma separação clara desses termos e de suas funções no discurso. Outros, como Reboul (2004, introdução p. XV), por exemplo, pensa um pouco diferente. Ele faz a seguinte afirmação:

> Alguns distinguem rigorosamente “persuadir” de “convencer”, consistindo este último não em fazer crer, mas em fazer compreender. A nosso ver essa distinção repousa sobre uma filosofia – até mesmo uma ideologia – excessivamente dualista, visto que opõe no homem o ser de crença e sentimentos ao ser de inteligência e razão, e postula ademais que o segundo pode afirmar-se sem o primeiro, ou mesmo contra o primeiro. Até segunda ordem, renunciaremos a esta distinção entre convencer e persuadir.

Assim, o autor deixa bem clara sua posição ao afirmar que não concorda com a distinção dos termos, pois acredita que em retórica “razão e sentimento são inseparáveis”.

Perelman (2005, p. 30) já apresenta outro ponto de vista ao afirmar:

> Para quem se preocupa com o resultado, persuadir é mais que convencer, pois a convicção não passa da primeira fase que leva à ação. Para Rousseou, de nada adianta convencer uma criança “se não se sabe persuadi-la”. (p. 30)

Ou seja, o autor concorda com uma diferença nos aspectos práticos dos termos. E defende ainda uma diferença no campo de ação de cada um ao afirmar: “para quem está preocupado com o caráter racional da adesão, convencer é mais que persuadir”, Perelman (2005, p. 30)

Abreu (2001, p. 25) em concordância com Perelman, define essa diferença de forma bastante clara:

> Convencer é construir algo no campo das idéias. Quando convencemos alguém, esse alguém passa a pensar como nós. Persuadir é construir no terreno das emoções, é sensibilizar o outro para agir. Quando persuadimos alguém, esse alguém realiza algo que desejamos que ele realize.

Se nos basearmos nas colocações de Perelman (2005), bem como Abreu (2005) não seria errado afirmar que, quando argumentamos, estamos tentando convencer o outro no plano das idéias; é um gerenciamento de informações onde tentamos transmitir informações que consideramos importantes, interessantes ou necessárias.

Caso o intuito seja de persuasão, aí já nos transportamos para o campo das emoções, pois o interesse passa a ser o da ação, ou seja, a meta e objetivo é levar o outro a fazer o que se deseja ou se considera importante, interessante ou necessário.

Em concordância com Reboul (2004, introdução p. XV) ao afirmar que “persuadir é levar alguém a crer em alguma coisa”, Citelli (2005, p. 14) diz:

> Persuadir é, sobretudo, a busca de adesão a uma tese, perspectiva, entendimento, conceito, etc. evidenciando a partir de um ponto de vista que deseja convencer alguém ou um auditório sobre a validade do que se enuncia. Quem persuade leva o outro a aceitar determinada idéia, valor, preceito.

E ele ainda afirma que, mesmo que o persuasor não esteja trabalhando com a verdade, seu esforço e objetivo maior é fazer com que sua tese se mostre, ainda que de forma similar, muito próxima da verdade, ou apenas que se assemelhe ao vero, ao original. E continua dizendo, “Verossímil é, pois, aquilo que se constitui em verdade a partir de sua própria lógica” (CITELLI, 2005, p. 15). Enfim, ele defende que o exercício de persuasão se dá de forma intensa e incisiva, sem se preocupar sequer com valores como a verdade. Para ele, a tarefa do persuasor se resume tão somente em buscar adesão à suas idéias e teses.

Quanto a isso, Reboul (2004, p. 8) declara:

> Relativismo pragmático, tal parece ter sido a doutrina de Pitágoras. Não existe verdade em si, mas uma verdade de cada indivíduo, de cada cidade; e o importante é aquilo que lhe permite fazer-se valer e impor-se, que é precisamente a retórica.

Com base nessa linha de pensamento, na tarefa de persuadir e de atingir o alvo proposto, pode-se legitimar coisas até mesmo absurdas, como a violência, por exemplo, pois tudo se torna relativo, e vai se firmar como verdade dependendo do poder de persuasão. Segundo Reboul (2004), fica muito claro que a finalidade dessa retórica não é a busca da verdade, mas sim do poder, do domínio através da palavra.

Em acréscimo a tudo isso, Citelli (2005) afirma a existência de diferentes graus de persuasão, alguns mais perceptíveis e marcantes que outros. Assim sendo, faz-se necessário cautela e bom senso, para aqueles que se propõem a fazer qualquer análise ou estudo relacionados à área.

Enfim, devemos ser criteriosos não somente quanto à análise da persuasão, que já percebemos ser um tópico bastante delicado e cheio de controvérsias. Mas devemos nos lembrar de que a análise do tema “convencer e persuadir” exigiu de estudiosos no passado, assim como exige dos que se interessam pelo assunto no presente, não apenas conhecimento e prudência, mas também muita perspicácia.

Perelman (2005, p. 31) afirma:

> Propomo-nos chamar *persuasiva* a uma argumentação que pretende valer só para um auditório particular e chamar *convincente* àquela que deveria obter a adesão de todo ser racional. O matiz é bastante delicado e depende, essencialmente, da idéia que o orador faz da encarnação da razão. Cada homem crê num conjunto de fatos, de verdades,

> que todo homem “normal” deve, segundo ele, aceitar, porque são válidos para todo ser racional.

Como ele mesmo afirma, a definição dos termos é um matiz delicado. Isso porque é possível perceber que o discernimento entre convencer e persuadir envolve diferentes pontos de vista de autores e pensadores de relevância.

Assim, essa é, sem dúvida, uma análise perigosa, que possui limites e semelhanças muito próximos, e que em certas situações realmente geram dúvidas ou provocam confusões. Definir se em um determinado instante o objetivo do falante é convencer ou persuadir, pode ser algo muito subjetivo e que, em certas situações, pode até mesmo sair das dimensões do campo técnico e invadir o campo pessoal.

Assim sendo, o que pode ser visto por alguém como estratégia para convencer, pode, ao mesmo tempo, ser percebido por outro, como estratégia de persuasão. Portanto, essa é uma tarefa a ser realizada com critério.

Ainda é Perelman (2005, p. 33) que diz:

> Nosso ponto de vista permite compreender que o matiz entre o termo *convencer* e *persuadir* seja sempre impreciso e que, na prática, deva permanecer assim. Pois ao passo que as fronteiras entre a inteligência e a vontade, entre a razão e o irracional, podem constituir um limite preciso, a distinção entre diversos auditórios é muito mais incerta, e isso ainda mais porque o modo como o orador imagina os auditórios é o resultado de um esforço sempre suscetível de ser retomado.

Ele não somente admite a proximidade da fronteira entre persuadir e convencer, mas levanta ainda a questão que envolve o auditório, um aspecto a ser considerado, e que também é cercada de incertezas. Trataremos ainda neste trabalho, mais detalhadamente, sobre a questão do auditório.

Apesar de conhecer diferentes correntes e de reconhecer a cientificidade de cada uma delas, e ainda de considerarmos importante todos esses aspectos que foram levantados, pretendemos, em nossa análise, valer-nos das considerações que defende Perelman (2005) e Abreu (2001). Ou seja, analisaremos o *corpus* com o foco na persuasão e na convicção como aspectos distintos, sem, no entanto, desprezar as considerações dos outros autores, mas procurar extrair delas pontos que podem complementar e enriquecer o objetivo de nossa pesquisa.

A partir dessa visão, colocaremos alguns aspectos que consideramos importantes para nosso estudo. Com base na teoria de Reboul (2004), primeiramente abordaremos a capacidade de comunicar idéias e emoções.

3.3 ETOS, PATOS E LOGOS, TIPOS DE ARGUMENTOS

Uma das regras de comunicação colocadas por Reboul (2004) refere-se justamente a esse ponto. O orador deve mostrar-se uma pessoa vivaz. Ele deve viver seu próprio discurso, entranhar-se nele e dar-lhe cor, dinamismo, vida e humor. Ser criterioso na escolha das palavras, de preferência, fazer uso daquelas que expressam sentimentos concretos, bem como observar o ritmo com que as pronuncia. Por fim, deve ser breve, pois ainda segundo o autor, a brevidade constitui a força das máximas.

Além disso, Reboul (2004, p. 64) afirma que o valor do discurso não se encontra nas regras, mas, sim, em quem o faz, e complementa, dizendo:

> A vivacidade é capital para o etos, pois ela torna o discurso marcante, agradável, cativante; e, principalmente, confere-lhe o indispensável cunho de autenticidade. O verdadeiro estilo é o discurso onde é possível encontrar o seu autor.

Enfim, ele defende a idéia de que a vivacidade é elemento fundamental e que agrega valores consideráveis no discurso.

Reboul (2004), ao citar os pensamentos de Aristóteles com relação a este tema, cita os três tipos de argumentos que ele considerava instrumentos de persuasão: *etos* e *patos*, que são de ordem afetiva, e *logos*, que é racional. O autor afirma, ainda, que o etos é um tipo de afetividade que se mostra de forma calma, comedida, duradoura, submetida ao controle mental, e diz respeito ao orador. Ele afirma que conforme o público a que está falando, o orador apresenta etos diferentes.

Reboul (2004, p. 48) diz: “Note-se que etos é um termo moral, “ético”, e que é definido como caráter moral que o orador deve parecer ter, mesmo que não o tenha deveras.”

Tal afirmação pode provocar desconforto, pois apresenta um caráter moralmente constrangedor. Reboul (2004) defende seu raciocínio afirmando que o fato de um

orador ser sincero, sensato e simpático e não parecer, ou não saber demonstrar tudo isso, é igualmente constrangedor.

Já o patos se refere mais a uma afetividade súbita, violenta, irreprimível, portanto irresponsável, e diz respeito ao auditório. Segundo Reboul (2004), o patos é um conjunto de sentimentos e emoções que o orador deve suscitar no auditório com seu discurso. E quanto mais esse orador tiver conhecimento da psicologia das diversas paixões, mais abrangente será sua abordagem.

Reboul (2004, p. 48) afirma ainda que "o etos já não é o caráter moral que o orador deve assumir, mas o caráter psicológico dos diferentes públicos, aos quais o orador deve adaptar-se."

Quintiliano, que dedicou longo estudo ao etos e ao patos, citado por Reboul (2004), também distingue bem os dois tipos de afetividade, mas sem definir nitidamente que um é do orador e a outra do auditório.

O logos diz respeito à argumentação propriamente dita do discurso.

Pretendemos, em nossa análise, verificar como estes elementos, em especial o etos e o patos, são articulados pelo palestrante, e como ou quando eles acontecem.

3.4 GERENCIANDO RELAÇÕES

Reboul (2004, p. 55) diz, ao referir-se ao exórdio, ou seja, introdução, que sua função é essencialmente fática, "tornar o auditório dócil, atento e benevolente". E Perelman (2005, p. 21) afirma: "Esse contato entre o orador e seu auditório não concerne unicamente às condições prévias da argumentação: é essencial também para todo o desenvolvimento dela".

Ou seja, ambos concordam que o contato inicial com o auditório, os primeiros momentos de interação com àqueles a quem se deseja falar, são de extrema importância.

Antes de argumentar, é preciso um ambiente favorável e propício, mais que isso, como afirma Perelman (2005, p. 17), há necessidade de um envolvimento dos espíritos, e é ele também que afirma; "O mínimo indispensável à argumentação parece ser a existência de uma linguagem em comum". Assim, é de considerável importância, para o orador, fazer parte de um mesmo meio. Ele afirma que a convivência, ainda que seja discussões frívolas e sem interesse aparente, contribui e facilita a realização das condições prévias para o contato dos espíritos.

Como afirma Aristóteles, quanto mais o orador conhece seu auditório, melhor irá se adequar a ele. Por certo, uma imagem distorcida ou incompleta do auditório, pode gerar conseqüências desagradáveis.

Notamos que tanto Aristóteles, Reboul (2204), Perelman (2005**),** e ainda Abreu (2001), que vê na atitude do auditório um sinalizador, que indica ao orador atento o caminho a seguir; todos esses, consideram de grande importância o contato com o auditório.

Portanto, antes de mais nada, o orador deve se preocupar com seu público e com o contato que mantém com ele, para só depois tentar convencê-lo ou persuadi-lo, pois o caráter intemporal do público é igualmente relevante para àquele que se propõe a argumentar.

Se considerarmos o que afirma Perelman (2005, p. 32):

> A distinção que propomos entre persuasão e convicção explica indiretamente o vínculo que se costuma estabelecer, ainda que confusamente, de um lado entre persuasão e ação, do outro entre convicção e inteligência. Com efeito, o caráter intemporal de certos auditórios explica que os argumentos que lhes são destinados não constituem um apelo à ação imediata. (p. 32)

Chama-nos a atenção o fato de Perelman (2005) enfatizar o caráter intemporal do público; caráter esse, que no processo de persuadir ou convencer, quando a argumentação resulta em ação, essa tanto pode ser imediata, como também acontecer tardiamente. Ou seja, é possível, em função da intemporalidade que envolve as pessoas, uma ação tardia como resultado de uma argumentação efetuada no passado.

3.5 Condições de argumentação

Abreu (2001), sustentado pelas teorias de Perelman, esquematiza algumas condições básicas para argumentação. Em primeiro lugar, ele coloca como condição básica para qualquer argumentação, ter uma tese definida e saber para que tipo de problema essa tese é resposta. Uma segunda condição básica para qualquer argumentação é ter uma linguagem comum com o auditório.

Importante ressaltar que, para que um discurso alcance o objetivo desejado, durante todo o processo de exposição, o orador deve manter uma certa sensibilidade com

relação a seus ouvintes, bem como fazer uso de certas regras. Dentre essas, a primeira apontada por Reboul (2004) é da convivência, ou seja, o orador eficaz adota o estilo que convém a seu assunto. A segunda regra é a da clareza. Para Reboul (2004, p. 63), ser claro "é pôr-se ao alcance de seu auditório concreto".

Terceiro ponto para condições básicas para argumentação é ter um contato positivo com o auditório, que nada mais é que o gerenciamento de relações, que expomos a pouco. E um bom termômetro para isso é observar o outro, é ver sua postura corporal, expressões faciais, gestos e outros detalhes pequenos, mas igualmente importantes, que são capazes de passar informações preciosas ao locutor atento.

Podemos afirmar que aqui encontramos características *Rapport*[1], que tem a ver com um relacionamento marcado pela concordância e alimenta semelhanças. É um relacionamento no qual as pessoas estão alinhadas e em harmonia, tanto verbal como não verbal.

O auditório deve ser objeto de observação constante do orador que realmente pretende influenciá-lo. Perelman (2005, p. 22) afirma: "É por essa razão que, em matéria de retórica, parece-nos preferível definir o auditório como o conjunto daqueles que o orador quer influenciar com sua argumentação." Ou seja, para uma argumentação efetiva, quanto maior a proximidade do auditório com o orador, mais abrangente será o resultado de sua argumentação.

Reboul (2004, introdução p. XIX) afirma que: "para ser persuasivo, o orador deve antes compreender os que lhe fazem face, captar a força da retórica deles, bem como seus pontos fracos". Em suma, o orador precisar ser sensível o suficiente para antes mesmo de passar sua própria mensagem, absorver, por meio das reações do seu público, a mensagem que esse lhe passa.

Importante destacar nesse ponto a diferença que Reboul (2004) faz entre a comunicação de massa e a multidão. Para ele, a comunicação de massa é sempre indireta e depende de meios de comunicação modernos e grandes para que exista. Já a multidão, que ele caracteriza como conjunto de pessoas reunidas para algum fim, apresenta uma característica muito marcante, a de reação imediata à mensagem que recebe.

---

[1] Define-se *rapport* como um relacionamento caracterizado pela harmonia, similaridade ou afinidade. Existem duas formas de se olhar para as pessoas. Uma delas é enfatizando as diferenças, outra é enfatizando as semelhanças dos assuntos compartilhados. Dois níveis mentais operam simultaneamente em qualquer comunicação e relacionamento: o consciente e o inconsciente. É a mente consciente que detecta as diferenças. É ela que nos faz sentir-nos excitados ou curiosos por novidades e coisas diferentes. Mas estes impulsos são facilmente superados e dominados pela mente inconsciente. É ela que detecta as semelhanças, que nos faz buscar similitudes, familiaridade em todas as situações em que nos encontramos na vida, porque coisas familiares nos dão bem-estar e segurança. <www.eps.ufsc.br/disserta99/berger/cap5.html>

Por fim, a quarta condição, e também considerada por Abreu (2001) a mais importante de todas elas, é agir com ética. Um cuidado que deve ser tomado para que a argumentação não se torne manipulação. Abreu (2001, p. 40) defende, de maneira muito comprometida, a verdade, e ainda afirma que “para ter credibilidade é preciso apenas comportar-se de modo verdadeiro, sem medo de revelar propósitos e emoções”.

Com relação à verdade, Reboul (2004, p. 6) faz uma citação do discurso de Górgias, *Elogio de Helena*, que diz o seguinte: “Quando pessoas não têm memória do passado, visão do presente, nem adivinhação do futuro, o discurso enganoso tem todas as facilidades. (Lês présocratique, p. 1033)”. Enfim, ele coloca sobre a palavra um peso muito grande, e quando ela não é submetida a um critério externo, torna-se extremamente cercada de perigos.

E é ainda Reboul (2004, p. 8) que recorda as teses de Protágoras “o homem é a medida de todas as coisas”. O que compromete em muito a verdade, pois dessa forma as coisas são como aparecem ao homem, e um relativismo invade a questão, pois passa a existir uma verdade de cada indivíduo.

E ele ainda afirma “o importante é aquilo que lhe permite fazer-se valer e impor-se, que é precisamente a retórica” (REBOUL, 2004, p. 8). Ou seja, a verdade aqui está subjugada à retórica. Está muito mais comprometida com o poder do que com o saber.

Tal fato está diretamente relacionado com questões éticas ou de interesses particulares, e deve ser sempre observado pelo orador sério e responsável.

3.6 Convencendo as pessoas

Qualquer discurso bem estruturado é composto por três partes bem definidas: A introdução, momento em que ocorrem os primeiros contatos com o receptor; a narração, em que o orador desenvolve a maior parte do seu raciocínio, e na qual encontramos também uma diversidade maior de argumentos, e, por fim, a peroração, que diz respeito à parte final do discurso, em que o orador procura sintetizar suas idéias e efetivar seus argumentos.

Cada uma dessas partes do discurso possui características distintas e visam atuar de forma específica no processo argumentativo do discurso.

3.6.1 Introdução

Nesse processo de convencimento, Perelman (2005) defende a tese de que há necessidade de um acordo entre o orador e seus ouvintes. Ele defende a idéia de uma espécie de “premissas” que servirão de fundamento e que precisa ocorrer entre as partes para que haja adesão por parte dos ouvintes.

Abreu (2001), com base nesse conceito, defende a idéia de que é preciso ter uma tática especial, uma estratégia que exige cuidado redobrado. Para ele, não se deve partir diretamente para a tese principal. Ele crê que uma tese secundária, a qual também denomina como tese de adesão, e Perelman (2005) nomeia como premissas, seria mais amena e convincente, e ainda prepararia melhor as pessoas para receberem a tese principal.

O processo de acordo entre o orador e seus ouvintes que Perelman (2005) aborda, abrange tudo que pode cooperar na construção de uma crença, ou aquilo que pode provocar adesão a uma argumentação qualquer. Assim, ele apresenta argumentos de ordem explícitas ou implícitas que podem contribuir para a adesão de uma tese que se pretende defender.

Dessa forma, baseadas em fatos ou em presunções, ou em argumentos explícitos ou implícitos, a tese secundária, que apresenta-se de forma mais amena e familiar ao ouvinte, funcionaria como trampolim; e daria não somente sustentação, mas também mais estabilidade à tese principal.

É lógico que é preciso haver uma compatibilidade entre a tese de adesão inicial e a tese principal. E há sempre a necessidade de algumas técnicas argumentativas que estabeleçam ligações entre essas teses, ou acordo, os quais Perelman (2005, p. 76) esclarece que quando bem trabalhados, em certas condições, deixam de ser apenas fato e torna-se um argumento muito forte: “o fato como premissa é um fato não-controverso.”.

Ele ainda afirma:

> Fala-se geralmente de fatos para designar objetos de acordo precisos, limitados; em contrapartida, designar-se-ão de preferência com o nome de verdades sistemas mais complexos, relativos a ligações entre fatos, que se trata de teorias científicas ou de concepções filosóficas ou religiosas que transcendem a experiência. (PERELMAN, 2005, p.77)

Assim, no momento do acordo, ou das premissas, o uso de fatos que se limitam a experiências são aceitáveis; mas o uso de verdades, que dizem respeito a teorias científicas, ou ainda o uso de conceitos relativos a concepções filosóficas ou religiosas também compõem esse quadro, e funcionam como instrumentos que não apenas facilitam, mas estruturam a articulação do acordo.

3.6.2 Narração

Em seguida passa-se a *narração* propriamente dita. É nesse momento que o orador começa a expor os fatos referentes à causa que defende. Inicia-se uma nova fase do discurso. É também a parte mais extensa.

Reboul (2004, p. 56) afirma que “é na narração que o logos supera o etos e o patos”, ou seja, o caráter racional sobrepõe ao afetivo. Ele ainda acrescenta que para que a narração seja eficaz, “ela deve ter três qualidades: clareza, brevidade e credibilidade”.

É dentro da narração, que muitos processos se dão. Perelman (2005)**,** dentro da tese que defende, apresenta uma linha de pensamento que gostaríamos de abordar. São argumentos e estratégias que contribuem para que o processo de narração aconteça de forma mais clara, precisa e menos abstrata. Esses argumento e estratégias são, na verdade, um conjunto de elementos usados pelo locutor com o objetivo único de se fazer compreender, e consequentemente, atingir seu público alvo de forma plena.

Durante a narração encontramos a maioria das técnicas argumentativas: como por exemplo, os argumentos quase lógicos e suas ramificações; ou os argumentos baseados na estrutura do real, e suas subdivisões.

O processo de escolha desses argumentos, ou seja, quando e como usar cada um, depende unicamente do orador, que segundo Perelman (2005, p. 524), estará sempre focando a força que cada argumento possui: “tanto pela dificuldade que haveria para refutá-lo como por suas qualidades próprias”.

Ressaltamos ainda que esse é um processo complexo e normalmente não se apresenta como um acontecimento isolado, a afirmação de Perelman (2005, p. 214) respalda essa idéia: “a argumentação se caracteriza por uma interação constante entre todos os seus elementos”.

3.6. 2.1 Técnicas argumentativas

Perelman (2005) trabalha com dois grupos de argumentos: os argumentos quase lógicos e os argumentos fundamentados na estrutura do real.

3.6.2.2 Argumentos quase lógicos

São classificados como argumentos quase lógicos por se compararem a raciocínios formais, lógicos e matemáticos, conseqüentemente, pretendem certa força de convicção. Segundo Perelman (2005, p. 220) são caracterizados ainda por "seu caráter não formal e o esforço mental de que necessita sua redução ao formal."

Os argumentos quase lógicos se apresentam, em geral, de uma forma mais explícita. Apesar de sua ampla extensão, nos limitaremos a citar apenas os listados abaixo, dos quais buscaremos exemplos práticos no *corpus*:

- *Regras de justiça* – referem ao tratamento idêntico a seres e situações integradas em uma mesma categoria.
- *Argumento de retorsão* – é uma réplica feita utilizando os próprios argumentos do interlocutor.
- *Argumento do ridículo* – Consiste em criar uma situação irônica.
- *Argumento de definição* – definir, esclarecer algo.

3.6.2.3 Argumentos fundamentados na estrutura do real

Os argumentos fundamentados na estrutura do real são assim definidos por Perelman (2005, p. 297):

> Enquanto os argumentos quase-lógicos têm pretensão a certa validade em virtude de seu aspecto racional, derivado da relação mais ou menos estreita existente entre eles e certas fórmulas lógicas ou matemáticas, os argumentos fundamentados na estrutura do real valem-se dela para estabelecer uma

> solidariedade entre juízos admitidos e outros que se procura promover.

Ou seja, os argumentos fundamentados na estrutura do real, são argumentos que estão diretamente ligados com o juízo, ou o julgamento. È preciso que haja uma racionalidade atrelada ao senso crítico para que ele se estabeleça de forma eficaz.

- *Argumentos pragmáticos do desperdício* – Este argumento consiste em dizer que uma vez iniciado um trabalho, é preciso ir até o fim para não perder o tempo e o investimento.
- *Argumento pragmático do exemplo* – ocorre quando sugerimos imitações das ações de outras pessoas.
- *Argumento pragmático do modelo* –- aproxima-se muito com o argumento do exemplo
- *Argumento pragmático do antimodelo* – segundo Montaigne (apud ABREU, 2001), ele é muito mais eficaz que o próprio modelo.
- *Analogia* –- consiste em pontos de semelhança entre coisas diferentes.

3.6.2.4 Recursos de presença

Para dar maior visibilidade aos argumentos, Abreu (2001) trata dos recursos de presença, que certamente vêem complementar os aspectos argumentativos. Ele acredita que as histórias são o maior recurso de presença a ser utilizado. A esse respeito, Abreu (2001, p. 70) afirma: “Um argumento ilustrado por recurso de presença tem efeito redobrado sobre o auditório”. Assim, o autor não somente valoriza, mas também incentiva o uso desse recurso.

Na verdade, o recurso de presença está extremamente ligado a levar o ouvinte a uma experiência mais palpável, mais prática, dando a ele uma idéia mais precisa do que se quer transmitir. É como que tirá-lo do abstrato e levá-lo para dentro de um contexto mais claro e cotidiano, e introduzi-lo nesse meio, como parte integrante. Ainda que por imaginação, ele certamente vai absorver melhor essas idéias, colocando-se no lugar do outro e sendo envolvido por sentimentos e emoções que influenciam o modo de pensar e agir.

É um tipo de persuasão que se sensibiliza e se volta para os valores do outro. Importante considerar que “Aquele que quer persuadir deve saber previamente quais são os

verdadeiros valores de seu interlocutor ou do grupo que constitui o seu auditório" (ABREU, 2001, p. 75).

Ressaltarmos o que diz Reboul (2004) a respeito da retórica e do cristianismo. Segundo ele, os cristãos aceitavam a escola romana e a cultura que ela vinculava por duas razões básicas: a primeira porque a igreja não podia prescindir da retórica; e a segunda porque a própria Bíblia é profundamente retórica, cheia de metáforas, alegorias, jogos de palavras e argumentações. E ele ainda afirma:

> Portanto, a Bíblia era um modelo, porém, mais ainda, um problema. Com efeito, não bastava ser lida, precisava ser compreendida; e, para interpretá-la, nunca era demais utilizar todos os recursos da retórica. A hermenêutica da Idade Média é toda alegórica: propõe que todo o texto bíblico tem outro sentido além do literal. (REBOUL, 2004, p. 78)

Focados nesse pensamento, que, aliás, apesar de ter emergido na Idade Média, perdura ainda hoje no meio evangélico, é a própria Bíblia, que muitas vezes necessita ser interpretada e não somente lida. Tal aspecto, ou seja, o que diz respeito a diversidade de interpretação que se esconde em um texto bíblico, dá base sólida para os argumentos apresentados pelo palestrante em estudo. A Bíblia o respalda ao colocar-se, por si só, como verdade inquestionável, mesmo que, ao mesmo tempo, e ironicamente, traga uma verdade que precisa ser interpretada.

3.6.3 Peroração

Depois dessa parte mais extensa denominada narração, em que o orador adota um estilo mais simples (*tênue*) para explicar e informar, é o momento da peroração, ou seja, a parte final do discurso; que deve ser feita com excelência, pois é nesse ponto que a afetividade se une à argumentação. A peroração é considerada por Reboul (2004) a alma da retórica. E ele ainda diz que o orador eficaz, nesse momento, abandona o estilo ameno (*delectare*), e passa a fazer uso do discurso com um estilo mais nobre, exatamente para comover (*movere*).

Reboul (2004, P. 97) declara:

> Numa argumentação, a conclusão não é, ou não é só um enunciado sobre o mundo; ela expressa acima de tudo o acordo entre os interlocutores. Ela deve ser mais rica que as premissas. Em segundo lugar, a conclusão é reivindicada pelo orador como algo que deve impor-se, encerrar o debate.

Tal afirmação leva-nos a crer que, ao perorar, o orador deve esmerar-se ao máximo e concentrar atenções mais intensas que as dispensadas nas premissas. Seu foco nos interlocutores não pode se desviar. A conclusão deve alcançá-los de maneira plena e irrefutável.

3.7 Discursos diversos

Consideramos relevante abordar algumas formas de discurso, bem como suas características mais marcantes, com o intuito de proporcionar uma melhor compreensão do estilo do discurso que estamos abordando, o religioso, ao qual daremos maior destaque na análise.

Citelli (2005) classifica algumas formações discursivas e as apresenta em grupos diversos, como o discurso dominante, que se sedimenta socialmente em convenções, princípios éticos, códigos de conduta, etc.

É inevitável notarmos que o discurso do palestrante que estamos analisando se firma de forma muito segura nesses sedimentos, tal aspecto concede a Malafaia uma autoridade a mais, o que consequentemente, fortalece seu discurso.

Temos também o discurso autoritário que é o discurso das instituições, entendidas aqui como o judiciário, a igreja, o exército, a escola a medicina etc, que de certa forma influenciam as formações discursivas regulando as retóricas profissionais, ou seja, é perceptível quando alguém de uma determinada área, se apropria das formas e da força que o discurso dessa instituição lhe concede.

E como observa Marilena Chauí (1981, p. 7):

> O discurso competente confunde-se, pois, com a linguagem institucionalmente permitida ou autorizada, isto é, com discurso no qual os interlocutores já foram previamente reconhecidos como tendo o direito de falar e ouvir.

Assim, sentindo-se autorizados pelas instituições, os locutores apresentam um discurso que se impõe aos interlocutores, determinando a eles uma série de condutas pessoais.

Não podemos negar que essa formação discursiva registra forte marca persuasiva. É um discurso exclusivista onde o eu se sobressai de tal forma, a ponto de anular quase que totalmente a interferência do tu. Aquele que fala se revela como a voz da verdade. Tal aspecto revela preocupações; o perigo da dominação, por exemplo, é uma delas. Como coloca Cilelli (2005, p. 52), "onde o mundo do diálogo perde a guerra para o mundo do monólogo".

Em alguns casos, esse discurso tenta ainda fazer com que as verdades de uma instituição expressem a verdade de todos. E, desta forma, ele se apresenta não apenas autoritário, mas persuasivamente desejoso de aplainar as diferenças.

Não se pode negar que em muitos casos, em função das instituições, existem também os discursos autorizados, que são os discursos que vêm de algumas pessoas: professor, médico, jornalista; e outros que não estão ligados a nenhuma delas, mas que, de alguma forma e por alguma razão, também são revestidos de autoridade, como pessoas idosas, patrão, pais etc.

E ainda o discurso polêmico, que vem para arranhar o discurso político constituinte. Ele está presente quando surgem as dúvidas, e logicamente é um discurso necessário e saudável para qualquer sociedade.

Na verdade, diferentes discursos, apesar de suas subdivisões, são, vez ou outra, atravessados por outros discursos. Ou seja, é muito difícil encontrarmos um discurso que seja puramente de um único modelo organizacional.

E nesse ponto, a partir do que afirma Citelli (2005), percebemos que, no discurso religioso, encontramos facilmente a persuasão. Existe nele um grau muito elevado de paroxismo autoritário, isso porque o eu enunciador não pode ser questionado, visto ou analisado, pois representa naquele momento a voz de Deus.

Interessante como ao mesmo tempo esse enunciador reveste-se de um poder intenso e confuso. Ele representa, concomitantemente, o nada, pois quem fala não é ele, mas Deus através dele, e o tudo, pois ele está revestido de total autoridade para proferir aquelas palavras. E Citelli (2005, p. 61) diz:

> Estamos diante de um discurso de autoria sabida, porém não determinada, visto que a fala do agente se constrói como verdade não sua, mas do outro, aquele que, por ser considerado determinação de todas as coisas, engloba as falas do rebanho.

> Não deixa de ser uma situação curiosa estar diante da mais visível forma de persuasão e do mais invisível eu persuasivo.

Atrelado a isso, ainda há também uma série de outros mecanismos que acentuam a persuasão no discurso religioso. Exemplo disso, o uso do imperativo, os vocativos “creio”, “acredito”, que são constantemente usados pelo falante.

Também, existe nele a função emotiva, que está diretamente interligada com a fé. E em muitos momentos, por se tratar de assuntos e temas bastante abstratos, o uso das metáforas ganham um significado especial.

E ainda o constante uso de parábolas e da paráfrase, bem como a evocação alegórica, conectados à presença do texto bíblico. Sem falar, é claro, no uso dos constantes chavões, os quais Umberto Eco (1971) diz possuírem a força dos sintagmas cristalizados: “Oh! Senhor”, “todo poderoso”, “criador”, nosso Senhor”, “Aleluia” etc.

Interessante ressaltarmos que em certos momentos esse discurso se vê fortemente influenciado por algumas características do discurso político, que como afirma Citelli (2005), toma a palavra como espetáculo.

Enfim, no discurso religioso, nos parece que o campo de ação deixa de ser a razão, e se transporta para o campo da emoção. Isso, obviamente gera certo comprometimento e cumplicidade entre enunciador e destinatário, mesmo porque, ainda segundo Citelli (2005), essas expressões, com tom apelativo, carregam uma carga afetiva muito grande.

3.8 A persuasão está sempre presente?

Citelli (2005, p. 93) faz algumas perguntas interessantes: “É possível a existência de um discurso não-persuasivo? Todos os discursos visam persuadir acerca de alguma coisa?” Cremos que tais questionamentos devem também fazer parte do nosso estudo. Para respondermos a essas perguntas levando em conta um universo mais amplo, abordando os vários tipos e graus de persuasão, precisamos, antes de mais nada, considerar parte da entrevista concedida por Umberto Eco (1998, p. 280) a Augusto de Campos, e que se encontra em adendo ao livro do primeiro.

> A maior parte dos discursos que fazemos nas relações com os nossos semelhantes é discurso de persuasão. Temos necessidade de persuadir e ser persuadido. O discurso persuasivo, em si mesmo, não é um mal; só o é quando se torna o único trâmite da cultura, quando prevarica, quando se torna o único discurso possível, quando não é integrado por discursos abertos.

A argumentatividade está inerente à própria linguagem. Por esse foco, é possível afirmar que a persuasão está muito presente em nossas relações do dia-a-dia. A forma como Umberto Eco a define, dá-nos a idéia de que ela se coloca de maneira entranhada na maioria de nossas falas. E ele ainda completa, que se bem utilizada, ela não é um mal, pois destaca a idéia de que temos necessidade de persuadir e ser persuadido. Talvez ele afirme isso baseado na idéia de que implícito na persuasão está o raciocínio, bem como o diálogo e o debate

Cientes de todos esses fatos, fica-nos a questão: é possível fugir da persuasão? É provável que não caiba à lingüística a preocupação de julgar se a persuasão está presente em todos os discursos, ou ainda, se a arte de persuadir é algo bom ou ruim.

Tão somente estamos evidenciando aqui os diferentes campos de conhecimento que ela atua, alguns de forma mais ressaltada, outros de maneira mais amena, como a arte, por exemplo, onde a natureza persuasiva não é tão incisiva, e pode-se dizer até que em certos momentos ela chega a ser antipersuasiva.

O importante, no entanto, é uma análise equilibrada, pois a persuasão não é um mal. Mas pode haver o perigo dela não encontrar espaço, e assim, desencadear uma ausência de diálogo, liberdade de pensamento, e consequentemente um controle excessivo, onde o discurso se torna algo único, incontestável, seja ele verdadeiro ou não.

Perelman (2005, p. 581) afirma:

> Apenas a existência de uma argumentação, que não seja nem coerciva nem arbitrária, confere um sentido à liberdade humana, condição de exercício de uma escolha racional. Se a liberdade fosse apenas adesão necessária a uma ordem natural previamente dada, excluiria qualquer possibilidade de escolha; se o exercício da liberdade não fosse fundamentado em razões, toda escolha seria irracional e se reduziria a uma decisão arbitrária atuando num vazio intelectual.

O autor mostra que há necessidade de raciocínio equilibrado, liberdade de escolha, e especialmente o exercício da razão, para que a argumentação não se torne arbitrária, coerciva e vazia.

Reboul (2004, p. 16) complementa esse raciocínio e alerta para o perigo da persuasão a todo custo, afirmando: “Pois, afinal, mesmo a serviço de uma boa causa, a arma continua sendo uma arma, e não é infalível que o seu poder seja sempre totalmente controlável”.

Ou seja, mesmo para aqueles que conhecem profundamente as técnicas, os caminhos, os efeitos, e todas as regras referentes à persuasão, não deveriam se esquecer do poder que ela carrega em si, e da necessidade e responsabilidade de articular esse poder de forma sábia, equilibrada e sensata. Pois do contrário, o poder de persuadir, ou argumentar pode, assim como uma arma mal manuseada, causar danos para todos que se vêm envolvidos.

4 RECURSOS PROSÓDICOS, UM INSTRUMENTO QUE PODE FAZER DIFERENÇA.

Visando analisar os aspectos prosódicos presentes no *corpus*, valer-nos-emos das considerações feitas por Cagliari (1999) e Bollela (2006), as quais postulam que os elementos prosódicos podem exercer, no discurso, diferentes funções lingüísticas.

O objetivo de nos dedicarmos à pesquisa dos aspectos prosódicos nesse momento tem como alvo não somente apresentar alguns aspectos relevantes da teoria prosódica para análise do *corpus*, mas ainda abordar questionamentos que consideramos relevantes e necessárias para o tema em estudo, tais como:

- Qual grau de ingerência da prosódia como instrumento de persuasão no discurso religioso atual?
- Os recursos prosódicos, quando bem utilizados, funcionam como ferramentas que facilitam a persuasão?
- Tais recursos exercem algum papel específico no texto?

Acreditamos que tais questionamentos devem ser avaliados por fazerem parte de um conjunto teórico que se complementa ao analisarmos a influência da prosódia no discurso.

Cremos também que a teoria apresentada neste capítulo nos permitirá fazer uma avaliação mais precisa do papel desempenhado pelos elementos prosódicos no *corpus* analisado.

Além dos autores citados, para efetuarmos a análise do texto oral selecionado, contaremos com os recursos tecnológicos do programa de computação *Sound Forge*, que mostra, através de espectrogramas, as variações de volume, velocidade, pausa, entre outros, dos trechos do texto falado analisado, e que certamente nos servirá como rica fonte de pesquisa. O programa nos auxiliará na averiguação e análise de quais são os recursos mais utilizados pelo palestrante, de que forma eles acontecem e em que momento eles ocorrem.

4.1 O QUE É PROSÓDIA?

Para descrever o termo prosódia valer-nos-emos das idéias expostas por Bollela (2006) a esse respeito.

Segundo a autora, o termo prosódia já foi palco de muita discussão, e a princípio era utilizado, especialmente pelos gregos, para representar traços da fala que não eram representados ortograficamente, e que só mais tarde foram introduzidos na escrita por meio de símbolos ortográficos. Assim, prosódia tratava da correta acentuação tônica das palavras. Cometer um erro de prosódia, por exemplo, seria transformar uma palavra paroxítona em oxítona, ou deslizes semelhantes a estes.

Mais tarde também, o termo foi usado por teóricos e críticos literários para se referirem às métricas poéticas, bem como ao ritmo da poesia e da prosa.

Apesar de ser uma visão descartada pelos especialistas em fonéticas e fonologia, as Gramáticas Normativas atribuem ao termo *prosódia* a acepção marginal de ortoépia, que trata da pronúncia correta das palavras, ou seja, o foco concentra-se ao “bom dizer” ao “sotaque”.

Já para a lingüística atual, o termo está relacionado ao conjunto de fenômenos fônicos, que está além da representação puramente segmental linear dos fonemas. A prosódia é parte da fonética que estuda a pronúncia das palavras e das frases.

As vogais e consoantes, na fala, consideradas como segmentos, são complementadas pelos elementos prosódicos. Segundo Cagliari (1992), esses elementos prosódicos, ou supra-segmentais, são elementos diferentes dos segmentos em natureza fonética e que caracterizam unidades maiores do que os segmentos, sendo pelo menos da extensão de uma sílaba.

Ainda conforme Cagliari (1999), tais elementos podem ser agrupados em três grupos diferentes.

O primeiro deles trata dos elementos prosódicos da variação da altura melódica. Tais elementos estão diretamente relacionados com a tessitura, por exemplo, que diz respeito às oscilações, mais grave, ou mais agudas, que deslocam a escala melódica da fala.

Outro elemento que compõe esse grupo é a entonação, variação melódica ascendente ou descendente. Também faz parte deste conjunto, o tom, variação melódica que,

nas línguas tonais, se dá no espaço de sílaba. E por fim o acento frasal que ocorre quando há uma mudança significativa da direção do nível melódico em determinada sílaba.

O segundo grupo é formado pelos elementos prosódicos de variação de duração. Um deles é o ritmo, que se caracteriza pela expectativa de uma repetição das saliências fônicas marcadas por durações estabelecidas. Outro é a duração, que nada mais é que a prolação alongada de elementos da fala. O terceiro é o acento, que revela as ondulações rítmicas da fala. O quarto é a pausa, silêncio na fala em meio a enunciados, com a função de segmentação da mesma. Existe ainda a concatenação, junção de palavras que definem a maneira como as pausas ocorrem em um enunciado. E, por fim, a velocidade da fala, que se refere à rapidez ou lentidão com que se dá um enunciado.

O terceiro grupo é composto pelo elemento prosódico de intensidade sonora, o volume, que é a variação de intensidade da voz, alta ou baixa.

Cada um desses elementos, ao ser utilizado pelo falante, revela uma intenção que vai além do significado simples e puro de cada palavra ou expressão. Eles funcionam como sinalizador para o ouvinte, indicando atitudes de persuasão, timidez, respeito, perigo, ironia, perturbação, dor, hesitação; ou quando o falante pretende colocar uma argumentação mais importante; ou ainda como estratégia para chamar a atenção ou impressionar o interlocutor.

Assim sendo, são elementos que não podem, de forma alguma, ser desprezados dentro do contexto a que pertencem. Estão revestidos de essência prosódica e, consequentemente, estão carregados de significação.

Em suma, a prosódia se ocupa da intensidade, entoação, tons, ritmos, etc. São os marcadores prosódicos que abrangem os contornos entonacionais (ascendentes [⇗], descendentes [⇘], constantes [⇒]); as pausas (silenciosas ou preenchidas); o tom de voz, o ritmo, a velocidade, os alongamentos de vogais, etc.

Tais elementos prosódicos exercem no texto falado a função lingüística pragmática, isto é, aquela que revela a atitude do falante. Esses aspectos podem ser analisados segundo texto elaborado por Bollela (2006) intitulado *A prosódia como instrumento de persuasão,* em que a autora descreve as principais funções lingüísticas desempenhadas pelos elementos supra-segmentais na língua portuguesa e explica o modo como esses elementos podem ser usados como recurso de persuasão no discurso oral.

A partir desse texto, podemos entender melhor de que modo os elementos prosódicos corroboram os elementos textuais na construção da persuasão no discurso oral.

Apesar de sua abrangência e riqueza, nos limitaremos a analisar os seguintes elementos prosódicos no *corpus*:

- tessitura e entonação, que, segundo Cagliari (1999), fazem parte do primeiro grupo, que trata da variação da altura melódica;
- pausa e velocidade da fala, que são componentes do segundo grupo, e que dizem respeito à variação da duração;
- volume, que compõe o terceiro grupo, o da intensidade sonora.

Conhecendo tais aspectos, e conscientes de suas ingerências no discurso, submeteremos o *corpus* à análise de alguns dos elementos pertencentes aos grupos acima citados.

Sabendo que a seleção dos elementos prosódicos deve ser feita de acordo com a especificidade do *corpus*, procuramos selecionar tão somente aqueles elementos mais relevantes, aqueles que de alguma forma vão corroborar de maneira direta a persuasão e a construção da argumentação no *corpus* selecionado.

Por entendermos que algumas características dos marcadores Lingüísticos e Paralingüísticos, como pausas, interjeições em que se usa uma única palavra, gritos, e até mesmo o timbre e a duração do sorriso, estão diretamente ligados aos recursos prosódicos, abordaremos nesse mesmo capítulo alguns aspectos que dizem respeito a esse tema.

4.2 MARCADORES LINGÜÍSTICOS E PARALINGÜÍSTICOS

Consideramos importante para nossa análise, avaliarmos as características dos marcadores lingüísticos e paralingüísticos.

Os marcadores verbais, que exercem funções estruturadoras relevantes, e ainda constituem um elemento na articulação de textos, apresentam-se de formas bastante variadas. Fávero (2005, p. 45), na obra *Oralidade e escrita*, ao citar Marcuschi (1987), diz que para ele há uma subdivisão em quatro grupos: os marcadores simples, os compostos, os oracionais e os prosódicos.

> 1. Marcador simples: realiza-se com uma só palavra: interjeição, advérbio, verbo, adjetivo, conjunção, pronome etc.
> 2. Marcador composto: apresenta um caráter sintagmático com tendência à cristalização. Ex.: então daí, aí depois....
> 3. Marcador oracional; corresponde a pequenas orações que se apresentam nos diversos tempos e formas verbais ou modos oracionais. Ex.: eu acho que; então eu acho que...
> 4. Marcador prosódico: associa-se a algum marcador verbal, mas realiza-se por meio de recursos prosódicos. Fazem parte deste grupo a entonação, a pausa, a hesitação, o tom de voz, entre outros.

Há ainda os marcadores não lingüísticos ou paralingüísticos, que nada mais são que o riso, o olhar, a gesticulação etc. Tais marcadores carregam em si um potencial muito grande na interação face a face, pois não somente estabelecem contato entre as partes, mas também mantêm e regulam esse contato.

Consideramos importante a abordagem dos marcadores paralingüísticos em nossa pesquisa, tendo em vista o fato de que o palestrante que está sendo analisado, Silas Malafaia, faz uso tanto dos marcadores verbais, ou lingüísticos, para estruturar seu texto falado, como também se vale abundantemente dos marcadores paralingüísticos.

Com base no que expusemos, esperamos que tais subsídios teóricos possibilitem a análise das amostras que tomaremos no capítulo dedicado a esse fim, viabilizando a verificação da aplicabilidade de tais conceitos dentro do *corpus*.

Segundo pesquisadores como Bollela (2006) e Cagliari (1999), os recursos prosódicos possuem funções vitais dentro do discurso e sua ingerência dentro dele é inquestionável. Tais recursos, quando utilizados, provocam reações, instigam, chamam a atenção, e não passam de maneira despercebida. Ou seja, os aspectos prosódicos atrelados aos argumentativos, bem como aos aspectos textuais, podem provocar diferentes efeitos no discurso.

De acordo com o que percebemos nas ponderações dos teóricos, os recursos prosódicos enfatizam de forma explícita o que se deseja transmitir: irritação, autoridade, medo, raiva, insegurança etc. O mesmo parece ocorrer com os recursos paralingüísticos, que, quando presentes no discurso, podem causar reações no ouvinte, tirando-o do lugar comum, atraindo-o e até mesmo despertando seu interesse.

5 ANÁLISES E EXEMPLOS DE INTERAÇÃO DOS ASPECTOS PROSÓDICOS, ARGUMENTATIVOS E TEXTUAIS

Neste capítulo, pretendemos trabalhar concomitantemente as áreas abordadas na teoria que acabamos de expor: prosódia, argumentação e aspectos textuais, à medida em que cada uma se destaca no *corpus*, e, principalmente, analisar como cada uma delas corrobora a construção do texto oral analisado.

Nossa intenção é ainda verificar se a incidência de elementos prosódicos é capaz de exercer no *corpus* um papel diferenciado.

Ao final do capítulo, mostraremos, a partir de excertos de outra palestra de Malafaia, a forma com que o palestrante expressa sua preocupação com relação ao uso dos recursos prosódicos, e o quanto ele considera esses elementos importantes na construção do texto oral.

Antes porém, baseados nas considerações de Bronckart (1999), apresentadas no capítulo em que tratamos dos aspectos textuais, analisaremos o *corpus* para avaliarmos a que gênero pertence.

Começaremos nossa investigação a partir do contexto de produção textual. Por se tratar de um material previamente preparado, ponderações nos levam a crer que o lugar de produção do texto, provavelmente, deu-se em um momento de estudo e reflexão do emissor. Já o momento de produção do mesmo, acontece em um contexto formado por um público considerável, que o vê e ouve ao vivo.

Quanto ao contexto sócio-subjetivo do emissor, seu lugar social de pastor e palestrante se destaca em relação ao público que o ouve. E o objetivo da interação, colocada pelo próprio palestrante, é utilitário, isto é, ele tem a pretensão, a partir de seu texto, de provocar mudanças de comportamento no público que o ouve. Isso fica explícito em vários momentos de sua fala, os quais poderão ser observados nos exemplos expostos neste capítulo.

Analisando o conteúdo temático, percebemos que o conjunto de informações que são apresentadas pelo agente produtor faz parte de conhecimentos estocados e organizados em sua memória.

Quanto à organização textual, percebemos que a sua infra-estrutura geral é composta de articulações entre tipos de discursos, bem como de seqüências diversas. Por

exemplo, seqüências descritivas: em que são trabalhadas fases diferentes do tema, como seus aspectos, reformulações, etc., e que segundo Bronckart (1999), o efeito pretendido pelo emissor, ao usar esse tipo de seqüência, é de fazer o destinatário ver em pormenor elementos de um objeto de discurso.

Encontramos também seqüências narrativas, quando o orador mobiliza personagens em acontecimentos organizados no eixo sucessivo. Neste caso, o efeito pretendido é o de manter a atenção do destinatário, por meio da construção.

No texto, vemos ainda as seqüências explicativas, raciocínio que se origina na constatação de um fenômeno incontestável, e que, ainda segundo Bronckart (1999), o efeito pretendido é fazer o destinatário compreender um objeto de discurso.

E, em grande número, destacam-se as seqüências argumentativas, que têm como objetivo convencer o destinatário da validade do posicionamento do produtor. Há no texto até mesmo seqüências injuntivas, ou seja, aquela que faz o destinatário agir de certo modo ou em certa direção.

Enfim, uma diversidade de seqüências compõe o *corpus*, que também apresenta um mecanismo de textualização variado, bem como mecanismos enunciativos com suas vozes sociais e institucionais marcando presença especialmente por meio do autor.

Diante de tudo isso, e depois de avaliarmos e estabelecermos uma relação com gêneros similares, bem como de considerar o plano de composição, o conteúdo temático e o estilo presente no texto, podemos afirmar que o *corpus* se encaixa no grupo de palestras, pregações, sermões.

Tal gênero, palestra, que pode ser exposto pelo emissor por meio de leitura ou não, apresenta, neste caso, características informais. O locutor expõe o tema de forma espontânea e, apesar de em alguns poucos momentos ler pequenos trechos, na maior parte da palestra, ele apenas segue um *script* ou um roteiro estabelecido anteriormente.

Assim sendo, estamos trabalhando com um texto que foi previamente escrito, e preparado pelo palestrante, e que em função desse fato, obviamente apresenta muitas características do texto escrito. Porém, ao ser exposto de maneira espontânea e não lido, aglutina traços do texto falado, que, em certos momentos, se sobressaem.

Um fato que nos chama a atenção e que merece ser destacado é o de que a palestra (apesar de ser transmitida em sua maior parte como texto oral, não lido), se observada puramente como um material que foi anteriormente pesquisado, preparado e elaborado para ser transmitido para um determinado grupo de pessoas, apresenta complexidade, formalidade e abstração, características pertinentes do texto escrito.

Podemos fazer essa afirmação, não somente pela complexidade do assunto que está sendo discutido, que obviamente mereceu pesquisa e estudo por parte do locutor antes de externá-lo ao público, mas também com base em exemplos extraídos da palestra, que confirmam atitudes do palestrante, o qual apresenta, em vários pontos, dados estatísticos ou informações técnicas claramente preparadas de antemão e que respaldam seu ponto de vista.

Acreditamos estar implícito no ato de qualquer palestrante que apresenta dados e pesquisas de terceiros no corpo de sua palestra, que houve uma busca prévia de tais subsídios.

Vale ressaltar que, como veremos em alguns exemplos, em muitos momentos, tais pesquisas, que se constituem características textuais, corroboram para reforçar algum aspecto argumentativo que ele defende. E ainda, ao serem expostas pelo palestrante, são constantemente articuladas pelos recursos prosódicos.

Mas o texto revela, ao mesmo tempo, a estrutura simples, informal, concreta, não planejável e em certos momentos, até desestruturada da fala; estrutura essa, que se deixa mostrar sem as marcas mais acentuadas do texto escrito, como por exemplo, palavras mais longas, um número maior de adjetivos atributivos, um vocabulário mais variado, ou ainda um texto mais curto.

Isso parece se dar, porque o discurso formal e elaborado da palestra, vez ou outra é atravessado pelas marcas do falante, marcas essas que emergem no próprio momento da interação.

Malafaia, ao falar de forma calorosa, incisiva, ao comunicar-se com o olhar, com gestos, com expressões faciais que afetam as emoções, constrói o etos, que é o caráter que o orador assume para inspirar confiança no auditório; confiança essa que Reboul (2004) considera fundamental. Assim, é possível observar que Malafaia, durante toda sua fala, passa suas idéias não de forma fria e impessoal, mas parece procurar transmiti-las de uma forma carregada de emoção; seja indignação, ira, esperança, ou tão somente informação.

Tal constatação se dá principalmente, devido ao fato de observarmos o esforço conjunto que Malafaia exerce na hora de comunicar-se, esforço esse que se deixa mostrar na escolha das palavras, que neste caso envolve os aspectos textuais; na maneira como expressa cada uma dessas palavras, fazendo uso de tessituras, volumes e velocidades diferentes, que diz respeito aos aspectos prosódicos; na sua postura corporal, aspectos paralingüísticos; no seu desejo de se fazer compreender, em que usa muitas estratégias argumentativas; e na sua preparação prévia em relação ao conteúdo que transmite, fato que mais uma vez coloca em destaque aspectos textuais.

Enfim, o uso de todo esse conjunto para comunicar suas idéias, soma-se ainda ao empenho de gerenciar relações. Ou seja, para convencer seus ouvintes, ele trabalha

concomitantemente, idéias e emoções, gerenciando essa relação de forma muita atenta, e por que não dizer astuta.

Com respeito ao gerenciamento de relações, é interessante destacar a maneira como Malafaia dá início à sua fala. Quem o ouve nos primeiros minutos, ouve um palestrante tranqüilo, calmo, que apresenta suas idéias com serenidade e equilíbrio. Segundo Bollela (2006), tais características são percebidas pelo uso prosódico que ele faz, trabalhando a velocidade de forma desacelerada, volume baixo e sem oscilação de voz, bem como uso de pausa ao final de cada sentença. Tal postura dificilmente será percebida no restante da palestra.

Fica-nos claro no discurso de Malafaia, o que Perelman (2005) diz com respeito ao acordo, ou gerenciamento de relação, como prefere Abreu (2001), pois o palestrante usa os primeiros minutos em contato com o público para gerenciar relação, um recurso argumentativo. E só depois que esse relacionamento evolui, e ele parece sentir segurança da parte daqueles que o ouve, ou quem sabe, só depois que ele supõe ter conseguido conquistar a confiança desse público, é que o palestrante vai deixando outras marcas emergirem; safando-se da delicadeza e doçura, construídas a partir da fala pausada e com baixo volume do princípio de sua fala, e relacionando-se com o público de forma bem menos branda.

Esclarecemos que todos os exemplos serão extraídos da fala do palestrante exatamente como pronunciou, portanto, poderão conter erros gramaticais.

Logo nos primeiros minutos de palestra, ao se dirigir ao público de forma amena, explorando aspectos prosódicos, ele apresenta, de maneira clara, sua intenção, ou a tese que pretende defender.

Trecho 1:

> *“nesta manhã quero tratar especificamente da questão da homossexualidade, do aborto e de células tronco, assuntos que estão na moda, assuntos que geram polêmicas, mas eu sou cidadão deste país, estou num país livre e quero apresentar a minha visão (3’35’’)*[2]

Como vimos no capítulo teórico em que abordamos a argumentação, Abreu (2001), sustentado pelas teorias de Perelman, ao tratar de algumas condições que considera necessárias na argumentação, ressalta que uma dos pontos básicos para o desenvolvimento da

[2] Os símbolos que aparecem após os números referem-se ao tempo. Assim, temos (’) representando os minutos e (’’) como marcador de segundos.

mesma é ter uma tese definida e saber para que tipo de problema essa tese é resposta. No exemplo do trecho 1, tal ponto é claro no discurso de Malafaia, ele não só afirma sua tese, ao tratar do homossexualismo, aborto e células tronco, mas também a coloca como resposta para aquilo que considera um problema.

E, no trecho que se segue, Malafaia não somente destaca a polêmica que cerca o tema, mas ainda defende e coloca sua tese como algo muito importante para a sociedade atual. De certa forma, ele a apresenta como resposta para aquilo que considera um problema.

Trecho 2:

> *"... e hoje eu tenho um tema muito importante, tremendamente polêmico a nível da sociedade" (1'01'')*

Como dissemos, ele trabalha de forma cuidadosa os recursos prosódicos nestes primeiros minutos. Fala de forma compassada e clara, além de, logo de imediato já fazer uso dos recursos paralingüísticos. Matem o olhar fixo no público, procurando passar uma atitude de calma, controle e total domínio do assunto que irá tratar.

Se considerarmos ainda o que diz Abreu (2001, p. 27), ao afirmar que "Minhas ações são a fonte do poder do outro", podemos observar, pelas imagens de vídeo, que as ações daqueles que o ouvem, nos revelam um público totalmente atento ao palestrante, concentrado em cada uma de suas palavras; um público que mostra sua concordância por meio de aplausos espontâneos; que permanece em silêncio e sentado em seu lugar durante todo o período; mostrando-se receptível a cada nova informação que lhe é transmitida; tudo isso, ou todas essas ações do público constituem-se na fonte de poder do palestrante. E desfrutando desse poder, Malafaia tenta argumentar, convencer, persuadir.

Interessante ressaltar que Reboul (2004) baseado nos pensamentos de Aristóteles, afirma que, para desenvolver bem o patos, o orador precisa de psicologia, e, quanto mais conhecer o caráter psicológico do seu público, melhor irá se adequar a ele, e consequentemente, atingi-lo. Vale lembrar que Malafaia, além de conhecer bem o caráter psicológico do seu público, pois lida há anos com ele, é ainda beneficiado pelo fato de ser, ele mesmo, graduado em psicologia.

Suas primeiras palavras são:

Trecho 3:

> "*Nós estamos aqui no templo da Assembléia de Deus da Penha, no Rio de Janeiro, na Rua Montevidéu, 1190, em um culto da Escola Dominical (...) Deus tem abençoado a Assembléia de Deus da Penha, cujo pastor, é o Pastor José Santos (...), é o pastor titular da igreja (...) e nós não temos mais espaços*

> *para fazer classes de adulto; tudo aqui tá estrangulado. Louvado seja o nome do Senhor!" (0'01'')*

Conforme essa afirmação, notamos que ele se encontra em uma igreja que conhece muito bem. Tal constatação se dá pelo fato dele pertencer a essa denominação, ou seja, Malafaia não está em um ambiente que lhe é estranho, tampouco diante de um público que ele ignora ou desconhece os usos e costumes, as crenças e expectativas.

E como constatação dessa intimidade, ele ainda cita não apenas o endereço do local em que estão reunidos, mas expõe particularidades das características físicas do lugar: *"não temos mais espaços para fazer classes"* , detalhes de suas características governamentais: "*Pastor José Santos é o pastor titular da igreja*"; e ainda características que dizem respeito ao caráter espiritual daquela igreja: *"Deus tem abençoado a Assembléia de Deus da Penha"*. Ora, sabemos que uma igreja, assim como qualquer outra organização se constitui pelos membros que a compõe. Assim, Malafaia, logo de início, deixa transparecer, através de suas palavras, que está lidando com um povo "especial e abençoado", o povo que compõe a Igreja Assembléia de Deus da Penha.

Enfim, Malafaia ao conhecer as características da instituição a que pertence, conhece, ao mesmo tempo, o caráter psicológico do seu público, o que lhe habilita a desenvolver, de forma mais precisa, o patos, e consequentemente atingir esse público de maneira mais contundente.

Neste ponto, podemos ressaltar também a presença de uma das três condições básicas para argumentação que, segundo Abreu (2001), diz respeito ao contato com o auditório. Notamos que Malafaia, apesar de ter sua mensagem direcionada à massa, no momento de sua preleção, está lidando com um auditório particular, ou seja, com um público que reage e interage ao receber suas palavras.

Efetuando uma breve análise com base nos aspectos textuais, tendo como foco os participantes, percebemos que pela complexidade do tema escolhido para a palestra, trata-se de um assunto direcionado para um público adulto, de ambos os sexos, para todas as classes sociais, independente da formação acadêmica, mas com uma crença específica, ou seja, evangélicos em geral.

Por se tratar de uma palestra ministrada diretamente ao público, podemos assim deduzir que se trata de uma abordagem face a face, em que o público é constantemente monitorado por Malafaia. Ele o observa o tempo todo e, como já citamos, é possível constatar,

apesar de ser uma platéia muito grande, um domínio considerável sobre as pessoas. O que se nota é um grupo concentrado a tudo que ele fala e faz.

Essa reação do público, detalhe importante, que Perelman (2005) diz ser essencial, serve ainda como termômetro para o palestrante. E é algo que provavelmente é captado por Malafaia, que percebendo a concentração dos seus ouvintes, sente-se seguro e com autoridade para continuar discursando com tranqüilidade.

Ele, de fato, parece valer-se do recurso de presença citado por Abreu (2001), em que destaca a necessidade daquele que quer persuadir, de conhecer os verdadeiros valores do seu interlocutor. É possível afirmar que Malafaia beneficia-se disso, pois sabe exatamente quais são os valores dos seus interlocutores, isto é, do público que assiste sua palestra.

Da mesma forma que os valores dos estudiosos e pesquisadores estão voltados para os livros, para o saber, e os valores dos políticos estão voltados para o poder, o governar; os valores de um público que se diz evangélico estão voltados para os ensinamentos contidos na Bíblia, para a revelação de Deus.

Esse fato reveste o palestrante de uma autoridade notável, pois, em última instância, se os argumentos utilizados na área da ciência e das estatísticas não forem eficazes ou convincentes, ele então se apoiará na Bíblia, e usará as escrituras, considerada sagradas, para sustentar suas teses. Tais argumentos, de acordo com os valores daquele público, são praticamente irrefutáveis.

Exemplo que consideramos evidência de tal fato está no trecho abaixo:[3]

Trecho 4:

> *“(...) e hoje... eu tenho um tema mUIto importante... tre-men-da-men-te polêmico a nível da Sociedade... e com a GRAça de Deus e a sua MIsericórdia e com a sua RE-VE-lação... eu quero tra-ta-lo nes-as-ta ma-nhã (...)” (1’05’’)*

Malafaia, a princípio, vale-se do etos de humildade para tratar com o público que o ouve. Ao admitir que é pela graça e misericórdia de Deus que irá abordar um assunto polêmico e importante, ele se coloca como alguém destituído de qualquer poder ou capacidade. Em contrapartida, ao dizer que é pela revelação de Deus que irá falar ao povo, torna-se o dono de toda sabedoria e poder.

Tal afirmação não é colocada de forma desatenta. Por isso, colocamos a transcrição do trecho para facilitar a percepção de tal aspecto. Malafaia expressa cada palavra de

[3] A anotação usada para a transcrição da palestra obedece as normas do projeto NURC. Extraído de Castilho & Preti (1986). A linguagem Falada Culta na Cidade de São Paulo, vol. II – Diálogos entre dois informantes. São Paulo. T. A. Queiroz/EDUSP, p. 9-10.

maneira cuidadosa, e vale-se da prosódia para se comunicar, usando tessituras mais agudas, pausas e no final do exemplo, até palavras pronunciadas de maneira silábica. Recursos que segundo Bollela (2006) expressam atitude do falante para chamar atenção e revelam autoridade da parte do mesmo.

Como vimos na teoria, em termos argumentativos, tal afirmação de Malafaia reveste seu discurso de grande autoridade, afinal, para o público que o ouve fica a questão: quem fala é ele, ou Deus?

Nos exemplos que se seguem, também extraídos do *corpus* em análise, agora focando os aspectos textuais, com base nas afirmações de Koch (2003) de que existem textos falados que curiosamente se aproximam bastante do pólo da escrita formal, podemos notar:

Trecho 5:

> *"Agora, outra pesquisa americana (..) uma pesquisa do Instituto Johnson, lá nos Estados Unidos, sobre pessoas que foram, que desejaram, que buscaram, que queriam mudar seu comportamento homossexual, e foram pedir ajuda. 79,9 conseguiram mudar a sua orientação sexual de homossexualidade para heterossexualidade." (15'25'')*

Logo depois de citar os trechos 5 e 6, o palestrante começa a ler informações técnicas, estatísticas ou científicas. Exemplos como esses, são facilmente encontrados na amostra em estudo. O locutor, apesar da espontaneidade, está sempre seguindo um roteiro e se valendo de anotações e pesquisas realizadas anteriormente.

E neste mesmo exemplo, observando aspectos argumentativos, podemos perceber o argumento pragmático do modelo. Ao citar pesquisas realizadas em outros países, por exemplo, ele está fazendo uso do argumento do modelo.

E vários exemplos assim podem ser encontrados no *corpus*. Ele de fato, vale-se dos exemplos de modelo, como instrumento que pode contribuir para solidificação de suas idéias.

Trecho 6:

> *"Pesquisa nos Estados Unidos, precisa falar, primeiro mundo, medicina, hospital... Vai lá, hospital na América é pra qualquer americano, de qualquer classe social, as maiores e melhores tecnologias em qualquer área, eu vou mostrar pra você o engodo e o engano de se pensar que se uma mulher tiver assistência medica adequada, não vai acontecer nada eu trouxe a lista, eu trouxe aqui uma listinha (...) . Pesquisa nos Estados Unidos... eu trouxe aqui uma listinha, não dá pra guardar isso, as outras coisas eu tento... essa aqui é dose..." (52'08'')*

Mais uma vez focando os aspectos argumentativos, notamos agora o argumento pragmático do antimodelo**.** Essa espécie de argumento é também utilizada pelo palestrante. No exemplo do trecho 6 ele usa o argumento do antimodelo para reforçar suas colocações, citando as conseqüências enfrentadas pelos países onde o aborto é legalizado.

E seguindo esta mesma linha, ainda apresenta o exemplo de outra pesquisa (trecho 7) para firmar a idéia de que se um povo deseja ser forte e perpetuar na história, ele precisa de práticas heterossexuais, do contrário, seu fim será a total extinção.

Trecho 7:

> *"Pesquisa de um cientista, da universidade de Nova York, ele pesquisou mais de 2000 culturas existentes na história da raça humana e chegou à conclusão que apenas em 55, apenas 55 eram culturas unissexuais, isto é não existia diferença entre macho e fêmea. Sabe o que aconteceu? Essas culturas se extinguiram rapidamente. Sabe por que isso? Porque nenhuma sociedade é mais forte do que a vitalidade de suas famílias; e a vitalidade das suas famílias depende do relacionamento dos sexos opostos; isto é, do relacionamento heterossexual. Nenhuma cultura, até hoje existente, deixou livre a questão da homossexualidade; e todas elas impuseram limites. E em nenhuma cultura existente até hoje, a homossexualidade nunca foi preferência para adulto na maior parte do ciclo da vida. Não estou falando de teologia, estou falando de sociologia, de dado científico." (18'50'')*

Importante ressaltar que quando Malafaia cita as pesquisas, ele diminui o volume de sua fala. Outros aspectos prosódicos também podem ser notados nessas circunstâncias, como a ausência de tessitura aguda, além do uso constante de pausas.

Em termos textuais, ele insere uma digressão com a função de reformar os aspectos argumentativos. Dentro dessa digressão, ele trabalha os argumentos quantitativos, quando relata os números. E, ao citar os números, ele dá ênfase na tessitura aguda, aliada ao volume.

Enfim, um conjunto complexo e interessante dos aspectos textuais, prosódicos e argumentativos pode ser observado nesse trecho.

Buscando tornar seus argumentos mais claros, menciona ainda a experiência de um médico americano.

Trecho 8:

> *"Teve um médico aborteiro nos Estados Unidos que enfiou uma câmara pra filmar o aborto que ele ia fazer, o nome do filme é O Grito Silencioso. Ele não*

> *conseguiu ver o filme até o final, e nunca mais fez nenhum tipo de aborto. “ (49’40’’)*

Nesse trecho vemos claramente o uso do antimodelo como técnica argumentativa. Ele começa sua colocação usando a palavra “aborteiro”; que nesse caso, funciona como um marcador de argumentação, reforçando tenazmente a idéia do antimodelo.

Intriga-nos o fato de que Malafaia com seu comportamento, de certa forma, reforça o que defende Perelman (2005), ao considerar que o antimodelo possui uma força curiosa. O palestrante parece ter a certeza que a sociedade agiria diferente se presenciasse mais exemplos assim; ou seja, mais antimodelos, pois em um outro momento, ele afirma de forma ainda mais explícita:

Trecho 9:

> *“... eu queria ver a Globo, eu queria ver a televisão, e queria ver o Congresso Nacional depois de ver um filme desse: O grito silencioso. Eu queria ver a sociedade depois de ver um filme desse, a luta do feto pra não morrer, se alguém apoiaria o aborto em qualquer instância...” (49’55’’)*

O exemplo abaixo (trecho 10), bem como outros períodos com informações técnicas e previamente pesquisadas se repetem muitas vezes no decorrer da palestra. Como afirma Fávero (2005), ao tratar da estrutura do texto escrito, podemos notar neste trecho a estrutura complexa, formal e abstrata que o compõe. Sendo assim, reafirmando o que diz Koch (2003), há muitas marcas textuais nesta palestra que se constituem bem próximas do texto formal.

Trecho 10:

> *“... pesquisa americana, aborto aprovado, pode fazer aborto, vamos ver as conseqüências, vamos lá: perfuração do útero; essas aqui são pesquisas de mulheres que abortaram; sangramentos que requerem transfusões, ruptura do colo do útero com impacto desconhecido sobre a capacidade do colo em alguma gravidez subseqüente; acidentes ligados a anestesia; doenças inflamatórias da pélvica, e possível infertilidade decorrente da cirurgia não intencionada; incluindo-se a laparotomia, a histerotomia, e a esterectomia. Perfuração da vesícula, perfuração do intestino, retenção de restos ovulares, anemia peritonite. Uma séria infecção da membrana serosa que reveste interiormente a cavidade abdominal. Infecções menores, e febres de causas desconhecidas. Gravidez tubária não detectada; embolia pulmonar; obstrução da artéria pulmonar. Tromboflebite venosa, inflamação de uma veia que se desenvolve antes de um coágulo sangüíneo. Depressão; psicose. Nove vezes mais propensas a suicídio do que outras mulheres. E alto risco de infecção é*

> *comum a todo tipo de aborto. Tem mais, tem, o risco de aborto espontâneo no segundo trimestre da gravidez, aumenta dez vezes mais aquelas que já fizeram um aborto. Além disso, deve-se deixar claro que o aborto aumenta a chance de morte materna em qualquer gravidez futura, e também que o aborto é um peso psicológico tão profundo na consciência de uma mulher quando ela destrói uma gravidez" (53'00'')*

Mais uma vez reforçamos o fato de que no que tange os aspectos prosódicos, Malafaia, ao citar as pesquisas, abaixa o volume da voz, usa tessituras graves e fala pausadamente.

Já nos exemplos 11 e 12 que se seguem, especialmente nos trechos sublinhados, é perceptível a estrutura simples, informal, concreta, não planejável e em certos momentos, até desestruturada da fala, que, conforme Koch (2003) são características do texto falado:

Trecho 11:

> *"E alguém disse: mas pastor, e o anencéfolos; não tem cérebro, não tem parte do cérebro; a criança vai morrer, porque não tira logo? Rapaz, eu vi uma sentença de um juiz do supremo, que agora eu esqueço o nome, do Supremo Tribunal Federal, que o camarada arrebentou a boca do balão. Olha o que esse cara me diz. Ele foi contra a permissão de um aborto de uma criança anencéfola. Ele diz assim: todo ser humano nasce pra morrer, e não está no homem determinar a hora dele morrer ((riso)). Que, que, que sacada, pastor Santos, do cara! Que sacada! Todo ser humano nasce pra morrer e não está no homem determinar a hora de morrer." (55'40'')***)***

Trecho 12:

> *"O cérebro humano, que é a estrutura mais complexa do ser; só no cérebro humano, você nessa cacholinha de 1,300kg; alguém que tem um cabeção maior, pode ser, ou mais forte 1,500kg; esse 1,300k que você carrega aí na cabeça, possui 10 bilhões de células interligadas por ramificações de cada uma entre de 10 e 100 mil ramificações." (30'00'')*

Ainda calçados pelos conceitos relacionados ao texto apresentados por Koch (2003), no trecho 12, notamos a inserção com o intuito de introduzir comentários metaformulativos. Há uma preocupação em deixar mais claro o que foi dito. Assim, usa-se a palavra para explicar o significado de algo mais complexo ou desconhecido.

Se observarmos o mesmo trecho, sob os aspectos argumentativos, notamos a presença do argumento de definição. Essa é uma ferramenta também usado por Malafaia para fazer definições durante sua fala.

Se focarmos nossa atenção para uma avaliação em termos prosódicos, vamos perceber a presença de recursos paralingüísticos no *corpus*, como defende Marcuschi (1987), Malafaia sorri depois de dizer algo que considera valioso, como marca de auto-aprovação. No exemplo do trecho 11, podemos notar tal aspecto.

Note ainda outro exemplo desse mesmo aspecto:

Trecho 13:

> *"É impressionante! Deus, Deus é incrível! E a ciência tem que comer na mão da teologia mesmo..((riso))." (44'05'')*

O sorriso também é usado em outros momentos só que de forma irônica, como sinal de reprovação, desprezo ou deboche. Os trechos abaixo são duas pequenas amostras de como isso se dá.

Trecho 14:

> "*O cérebro humano (...) você nessa cacholinha de 1,300kg, alguém que tem um cabeção maior pode ter... ou mais forte 1,500kg,... ((risos))" (30'00'')*

Trecho 15:

> *"Escuta essa, ah Jesus amado, quanta ignorância espiritual ((riso)), não é nem científica porque eles sabem o que eu tô falando..." (45'32''*)

Considerando os fatores constitutivos da atividade conversacional podemos notar no exemplo que se segue marcas de informalidade, espontaneidade e casualidade, com baixo grau de exigência e preparo da parte do emissor para transmiti-lo.

Trecho 16:

> *"O ser humano é um ser social, e vive de modelos de imitação. O ser humano é um ser social e vive de modelos de imitação, imita, imita moda, imita corte de cabelo, imita cor de roupa, imita carro, o ser humano vive de modelos de imitação." (12'08'')*

Neste mesmo trecho, podemos encontrar ainda outras marcas da estrutura do texto falado, pois nele vemos a preocupação do emissor com a clareza das idéias expostas. Para alcançar tal clareza, ele faz uso de sinônimos e muitas repetições.

Como afirma Koch (2003), é justamente nessa informalidade que é possível interromper e corrigir quando se percebe que algo foi formulado errado; ou ainda inserir explicações e/ou exemplos, ou fazer uso de paráfrases para que seu interlocutor compreenda plenamente o que se deseja dizer. E ainda acrescentar expressões atenuantes quando se percebe que algo ofensivo ou excessivamente categórico foi dito.

Nesse exemplo em relação à prosódia, é notável uma constância no volume da voz enquanto ele faz as repetições. Praticamente não existe alteração na tessitura, e ele evita pausas, falando seguidamente, enumerando uma seqüência de ações ou acontecimentos.

Se observarmos o trecho 16, que acabamos de citar, sob aspectos argumentativos, vamos perceber que Malafaia não somente faz uso do argumento pragmático do exemplo, mas ainda cita em sua própria palestra que o comportamento do homem é extremamente direcionado por aquilo que vê e imita.

Consideramos importante destacar, nesse ponto, mais alguns aspectos que estão muito relacionados com fatores constitutivos com a atividade conversacional. Como vimos em Abreu (2001) calçado pelas idéias de Perelman, uma segunda condição básica para qualquer argumentação é ter uma linguagem comum com o auditório. E isso, ele procura efetuar de forma hábil. Ele fala a língua dos seus ouvintes, adéqua-se a eles, usa palavras e expressões do dia-a-dia. Além disso, não se preocupa em manter o nível formal, pois durante suas palestras faz uso dos mesmos jargões que a maioria das pessoas usaria em uma conversa informal.

Trecho 17:

> *“a inquisição matou um bocado de gente, qualquer um que se levantasse contra os interesses da igreja <u>o coro comia, o pau quebrava</u> e acabava morrendo” (5’40’’)*

Trecho 18:

> *“Olha, legaliza a cocaína porque tem gente cheirando cocaína <u>pra dá de pau</u>. Olha, legaliza o crack porque <u>tem gente usando crack pra dá de pau</u>” (17’00’’)*

Trecho 19:

> *"talvez você esteja na prática homossexual e diga: Caramba! Como que esse pastor é violento, ele ta me acusando, ele quer acabar comigo. Não, eu quero falar a verdade" (27'49'')*

Malafaia desafia autoridades, ataca grupos específicos, critica a mídia, apresenta, sem modulações, suas idéias e opiniões. Pessoas que apresentam um comportamento assim é sempre alvo de olhares, e acabam atraindo a atenção, seja daqueles que o admiram, seja daqueles que o abominam.

Mais alguns exemplos de como ele articula sua linguagem:

Trecho 20:

> *"esses teólogos fajutas e libertinos que querem torcer a palavra de Deus (...) a Bíblia condena a homossexualidade, quer no Antigo, quer no Novo Testamento".(25'39'')*

Trecho 21:

> *"Essa que é a verdade: pode querer me processar, pode querer gemer, eu sei onde eu busco meus direitos, não tão falando com idiota, não tão falando com bobo, eu sei me defender. Eu tô num país livre, pago esse programa e tenho direito de expressar minha opinião." (29'54'')*

Trecho 22:

> *"Em primeiro lugar, aborto não é uma questão religiosa, essa tem sido a malandragem desses libertinos" (30'38'')*

No trecho 22 notamos ainda, sob aspectos paralingüísticos, que o palestrante mantém o olhar fixo no público, que segundo Marcuschi (1987), serve para estabelecer contato entre as partes.

Esse é o padrão lingüístico adotado por Malafaia, não apenas nesta palestra em que trata de um tema polêmico, mas também em outras pregações proferidas pelo palestrante e que não são objetos de estudo de nossa análise.

Em alguns casos, como a palestra exibida às 16h do dia 3 de maio de 2007 na TV JB, onde Malafaia mantém um programa diário intitulada "Vitória em Cristo", ele usa expressões cotidianas, que se aproximam de termos de baixo calão, ao tratar do tema "Crescendo na Vida", em que aborda e critica a criação de filhos. Vejamos o teor de suas colocações:

Trecho 23:

"*Pais que têm criado filhos vagabundos, uma cambada de malandros"*

Trecho 24:

"O que vemos hoje são moleques fracotes, metido à besta, uns pirralhos, uns pivetes, uns mulecotes, que não querem obedecer pai."

Trecho 25:

"*O que você quer ser? Um Zé Mané? Um Zé Minhoca? Um Zé Ninguém? "*

O uso dessas expressões permeia seu discurso com extrema naturalidade.

Em termos prosódicos, cada uma dessas expressões são pronunciadas de maneira clara e pausada, especialmente quando está fazendo uma enumeração, como nos exemplos 24 e 25. Ele ainda faz uso de recursos paralingüísticos, com risos e expressões faciais que dão um tom de desprezo e deboche.

O argumento do ridículo pode ser percebido em sua fala. A intenção de Malafaia parece ser de instigar sua platéia, e ao mesmo tempo provocar risos no público que o ouve.

Nos exemplos que se seguem, podemos notar marcas da estrutura do texto escrito. A transição de um período para o outro se dá de forma encadeada, lógica e natural. O emissor tenta atrair a atenção do ouvinte para o que irá dizer a seguir.

Tais estratégias, cheias de perguntas, admoestações e exemplos, conforme apresentadas por Marcuchi (1987), normalmente prendem a atenção do ouvinte, e desperta nele curiosidade.

Trecho 26:

(...) e aí... você faz a seguinte pergunta... pastor... me dá uma definição do que seja homossexualidade... eu defino pra você...(...) (11'18'')

Trecho 27:

"Afinal, o que dizem sobre a homossexualidade?" (08'40'')

Trecho 28 :

"Agora escute..." (16'42'')

Trecho 29:

> *“eu vou dizer aqui uma definição clara; escute o que vou te falar, preste muita atenção porque isso é muito importante...” (34’23’’)*

Trecho 30:

> *“agora escute o que eu vou te falar, algumas questões sobre o aborto que você precisa saber e são interessantes pra você entender essa matéria” (42’23’’)*

Importante ressaltar que em termos prosódicos, sempre que Malafaia usa estratégias de estruturas textuais para prender a atenção do ouvinte com perguntas ou com palavras, admoestando a atenção do público, ele muda sua entonação, e geralmente faz uma pequena pausa ao dizer expressões como: “agora escute”.

Outro ponto a ser observado é a preocupação com a clareza das idéias expostas. O palestrante preocupa-se em escolher a palavra certa para tornar o texto mais claro e acessível ao ouvinte. Ele não apenas passa uma informação, mas se dá ao trabalho de repeti-la e exemplificá-la de forma simples, acessível e que faz parte da realidade e da vida do seu ouvinte. Essas são características bastante peculiares da estrutura presente no texto falado.Veja o exemplo:

Trecho 31:

> *“a biologia, a genética, a embriologia ela fundamenta a humanidade da criança desde o ventre, desde o ventre. Você sabe qual é a diferença entre um óvulo fecundado e você? O tempo e a nutrição. O óvulo fecundado tem um dia, uma semana, 3 meses, 4 meses, e você tem 20 anos, 30 anos , 40 anos, 50 anos. O óvulo fecundado ele se alimenta dos nutrientes lá do fluido amniótico e você come arroz, feijão e carne. A diferença entre um óvulo fecundado e você é o tempo e a nutrição, significa então que o embrião é humano...” (32’10’’)*

Com relação ao trecho 31, se observarmos os aspectos prosódicos, vamos notar que há um aumento de volume na palavra “tempo”; que, nesse caso, pode sinalizar atitude autoritária por parte do falante. Atitude essa que nos parece muito natural, tendo em vista o tema extremamente polêmico de que ele está tratando. Ele faz ainda uso de tessitura aguda na palavra “diferença”, que neste ponto, ainda conforme Bollela (2006), indica contestação. Já a palavra “nutrição”, foi pronunciada pausadamente, recurso esse que, como já dissemos, demonstra o desejo do falante em reforçar sua autoridade, ou de valorizar o que diz.

Essa prática é muito utilizada por Malafaia durante toda a sua fala. Em termos prosódicos, ele faz do volume, da tessitura e do ritmo, fortes aliados para se expressar.

Vejamos ainda exemplos de marcadores convencionais qualificados por Marcuchi (1987) como simples. Por se tratar de um texto falado, não são difíceis de serem encontrados.

Trecho 32 (representando um conjunto de pequenos trechos):

“Bem, ...” (08’50’’)
“Olha,...” (17’00’’)
“Queridos,...” (21’50’’)
“... portanto...” (10’30’’)

Aqui estão também alguns exemplos que ele chama de marcadores compostos presentes na palestra.

Trecho 33 (representando um conjunto de pequenos trechos):

“Afinal de contas” (08’40’’)
“Agora escute...” (14’15’’) (16’42’’)

Em todos esses casos, a prosódia é vastamente explorada, e tem um papel que não pode ser desprezado. Malafaia não usa os marcadores convencionais, sejam eles simples ou compostos, sem se valer de mudanças de volume, velocidade e uso de pausa.

Com relação a atividade de formulação, o exemplo abaixo nos mostra como Malafaia usa a repetição. Vale ressaltar que ele quase nunca a usa como ferramenta de correção, mas, na grande maioria, como recurso didático, que ele acredita e declara ser fundamental para memorização e fixação:

Trecho 34:

“...eu quero que você guarde, você pode repetir comigo, pra você guardar. Eu conheço o que estou falando, isso é científico, a repetição ajuda a memorizar, então você vai repetir comigo; eu falo você fala, eu falo você fala, vai ficar bonito, ok?...” (41’06’’)

Logo depois de proferir essas palavras, vai dizendo pequenos trechos da palestra, e a grande massa repetindo; ao final do período, o público, que parece sentir-se parte do que estava acontecendo, celebra com palmas esfuziantes.

Em vários outros momentos de sua fala, especialmente quando considera que disse algo importante, ele usa a expressão: “vou repetir”, e em seguida, explorando os recursos prosódicos, repete de forma mais lenta ou mais enfática o que acabara de dizer.

Nos três exemplos que se seguem, o locutor usa do recurso da entonação diferente, o que nos remete, mais uma vez, aos recursos prosódicos, para repetir o que foi dito pelas outras pessoas (trechos sublinhados), além de fazer gestos e expressões faciais, recursos paralingüísticos, que passa a idéia de querer ridicularizar ou ironizar alguém.

Esse tipo de repetição, segundo Koch (2003), também se trata de uma ilustração com inserção e diz respeito a uma característica textual:

Trecho 35:

> *“(...) a estimativa de abortos no planeta terra até o ano 2000 ultrapassa a casa de 1 bilhão, 1 bilhão de pessoas foram mortos. E aí vem uns hipócritas: Pastor, onde que estava Deus na tsunami (...)” (01.04’00’’)*

Trecho 36:

> *“(...) e não vem pra cá com essa filosofia barata que deus é amor. “- Deus é amor”, que grande coisa, ai meu deus do céu, ninguém sabia disso, deus é amor (...)” (27’10’’)*

Trecho 37:

> *“(...) eu estava vendo um debate... na TV ... um dia desses... sobre a questão da homossexualidade... e um representante de um grupo.... de defesa homossexual... aME-A-ÇOU:::... os participantes do debate dizendo... ‘olha... cuidado com o que vocês vão falar aqui... porque depois... lá na justiça... a coisa fica feia’... eu falei... ah:::: se eu tô aí... meu filho... ah:::: se eu tô aí (...)” (08’00’’)*

No trecho 37, queremos reforçar alguns aspectos prosódicos. Notamos primeiramente, a palavra “ameaçou” sendo pronunciada de forma quase que silábica, o que demonstra que o falante deseja reforçar sua autoridade e/ou o valor do que diz. E ainda sobre a expressão “ah” que está sublinhada, incidiu um aumento considerável de volume, bem como uma entoação ascendente, e concomitantemente o uso de tessitura aguda, que segundo Cagliari (1999) e Bollela (2006) pode indicar exaltação. Nesse caso, o tom é mais de desafio.

Nos dois trechos que se seguem (38 e 39), notamos a atividade de formulação do texto denominada como correção, em que o falante reproduz um enunciado lingüístico anterior.

Trecho 38:

> *(...) a bíblia diz que deus fez macho e fêmea, criou, ou melhor, instituiu o casamento através da relação heterossexual e a família (...) (21'35'')*

Trecho 39:

> *Olha aí femininas, <u>feministas</u>, ativistas a favor do aborto, <u>agüenta firme porque eu vou desmoralizar o slogan de vocês ((risos))</u>. Olha o slogan. Esse é um slogan das feministas que apóiam o aborto: toda mulher tem o direito de controlar o seu próprio corpo. Vamos analisar a frase. Essa é uma frase das feministas pró aborto: toda mulher tem o direito de controlar o seu próprio corpo. Primeiro, toda mulher, 50% dos fetos que são abortados são mulheres, e não tiveram o direito de controlar o seu próprio corpo. Já começou a furada por aí, entenderam? Se 50% dos fetos são mulheres, e foram abortadas; não tiveram o direito de controlar o seu próprio corpo. Sabe o que é isso aí? Esse slogan, esse slogan é o massacre dos poderosos contra os indefesos. (46'39'')*

Em ambos os casos houve correção/reparo. No primeiro ele substitui o verbo "criar" por "instituir", e no segundo, a palavra "feminina" imediatamente por "feminista".

Importante ressaltar, que em termos prosódicos, quando há essa correção, acontece concomitantemente uma diminuição do volume no momento em que se pronuncia a palavra, ou frase que se deseja corrigir.

No exemplo 39, encontramos também inserções com introdução de comentários jocosos, que também é uma característica textual. No trecho sublinhado fica-nos claro o ar de deboche e desprezo com que Malafaia faz suas colocações.

E destacamos ainda no exemplo 39, dois aspectos argumentativos: primeiramente o argumento do ridículo. Ao se referir ao *slogan* das feministas, Malafaia desafia o público a se deleitar com sua intenção de ridicularizar o slogan delas, e ainda reforça com o uso da expressão "*agüenta firme porque eu vou desmoralizar o slogan de vocês*". Há também o argumento de retorsão, que se repete nos exemplos 40 e 41**.**

Trecho 40:

> *Toda mulher, já queimei a primeira. Vamos pra segunda, tem o direito. Ninguém juridicamente tem direito absoluto sobre o seu próprio corpo. Ninguém pode se mutilar, tentar suicídio. Vai responder. Ninguém juridicamente tem direito sobre o seu próprio corpo, e ninguém, juridicamente tem o direito de colocar em risco outras pessoas. Primeiro, você nem tem direito absoluto sobre o seu próprio corpo; como vai ter direito do corpo do outro que é o feto?(47'45'')*

Trecho 41:

> *“Toda mulher tem o direito de controlar o seu próprio corpo. Já falei aqui, o feto não é corpo da mulher. O feto não é prolongamento da mulher, portanto, ela não tem o direito de determinar se o feto vive ou morre.” (48’50’’)*

É possível notar que em todos os exemplos, Malafaia usa dos próprios argumentos do interlocutor, neste caso as feministas ativistas, para efetuar sua réplica. Ou seja, retorsão.

No trecho a seguir vemos um exemplo de paráfrase, que diz respeito as características presentes nos aspectos textuais**.** Concomitantemente, com relação aos aspectos prosódicos, podemos observar em destaque, a presença do sorriso como marca de deboche e desprezo:

Trecho 42:

> *“Olha a incoerência humana. Escuta isso. Eu já tô terminando, mas escuta a incoerência do ser humano, como o pecado cega o ser humano. Hoje existem grupos de proteção de baleia, pássaros, flores, até de capim, até erva daninha tem grupos de defesas((risos)). No ambientalismo, se defende baleia, se defende lagosta se defende mico leão dourado, se defende floresta, e o ser humano não defende o seu semelhante, que incoerência do homem, se defende bicho, se defende papagaio, se defende mata, mas a vida humana é coisificada...” (1.01’06’’)*

No trecho 42, em ralação aos aspectos argumentativos, encontramos exemplo de argumento fundamentado na estrutura do real, (PERELMAN, 2005). Mais especificamente o argumento pragmático do desperdício.

Malafaia mostra sua indignação ao ver os diversos grupos de proteção que existem hoje no planeta. Ele passa a idéia de que há um desperdício de tempo, estudo, trabalho e principalmente valores com relação a tudo isso.

Ele não diz isso de forma clara, mas passa a idéia de que seria melhor se as pessoas estivessem investindo seu tempo, empenho e inteligência, em defesa do ser humano e não apenas de coisas, plantas e animais. Enfim, na visão dele, parece haver um desperdício de esforço.

Insistimos em repetir que para enriquecimento de dados e solidificação das impressões e informações relacionadas ao palestrante, a pesquisadora não tem se limitado a ouvir apenas a palestra escolhida como *corpus*, mas tem ouvido constantemente outras

palestras de Malafaia, e o argumento do desperdício é muito utilizado por ele quando trata de tempo, trabalho, estudo, cultura, lazer, relacionamentos etc.

No mesmo exemplo (trecho 42), e ainda analisando aspectos argumentativos, com relação aos argumentos quase lógicos, encontramos no final do trecho, sublinhado, uma ocorrência da regra de justiça. Malafaia mostra-se indignado. E parece considerar tal fato, ou seja, "a vida humana ser coisificada", como uma grande injustiça.

Em relação à construção do sentido no texto falado, entre as principais estratégias de processamento colocadas por Koch (2003) aqui analisadas, queremos destacar:

Estratégia de inserção:

Trecho 43:

> *(...) QUERO primeiro falar da ho-mos-se-xua-li-da-de... e QUERO dizer LOgo... de primeira mão... que nós evangélicos... AMAmos...TO-DOS os homossexuais... a bem da verdade... a BÍblia nos ensina... a amar.... TO-DAS as pessoas indepenDENte do que elas são...ou do que elas praTICAM... ou de suas atitudes (...) Nós amamos todo tipo de pessoas, até ban-di-do." (03'30'')*

No exemplo acima, é clara a estratégia que o locutor recorre para incluir um material lingüístico dentro do texto que estava produzindo. Ele interrompe o tema da homossexualidade para fazer a inserção da tese do amor.

Como podemos notar na transcrição, analisando o mesmo texto sob ângulo da prosódia, notamos que, quando ele diz**:** *"A Bíblia nos ensina a amar* ***todas*** *as pessoas."*, sobre a palavra "todas" incidiu um aumento considerável de volume, bem como uma entoação ascendente, e concomitantemente o uso de tessitura aguda, que nesse caso, segundo Cagliari (1999) e Bollela (2006) pode indicar exaltação.

E sobre a expressão: "*Nós amamos todo tipo de pessoas,* ***até*** *bandido."* incidiu, na palavra "até", uma tessitura com nível agudo, indicando mais uma vez exaltação, seguida de uma pausa, que por ser, nesse contexto, "fora do esperado" demonstra uma atitude do falante para impressionar o interlocutor. Ainda segundo Bollela (2006), pausas colocadas dessa maneira servem também para chamar a atenção do que se vai dizer em seguida.

No mesmo trecho, houve também uma mudança clara com relação à velocidade na palavra "bandido". A mesma foi pronunciada quase que silabicamente, o que demonstra que o falante deseja reforçar sua autoridade e/ou o valor do que diz. E logo em

seguida aparece o uso de uma pausa, que pode ser, mais uma vez, um recurso para impressionar o interlocutor.

O trecho 43 apresenta ainda um aspecto muito interessante em relação à argumentação, o qual gostaríamos de destacar. Como observamos na teoria, Perelman (2005) trata do acordo, ou tese secundária. Podemos detectar a presença desse acordo no *corpus*, quando Malafaia começa a defender a tese do amor.

Malafaia, consciente ou não, faz uso dessa estratégia. O trecho que vimos retrata a maneira como ele prepara seus ouvintes com teses secundárias, antes de entrar na tese principal.

Se retornarmos um pouco na palestra, minutos antes do palestrante fazer uso do trecho que estamos abordando, notamos que ele começa sua fala tratando de algo totalmente distinto do assunto que irá abordar; no caso, a homossexualidade. Ele fala primeiramente sobre a igreja em que estão naquele momento, e sua tese aqui se baseia em fatos, nesse caso específico, o fato de que ela está cheia.

Trecho 44:

> "*estamos aqui no templo da Assembléia de Deus da Penha (...) não pense que a escola dominical está cheia porque eu estou falando, é porque Deus tem abençoado (...) e nós não temos mais espaços para fazer classes de adultos, tudo aqui tá estrangulado, louvado seja o nome do Senhor...*" *(05'')*

Não podemos deixar de ressaltar que no trecho acima ele se valeu também do "argumento da quantidade" buscando, assim, adesão inicial do seu auditório. E ao mesmo tempo em que ele louva e exalta a Deus por esse fato, ou seja, pela grande quantidade de pessoas na igreja, a ponto de sua estrutura física chegar ao limite máximo; ele está também, ainda que de forma velada, se "gabando" desse acontecimento, ao afirmar: "*não é porque eu estou falando*". Assim, em um jogo argumentativo, mais uma vez constitui o etos de "humildade" para lidar com seu público.

Em seguida, encandeado suas idéias, ele cita o texto que abordamos no exemplo do trecho 43. E usa o amor como base para outra tese secundária; e aqui, segundo Perelman (2005), seu argumento não se baseia em fatos, mas em presunção, pois, teoricamente, é impossível provar que alguém é realmente amado por outra pessoa.

Interessante notarmos que Malafaia fala e defende o amor sem qualquer tipo de acepção: *" quero dizer logo, de primeira mão, que nós evangélicos amamos todos os homossexuais(...) Nós amamos todo tipo de pessoas, até bandido..."*. No entanto, podemos

notar com clareza o marcador de pressuposição, ao vê-lo usar a expressão “até”; e assim, inevitavelmente, lança o bandido no grau mais baixo da escala de valores. Em suma, uma contradição.

No trecho 43 ele coloca o amor como premissa para a argumentação que se seguirá. Porém, como já dissemos, essa premissa pode ser falsa, ou pelo menos não pode ser provada teoricamente. Essa característica é recorrente na fala de Malafaia.

Vejamos ainda um exemplo do uso da estratégia de explicação, conforme Koch (2003).

Importante ressaltar que o uso que Malafaia faz dessa estratégia tem como objetivo maior apresentar uma justificativa ou explicação para suas idéias e posições. Ao tratar do tema preconceito, ele procura atenuar seu discurso com relação ao conhecido preconceito que existe em torno do assunto, antes mesmo de expor suas colocações, como que saneando sua fala de possíveis ataques contrários.

Trecho 45:

> *”... , e quero dizer também que <u>nós evangélicos</u> não temos preconceito em relação a homossexualidade. Preconceito é quando você firma um conceito debaixo da ignorância e sem domínio de conhecimento. Eu não tenho preconceito em relação a homossexualidade, eu tenho é conceito firmado, e conceito firmado na base de conhecimento e não na base da lógica...” (04’50’’)*

Nesse trecho, notamos ainda que ele usa mais uma vez o argumento de retorsão.

O fato de alguém ter conceito firmado sobre algo não isenta tal pessoa de ser preconceituoso. Ou seja, por ter Malafaia conceito firmado sobre homossexualismo, isso não lhe concede isenção de preconceito com relação ao assunto. Entendemos que tal questão abarca dois aspectos completamente diferentes, mas usando de retorsão, ele coloca ambos no mesmo patamar.

Ainda sobre esse mesmo exemplo, no aspecto semântico, ele monossemiza a palavra “preconceito”, tirando por completo o sentido polissêmico que existe nela. Conforme observamos nesse texto, para ele, preconceito significa apenas o inverso de conceito firmado.

Ainda em relação a aspectos argumentativos, notamos mais uma vez, que aqui Malafaia faz uso da tese secundária, neste caso específico, o preconceito, como tese de adesão. Esse trecho parece vir estrategicamente antes de sua tese principal.

Ele defende a tese do preconceito, que certamente é um tema muito intrigante e que desperta o interesse de muitos. Mais uma vez baseia-se na tese de presunção.

Em termos prosódicos, notamos que ao pronunciar: "*eu não tenho preconceito em relação a homossexualidade, eu tenho é conceito firmado*", o palestrante faz uso da tessitura pra enfatizar, por meio da voz, a não adesão àquela idéia, no caso, a idéia do preconceito. E, mais uma vez baseados nas afirmações de Bollela (2006), ele usa níveis mais agudos quando está exaltado, ou quando coloca pontos que apresentam situações de contestação.

Importante ressaltarmos, ainda no exemplo do trecho 45**,** o uso da expressão "nós evangélicos". Tal expressão nos remete a um silogismo aristotélico, ou seja, aquele cujas premissas são prováveis. Pois não há nenhuma base palpável para que ele possa ancorar essa idéia.

Ele, portanto, tece uma premissa sem fundamento sólido, e a toma como base para refletir o pensamento de todos os evangélicos. Tal atitude, sem sombra de dúvida, é uma mostra, ainda que obscura ou bem camuflada, do discurso autoritário proferido por Malafaia, que vez ou outra, se deixa mostrar.

Se observarmos o que se esconde por trás da expressão "nós evangélicos", podemos notar que apesar dele se mostrar aparentemente solidário, igual, ou um com seu auditório, ele, na verdade, ao massificar os evangélicos, está também tirando deles a liberdade de escolha ou mesmo de opinião, isto é, o direito e a possibilidade de pensar diferente.

Assim, notamos que Malafaia, um enunciador individual, coloca suas idéias, na construção de sua tese de adesão, de forma coletiva e abrangente.

Com base no que analisamos na teoria que trata dos diversos tipos de discurso, notamos que Malafaia, ao dizer, e repetir por várias vezes, frases como essas: "nós evangélicos", tenta fazer com que as verdades da instituição a que pertence, Igreja Evangélica Assembléia de Deus, represente a verdade das centenas de igrejas evangélicas que existem hoje no Brasil, que possuem não somente governos diferentes, mas costumes, preceitos e filosofia diversas.

Por fim, usando mais uma vez recursos argumentativos, Malafaia parte para a história da igreja, e fala sobre a inquisição, agora voltando-se novamente para a tese de fatos:

Trecho 46:

> *"(...) escute o que vou dizer pra vocês... houve um período na história da humanidade que o mundo foi mergulhado no obscurantismo (...) todo mundo*

> *que se levantava contra a igreja era massacrado (...) O que nós estamos presenciando hoje é uma moderna inquisição científica e sociológica. Qualquer pessoa que se levante para se opor à prática da homossexualidade é logo ridicularizada, desprezada, rotulada como preconceito" (5'34'')*

Todos nós sabemos que a inquisição é tida pela população em geral como algo perverso. Aqui, Malafaia parte desse argumento para usá-lo de forma positiva, ou seja, ele compara a crítica que há contra aqueles que discordam do homossexualismo com a pressão e o horror da inquisição. Notamos, mais uma vez, a retorsão. Com tal atitude, ele passa a impressão de querer valorizar o desconforto que vivencia na posição de crítico, e ao mesmo tempo, coloca-se como vítima da situação.

Importante ressaltar no exemplo, especialmente no trecho sublinhado, uma característica do texto escrito, no qual o emissor tenta atrair a atenção do ouvinte para o que irá dizer a seguir com a estratégia da admoestação.

Nos exemplos que se seguem, focando os aspectos argumentativos relacionados ao gerenciamento de informações, com base em Perelman (2005), e Abreu (2001) observamos que, quando o palestrante apresenta dados científicos ou pesquisas com o propósito de informar seus ouvintes, ele está gerenciando informações.

Trecho 47:

> *"O embrião é humano, escuta, o embrião é uma pessoa, porque na sua evolução ele não pode se tornar outra coisa a não ser pessoa, nenhum corpo vivo pode tornar-se pessoa a não ser que já seja pessoa. Ser e humanidade não estão em ordem crescente, ser e humanidade são inatas, não são adquiridas, nenhum ser humano é mais humano do que outro, o que difere, é o tempo e a nutrição". (33'07'')*

Trecho 48:

> *"O feto não é prolongamento da mãe (...) nós não admitidos o aborto porque o feto não é prolongamento da mãe. Prova pastor. Provo. E não é com teologia não é com ciência (...) provo, e não é com teologia não é com ciência. É o corpo da mãe primeiro que diz que o feto não é prolongamento dela, porque se a criança não tivesse protegida pela placenta, o corpo da mulher botava pra fora o feto (...) Segundo, é a mãe e não o feto que é passivo e dependente (...) é o embrião que faz cessar o ciclo da mãe, é ele que torna habitável o útero desenvolvendo a cápsula protetora e o fluido amniótico, é o feto em última instância que determina a hora do parto e não a mãe. Como é que vou concordar com o aborto se aquele ser não é prolongamento do corpo da mãe? Feto não é igual unha que é grande e você pode tirar cortar porque é prolongamento do seu corpo (...) geneticamente ficou comprovado que o feto é*

> *independente da mãe desde a concepção, ele possui olhos boca, órgãos genitais, impressões digitais diferentes da mãe" (42'50'')*

Malafaia, nesses exemplos, trabalha o gerenciamento de informações e, usando dados científicos, tenta falar à razão de seus ouvintes e se empenha na construção de um conceito que ele desenvolve no campo das idéias. O que nos induz a ponderar que é uma técnica eficaz, pois nada mais convincente que a ciência para nos falar a razão.

Na verdade, é importante ressaltar, que nas muitas outras palestras com temas diversos realizadas por Malafaia, ouvidas e analisadas pela pesquisadora, quase sempre se percebe o uso dessa técnica.

A princípio, ele comumente aborda o assunto-tema em campos como a ciência, a história, a geografia, a filosofia, a psicologia, a física, a matemática, a antropologia, enfim, os muitos ramos científicos e tecnológicos que tem à disposição, só então, depois de construir algo no campo das idéias e de tentar convencer os que o ouvem fazendo uso do gerenciamento de informações, é que ele parte para a teologia.

Na primeira parte da palestra em estudo (em que o locutor fala especificamente sobre homossexualidade), só depois de abordar a ciência e a psicologia, de apresentar dados e informações técnicas, é que finalmente entra no campo teológico e, respaldado pelos conceitos da teologia, apresenta um conjunto de argumentos para expressar sua posição.

No trecho 48, em relação aos aspectos textuais, notamos ainda, conforme Koch (2003), mais um exemplo do uso da estratégia de explicação, no trecho sublinhado.

Ainda sobre os aspectos textuais, o trecho nos mostra também outra modalidade de inserção; a que expressa a atitude do locutor perante o dito. Malafaia expressa, ou seja, insere no corpo do texto, uma avaliação pessoal ao dizer: *"...como é que vou concordar com o aborto se aquele ser não é prolongamento do corpo da mãe?..."*.

Nesse ponto, o palestrante dá uma ênfase nos recursos prosódicos. Ao fazer o questionamento acima, ele usa dos benefícios da variação da altura melódica. Tentando provocar, por meio de tessituras, conforme Bollela (2006), uma indicação de razão e autoridade no que acaba de expor.

Ainda seguindo a linha de pensamento de Koch (2003), vejamos agora um exemplo da inserção, ainda no trecho 48, com função interacional.

Quando o palestrante usa a expressão "prova pastor", no exemplo anterior, é como se ele, naquele momento, se tornasse parte do seu próprio público, e como ouvinte expressasse seu desejo e questionamento. E logo em seguida responde: "provo", como que

respondendo ao anseio da platéia, valendo-se de um recurso comum nos discursos didáticos e persuasivos.

Baseados em Fávero (2005), podemos afirmar também que normalmente Malafaia não executa a transição de um período para o outro de forma brusca, mas impõe um encadeamento lógico e natural entre os parágrafos. Em muitos momentos, o palestrante parece preparar o ouvinte para esse acontecimento. Ele usa estratégias diversas, que incluem perguntas, que, de forma geral, instigam e provocam curiosidade com relação ao que vai dizer a seguir; ou simplesmente vale-se de encadeamento de exemplos que prendem a atenção do ouvinte, como o que notamos no exemplo 48 ao dizer "prova pastor", e responder em seguida: "provo".

Podemos notar também que, no trecho 48, mais uma vez a prosódia se mostra de forma marcante. Atrelada a inserção, função de aspecto textual, ao dizer a frase: "prova pastor", Malafaia modula a voz, colocando nela um tom um pouco mais tênue e cheio de questionamento. E logo em seguida responde com firmeza, segurança e de forma incisiva: "provo". Dessa forma, ele se vale, segundo Bollela (2006), de uma estratégia que chama a atenção ou impressiona o interlocutor.

Nos exemplos que se seguem detectamos a inserção com função interacional que funciona como suporte para a argumentação em curso. No primeiro caso, trecho 49**,** usa-se como suporte a pesquisa americana, o no seguinte, trecho 50, é a biologia que se torna suporte argumentativo.

Trecho 49:

> *(..) seria um procedimento seguro para a mulher, pesquisa americana, pesquisa americana, aborto aprovado, pode fazer aborto, vamos ver as conseqüências (...) (52'45'')*

Trecho 50:

> *(...) aborto não é uma questão religiosa, é uma questão científica, especificamente biológica, a biologia comprova com farta documentação que a vida começa na concepção e ela é contínua, quer intra ou extra uterina até a morte (...) (31'00'')***)**

Analisando o trecho 50, sob aspectos dos marcadores paralingüísticos, percebemos que nesse instante, o palestrante mantém o olhar fixo no público, e isso parece acontecer não somente para estabelecer contato entre as partes, mas ainda com base nas afirmações de Marcuschi (1987), Malafaia parece ter tal atitude com o objetivo de desafiar

cada ouvinte a se manter ligado a ele; e, em certos momentos, ainda olha diretamente para a câmera, quando quer passar uma mensagem específica para o público que o verá e ouvirá via vídeo. Estes são alguns exemplos de como esse comportamento se repete durante a palestra:

Trecho 51:

> *"Essa que é a verdade, pode querer me processar, pode querer gemer eu sei onde eu busco meus direitos, não tão falando com idiota, não tão falando com bobo, eu sei me defender, eu tu num pais livre, pago esse programa e tenho direito de expressar minha opinião." (29'55'')*

Trecho 52:

> *"Escuta essa. Ah, Jesus amado! Quanta ignorância espiritual! Não é nem cientifica, porque eles sabem o que eu to falando." (45'32'')*

Trecho 53:

> *"Que engodo! Que engano! Que rolo! Sabe quem é a maior prejudicada por estes libertinos que querem aprovar o aborto? É a própria mulher. É a própria mulher." (55'18'')*

Trecho 54:

> *"Queridos, nós não podemos admitir o aborto em hipótese alguma." (55'36'')*

Trecho 55:

> *"Moço! Moça! Meu irmão! Minha irmã! Em nenhuma instância admita o aborto." (1.05'55'')*

Trecho 56:

> *"Que esta palavra sirva de esclarecimento para você. Deus nos abençoe em nome de Jesus." (1.07'53'')*

Trecho 57:

> *"<u>Mas eu tenho uma palavra aqui</u>, eu tenho certeza de que aqui neste auditório, ou alguém que está me vendo numa fita ou alguém que ta me vendo na TV, talvez você esteja na prática homossexual e diga: Caramba! Como que esse pastor é violento, ele ta me acusando, ele quer acabar comigo. Não, eu quero falar a verdade, a sociedade gosta de viver na hipocrisia, e pensa que amar é ser hipócrita, amar é falar a verdade, <u>eu quero dizer com você que tem um comportamento homossexual que há uma saída pra você."</u> (27'46'')*

Em todos estes exemplos, ele olha fixamente para o público ou para a câmera. E em alguns casos, mantêm o olhar fixo por alguns segundos antes de retomar sua fala, explorando ao máximo o recurso paralingüísticos do olhar.

Se analisarmos o trecho 57, levando em consideração os aspectos textuais, mais especificamente os marcadores convencionais, conforme Marcuchi (1987), vamos notar, logo no princípio do mesmo a presença de um marcador oracional.

Em relação aos aspectos argumentativos, poderíamos considerar aqui, conforme o pensamento de Abreu (2001), que nesse ponto Malafaia deseja não somente convencer seus ouvintes, mas persuadi-los a agir. E, nesse caso específico, o desejo claro do palestrante é de levar seus ouvintes a uma mudança de atitude.

Tal comportamento parece se repetir nos trechos que se seguem:

Trecho 58:

> *"Se técnicas terapêuticas não funcionam para mudar o comportamento homossexual para heterossexual, qualquer homossexual que reconhecer seu pecado e confessar ao senhor Jesus e obedecer sua palavra, vai ser liberto pelo poder do evangelho de nossos senhor Jesus cristo." (29'15'')*

Trecho 59:

> *"Olha o texto, olha o texto, eu vou repetir o texto e vou citar mais um de 1Coríntios 6, versículo 10 e vou citar o 11, olha que coisa tremenda (...) em nome do senhor Jesus e pelo Espírito do nosso Deus, o Senhor Jesus tem poder de libertar você disso meu filho." (28'25'')*

Em todos os trechos destacados há um desejo explícito, da parte do palestrante, de promover uma mudança, uma movimentação, uma tomada de atitude no seu público. Ele não se contenta apenas em informar ou passar seu ponto de vista, mas seu desejo final é desencadear uma mudança, é reformar, é ver no ouvinte uma atitude prática e não somente a aprovação das idéias por ele colocadas.

Dessa maneira, ele busca persuadir seu ouvinte. Fala às suas emoções, apela para algo que vai além da razão. Podemos notar, pelas imagens do vídeo, que as pessoas que o ouvem, em certos momentos, estão sorrindo, já em outros, chorando. E, nesse processo, ele vai realizando o gerenciamento de relações.

Se procurarmos no *corpus* alguns exemplos de reformulação, vamos encontrar amostras, como no trecho abaixo, em que ocorre caso de reformulação retórica, que tem como

objetivo final, reforçar a argumentação. Neste caso específico o palestrante usa a estratégia de repetição para explorar o aspecto interacional.

Trecho 60:

> *"... a própria sociedade admite... que um viciado em bebida... questão comportamental... pode ser tratado... e deixar de ser viciado em bebida... a própria sociedade e a ciência concorda... que um viciado em drogas... questão comportamental... pode ser tratado... e deixar... de usar drogas..." (13'20'')*

Já nos casos que se seguem, trechos 61 e 62, notamos exemplos de reformulação retórica com função cognitiva. Há uma desaceleração, com o objetivo de fazer-se mais ouvido e consequentemente, melhor compreendido. Procuramos fazer a transcrição do trecho para que houvesse maior compreensão da maneira como tal processo se dá.

Trecho 61:

> *(...) o ser humano perde refe-rên-cias.. querem legalizar tudo... agora não fica chateado comigo não... um ERRO MORAL...NU:::NCA PODE ser... um di-REI-to ciVIL. (...) (18'05'')*

Considerando os aspectos prosódicos desse exemplo, notamos que antes de pronunciar a palavra "nunca", aparece uma pausa acentuada logo após a palavra "moral". Ou seja, o falante pretende chamar a atenção para o que se vai dizer em seguida.

Há também um aumento significativo do volume na palavra "nunca". Mais uma vez, conforme Cagliari (1999) e Bollela (2006), sinalizando atitude autoritária. Uma tentativa de chamar a atenção do ouvinte para aquilo que se diz.

E ao pronunciar "um direito civil", ele faz uso da entoação, valendo-se de tons descendentes em nível alto, passando a baixo.

Trecho 62:

> *(...) e os GRUpos... de defesa...homossexuais ... trabalham... com FORÇA... através da mídia... porque... as cenTAIS de jornalismo... as cenTRAIS de produção de novela... tão infesTAdas... de pessoas... que tem a PRÁtica homossexual na sua vida... então... eles são bem organizados... tem aCESSO à mídia... e qualquer um que se levante... para apresentar... qualquer tese... CONtraria... aos inteREsses... da comunidade... homossexual... é BOM-BAR-DE-A-D0 (...) (06'45'')***)***

Ao pronunciar as palavras “bombardeado” do trecho 62, e “comportamental” do trecho 63, o palestrante destaca cada sílaba, pronunciando-as lentamente. Ele usa ainda de um aumento gradativo do volume nestas palavras, e logo em seguida faz uma pausa.

Trecho 63:

*“É uma questão **comportamental**.” (00:12:05)*

O palestrante faz uso exatamente dos mesmos recursos ao pronunciar a palavra “insaciável” com aumento gradativo de volume, seguido de pausa, também na seguinte frase:

Trecho 64:

*“Quanto mais se legaliza, mais o ser humano se torna **insaciável**.” (00:17:44)*

Importante ressaltar que existe no discurso um volume de exemplos que se repetem em pontos diferentes. Assim sendo, se fizermos uma análise geral do texto, podemos notar que os recursos prosódicos e paralingüísticos utilizados pelo palestrante, são praticamente os mesmos. Eles acontecem em vários momentos, apenas com algumas poucas variações.

Por tal motivo, entendemos que no exercício de selecionar as amostras para efetuação das análises, tornar-se-á impossível esgotar cada uma delas. Acreditamos ainda que isso não seria produtivo, pois, além de fazer com que o trabalho se tornasse extremamente repetitivo, serviria tão somente para reforçar a idéia de que esse é um estilo marcante do palestrante, que faz uso repetidas vezes da mesma técnica.

Em termos argumentativos, se submetermos o *corpus* à luz da teoria de Reboul (2004, p. 56), em que afirma que, para que a narração seja eficaz, “ela deve ter três qualidades: clareza, brevidade e credibilidade”, vamos notar que:

Malafaia parece procurar elaborar seu texto com clareza. Talvez seja justamente essa a intenção dele ao fazer uso de tantos recursos prosódicos, como vimos nos últimos exemplos.

Com relação à credibilidade, ele parece se esforçar ao máximo para transmiti-la aos seus ouvintes.

Quanto à brevidade, se olharmos apenas o tempo que gasta para tratar de um assunto, poderíamos dizer que ele geralmente não expõe seus temas de forma breve, mas se

observarmos o leque de idéias e pensamentos que são desenvolvidos e tratados durante sua fala, teremos outra visão.

De fato, o que acontece é uma ramificação muito grande do assunto por ele trabalhado. Mas, se olharmos de maneira específica, em cada linha que desenvolve, podemos notar que ele as coloca de forma clara e breve.

Poderíamos comparar a maneira como expõe suas idéias como a ducha de um regador. Se observarmos como um todo, diríamos que o volume de água pulverizado é grande; mas se focarmos em cada filete de água, concluiríamos que cada um é estrategicamente colocado de forma precisa com o fim de contribuir significantemente para o resultado final.

Assim enxergamos as colocações de Malafaia, um conjunto de subtemas e idéias que fluem sempre para o tema principal, com o objetivo de contribuir e dar clareza ao resultado final.

À luz dos estudos de Fávero (2005), se submetermos o *corpus* a um olhar específico da estrutura do texto escrito, podemos chegar às seguintes conclusões: em muitos momentos, temos uma elaboração com objetivo específico, com um conteúdo bem estruturado, coerente, ou seja, fica bastante evidente, em cada trecho, qual a idéia principal.

É possível notar também que, em cada período ou bloco de conteúdo que é exposto, há uma quantidade de informação adequada ao objetivo do texto; em outras palavras, o texto se apresenta de forma concisa.

Com relação à influência do discurso político que pode existir no discurso religioso, é possível perceber que vez ou outra Malafaia ao valer-se de frases, expressões e termos que provocam emoções, que comovem, sensibilizam e impressionam seus ouvintes, que são características peculiares do discurso político; parece se perder no encanto da antiga idéia de retórica, ou seja, do uso da linguagem envolvida por termos alegóricos, em que a estética, a postura do orador e a forma cuidadosa e bem articulada com que coloca cada uma de suas palavras, possui um valor mais acentuado que o conteúdo da própria mensagem.

No exemplo abaixo, em que ele começa citando parte do texto bíblico e depois completa com suas próprias idéias; ele fala com muita emoção. Para isso, ele se vale de uma qualidade de voz viva e vibrante. É perceptível o fato de que ele coloca ênfase em suas palavras; elas não são jogadas de forma displicente, mas colocadas uma a uma, cuidadosamente.

Trecho 65:

> *“Mas haveis sido lavados, mas haveis sido santificados, mas haveis sido justificados em nome do senhor Jesus e pelo Espírito do nosso Deus o Senhor Jesus tem poder de libertar você disso meu filho.” (28’50’’)*

Outro fato que contribui para reforçar a idéia de que tanto Malafaia expõe sua fala de forma muito semelhante ao estilo de discurso político, como também o público a recebe com a mesma postura, é que, ao concluir esse trecho, Malafaia é fortemente aplaudido. Coincidência ou não, exatamente como em um discurso político.

De fato, em muitos outros momentos de sua palestra, ele usa de um aumento significante no volume de voz, passando a impressão de que deseja que o resultado dessa atitude, desemboque exatamente em um período de aplausos da parte de sua platéia. E é isso que notamos.

Nesse último exemplo, Malafaia ao fazer enumeração, no trecho sublinhado, abordando um aspecto textual, ele faz, concomitantemente, um aumento gradativo do volume. Recurso prosódico que sinaliza atitude autoritária.

Diante do que constatamos na teoria e com base nas amostras observadas nesse capítulo, pretendemos, a partir desse ponto, concluir nossa análise enfatizando elementos que julgamos relevantes e que talvez possam esclarecer se há realmente a corroboração dos aspectos prosódicos em relação aos outros aspectos estudados: textuais e argumentativos.

Como já dissemos, em termos argumentativos, notamos na abordagem de Malafaia, que seu discurso é farto e diverso. Ele usa os argumentos quase lógicos, os argumentos fundamentados na estrutura do real; vale-se dos recursos de presença; procura gerenciar relações; parece articular o etos e o patos nos momentos em que constata ser necessário; trabalha suas teses, sejam as de adesão ou a principal de forma variada; enfim, tenta convencer e persuadir.

Diante das análises efetuadas, notamos que sua argumentação é abrangente e variada.

Em relação aos aspectos textuais, Malafaia, ao fazer uso dos fatores constitutivos da atividade conversacional, ao trabalhar a estrutura do texto escrito, bem como as atividade de formulação do texto oral (hesitação, paráfrase, repetição, correção e outras), e ainda ao atentar para a construção do sentido com relação ao texto falado, usando suas ferramentas diversas, mostra um leque diversificado de abordagens e estruturas.

Também constatamos, depois de pesquisarmos no *corpus* e analisarmos os exemplos encontrados, que, em relação aos recursos textuais, a palestra de Malafaia apresenta variedade e amplitude.

Porém, notamos que tanto em relação aos aspectos argumentativos, como textuais, Malafaia os trabalha sempre atrelados aos recursos prosódicos. E ainda ponderamos, diante do estudo realizado, que tais aspectos parecem perder boa parte de seu poder de alcance quando não envolvidos pelos recursos prosódicos.

Assim sendo, à luz dos exemplos que verificamos, não seria precipitado afirmar que a prosódia, aliada aos elementos argumentativos e textuais, funciona, de maneira perceptível, como uma ferramenta de incremento na persuasão.

A preocupação com o timbre; o cuidado na aceleração, no ritmo; as pausas em momentos estratégicos; a influência da tessitura nas frases; a oscilação do volume; todo esse conjunto, usado de forma consciente ou não pelo palestrante, não somente enriquece os recursos prosódicos no texto falado, mas também coopera para atrair a atenção do ouvinte, que parece captar os argumentos de maneira mais viva, e absorver as estruturas textuais de forma mais abrangente.

Diante dos estudos, e observando através das imagens de vídeo o comportamento do público, constatamos que esse conjunto de estratégias, se não tem o poder de fazer com que o discurso se torne algo mais interessante e abrangente, o deixa, no mínimo, menos cansativo, pois suas oscilações e constantes mudanças, independente do conteúdo, atraem e prendem a atenção do ouvinte.

Enfim, podemos concluir que o papel da prosódia no discurso analisado é efetivo e marcante.

Não podemos afirmar que o palestrante faz uso de todas essas estruturas de forma consciente e proposital, mas podemos dizer que ele tem conhecimento de parte delas. A base para tal afirmação está nos relatos dos trechos que passamos a transcrever a seguir, referente a outra palestra também proferida por Malafaia, intitulada "Inversão de Valores", material que encontramos disponível em DVD.

Tal palestra não faz parte do *corpus* em estudo, e os trechos selecionados serão usados apenas para apresentar a opinião de Malafaia acerca dos recursos comunicativos.

Trecho 66:

> *"Porque a comunicação, a comunicação, ela está sustentada neste tripé: palavra, expressão corporal e tom de voz. Então, se o camarada souber usar*

> *esses três elementos: palavra, expressão corporal e tom de voz, ganha todo mundo."*

Em seguida, ele passa a exemplificar e esclarecer seu ponto de vista sobre o assunto com a seguinte ilustração:

Trecho 67:

> *"Você já viu candidato a prefeito? Olha só como é que é isso. O camarada é PHD, doutor, não sei quantas universidades, preparadíssimo; aí ele vai falar com o povo."*

Desse momento em diante, Malafaia passa a representar a fala do político que ele acaba de descrever, usando um volume bastante baixo, que segundo Bollela (2006) pode representar timidez. Não se percebe nenhuma alteração na voz e o ritmo é mantido do princípio ao fim de sua fala. Usando esses recursos, ele diz:

Trecho 68:

> *"Minha gente, eu sou candidato a prefeito. Eu queria que vocês votassem em mim. Eu quero fazer um governo nessa cidade. Vocês podem contar comigo porque eu vou governar pro povo, eu vou... eu to preparado para essa demanda, e eu, se eu chegar a ser o prefeito dessa cidade, essa cidade nunca mais será a mesma".*

Vale ressaltar que durante essa encenação, em que Malafaia não apenas fala de maneira tímida e sem nenhuma expressão, ele ainda se mantém estático, não faz uso de nenhum gesto, e permanece com um olhar tímido o tempo todo. Sua platéia o acompanha com risos. Aqui Malafaia vale-se do argumento do antimodelo para ridicularizar aqueles que não exploram os elementos prosódicos para se expressar. Ao mesmo tempo, ao se comportar assim, articula o comentário jocoso, que é uma das marcas textuais.

Interessante como neste trecho 68, ele trabalha concomitantemente os três aspectos, mas dando ênfase especial aos recursos prosódicos.

Em seguida ele faz o seguinte comentário, que vem acompanhado de muitos risos por parte da platéia:

Trecho 69:

> *"Aí vem um semi-**analfabesta.** Ele cursou o pré-primário. Aí vem ele."*

Logo após, passa a representar o personagem que ele denomina como *semi-analfabesta* (mais uma vez a presença de comentário jocoso), e, num salto, articula com gestos largos, e dá gritos ao pronunciar as seguintes palavras:

Trecho 70:

> *"Minha gente!!! Povo dessa cidade!!!"*

Imediatamente, e mais uma vez valendo-se dos recursos prosódicos, muda de forma brusca o volume de sua voz, que nesse caso, segundo Bollela (2006) pode indicar atitude de persuasão; Malafaia comenta: *"já levou a metade"*, referindo-se ao político *semi-analfabesta*, mas que, segundo ele, sabe usar os recursos paralingüísticos e prosódicos a seu favor. Diante da cena, as pessoas mais uma vez riem, e ele prossegue seu comentário dizendo o seguinte:

Trecho 71:

> *"Porque a comunicação é isso. E você sabe como é que é essa divisão? É incrível essa divisão. Mais ou menos assim: os especialistas, os neurolingüístas, os especialistas em comunicação dizem que 7% palavra, 55% expressão corporal, 38% tom de voz. Por isso que um cara que fala sem expressão de corpo, sem mudar as entonações, passar emoções, ta frito."*

Vale destacar que ao passar as porcentagens de cada divisão, ele as pronuncia de forma enfática, pausada e clara, em especial a expressão "tom de voz", que está sublinhada. Reforçando o que defende Bollela (2006), ao transmitir de forma destacada algumas partes de sua fala, o comunicador tem a intenção parece ser de passar autoridade e reforçar o valor do que diz.

Por fim, ele cita um último trecho para completar seu raciocínio.

Trecho 72:

> *"Aí o cara faz isso, e todo mundo... (neste instante ele começa a aplaudir, e completa seu raciocínio dizendo) esse cara fala, arrebenta, esse é simpático."*

E completa em tom de indignação:

Trecho 73:

> *"Conteúdo: zero. Aparência fala mais que conteúdo."*

Ou seja, não há dúvida de que Malafaia conhece muito bem alguns dos recursos lingüísticos disponíveis na comunicação. E importante ressaltar que ele dá uma ênfase muito especial para os recursos prosódicos, pois consideramos que ao se referir ao "tom de voz", ele está se referindo diretamente a prosódia, que para ele, representa 38% da comunicação.

Destacamos também o fato do palestrante valorizar de forma bastante expressiva os recursos paralingüísticos: 55%; os quais são por ele classificados como expressão corporal. Não é de se admirar, que ele, em todo tempo, faz uso de risos, olhares, gestos, saltos, e às vezes até caretas, enquanto apresenta suas idéias.

Nas muitas outras palestras analisadas pela pesquisadora, Malafaia, durante suas preleções, gesticula constantemente, dá socos no ar, esmurra o púlpito, sapateia, e chega até mesmo a saltitar em sinal de protesto ou quando está proferindo algo que considera de extrema importância. Como vimos na teoria, todas essas atitudes nada mais são que marcadores paralingüísticos, que, ao serem articulados, exercem no texto algum tipo de influência.

Dependemos de imagens para comprovar tais fatos, mas sem dúvida, o comportamento de Malafaia no uso dos recursos paralingüísticos é tão abundante, que pode ser facilmente percebido no *corpus* em análise, em qualquer trecho do vídeo que for selecionado para observação.

Diante de tudo isso, podemos afirmar que o estudo em questão torna viável observar a maneira como os elementos prosódicos analisados corroboram as estratégias textuais, argumentativas, ou mais precisamente, persuasivas no discurso analisado.

O que percebemos é que Malafaia não somente acredita no valor da prosódia como instrumento de persuasão, mas também deixa suas marcas emergirem, no uso abundante e muitas vezes talvez até exagerado desse recurso, do princípio ao fim de sua fala.

Não podemos fazer tal afirmação com relação a outros discursos evangélicos, mas podemos afirmar, diante da pesquisa efetuado no processo de escolha do corpus, que esse tipo de discurso, o evangélico, tem, curiosamente, se mostrado com uma roupagem nova nos dias atuais. Ou seja, um discurso que não mais se preocupa com o padrão austero, em que a presença do tom autoritário e, em muitos momentos, até mesmo duro e legalista, prevalecia e era valorizado.

Contrariando a esse padrão, que vigorou na maioria da história dos discursos evangélicos, encontramos hoje estilos diversos e variados. Discursos que não apenas procuram explorar os recursos prosódicos, lingüísticos e paralingüísticos, mas que parecem

ter ainda a liberdade de caminhar do ortodoxo ao eclético, sem se preocuparem com o fato de que em virtude dessa nova postura, por vezes, têm se tornado até mesmo, polêmicos e intrigantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização de uma pesquisa, a busca incessante por respostas, o desejo de conhecer, desvendar, alcançar campos ainda não explorados é algo de valor imensurável, mas, ao mesmo tempo, coloca-nos muito perto dos nossos próprios limites.

O desenvolvimento dessa pesquisa foi motivo de satisfação, mas também de grandes responsabilidades e desafios. Desafios que, em muitos momentos, e em função da nossa própria limitação, nos pareceram enormes. Contudo, calçados pelos teóricos, estimulados por estudiosos da área, e movidos pelo interesse de contribuir para os estudos lingüísticos, paulatinamente, os obstáculos foram sendo superados.

Nosso intuito, em cada capítulo desenvolvido, foi, por meio da teoria, tentar esclarecer pontos que pudessem contribuir para a resposta da nossa hipótese inicial, que foi a de questionar a existência ou não de uma colaboração entre a prosódia e os elementos argumentativos e textuais na construção da persuasão.

Assim, retomamos agora os tópicos mais relevantes do trabalho.

Apresentamos, inicialmente, uma contextualização sócio-histórica, em que destacamos a abrangência da igreja evangélica no Brasil, em especial, da Assembléia de Deus, Igreja a que pertence o palestrante em estudo, Silas Malafaia. A abordagem desse assunto teve como alvo conhecer melhor a estrutura, o sistema de governo, e em especial os aspectos culturais, filosóficos e as crenças que envolvem a instituição a que pertence o palestrante e o público a que ele se dirige.

De acordo com os teóricos, a formação cultural dos ouvintes e, em especial, a do palestrante exercem influência tanto na elaboração como na recepção da mensagem. Ou seja, a cultura e o credo adotados por um grupo social compõem e cooperam para o resultado final de um discurso e a maneira como o mesmo é recebido. Assim, diante do que pesquisamos, percebemos que tais fatos exercem papéis importantes na construção do discurso e não podem ser negligenciados.

Um exemplo desta realidade é que o palestrante em estudo usa, em muitos momentos, a Bíblia como fonte de argumentação. Ou seja, para a maioria dos evangélicos que o ouve, ele está fazendo uso de argumentos irrefutáveis, pois faz parte da crença desse grupo

adotar a Bíblia como palavra incontestável. Assim, em função de um contexto histórico-social, um argumento toma dimensões diferentes.

Outras diretrizes importantes que a pesquisa sobre esse grupo pôde acrescentar foram: a consciência de que a linguagem utilizada por um de seus líderes é bastante acessível à maioria das pessoas comuns; aspecto que além de aproximar o palestrante do ouvinte, facilita a compreensão da mensagem. E ainda, que os cultos são cheios de emoção; o que justifica, em muitas situações, alguns comportamentos encontrados no *corpus* tanto por parte do orador como de seus ouvintes.

Consideramos que dados dessa natureza não podem ser desprezados, pois apresentam considerável grau de relevância no momento da análise de um discurso. Por isso, nos empenhamos na pesquisa e averiguação do contexto sócio-histórico a que pertencem tanto o palestrante como seus ouvintes, pois acreditamos que o conhecimento de tais informações coopera para uma compreensão mais ampla do assunto.

Outro capítulo que fez parte da pesquisa é o que trata dos aspectos textuais. O acesso às colocações de Fávero (2005), abordando todas as implicações e marcas que envolvem a oralidade e a escrita dentro do discurso, bem como o conhecimento de variantes que compõem as condições de produção de um texto, foram de vital importância, uma vez que, essas condições, segundo a autora, exercem sobre o texto alguma forma de influência, que pode se manifestar a partir de aspectos lingüísticos específicos.

Ainda seguindo o raciocínio da autora citada, tais condições executam também ingerência sobre o resultado final da mensagem, pois o conhecimento e acesso, por parte do locutor, das preferências e características do interlocutor, fazem com que o discurso atinja um raio mais extenso e significante, em outros termos, potencializa esse discurso, pois o locutor procurará inserir nele termos e idéias compatíveis com a realidade do público que o ouve.

Interessante ressaltar que, seguindo essa linha de pensamento, o capítulo que aborda a contextualização sócio-histórica contribui diretamente para a compreensão e maximização dos aspectos textuais, pois elucida particularidades tanto do locutor quanto dos interlocutores do discurso que estamos analisando.

Abordamos também as considerações feitas por Koch (2003) que dizem respeito às atividades discursivas e às muitas funções que envolvem o texto falado, com seus marcadores convencionais e as diversas atividades de formulação. E ainda, fizemos uma análise minuciosa, com base no que defende Bronckart (1999), para definirmos a que gênero o *corpus* em estudo pertence. Aspecto que também contribui para a compreensão do texto.

Em seguida, um capítulo tratando da argumentação e retórica, em que primeiramente explanamos um sucinto histórico sobre o tema, antes de abordarmos as teorias e considerações defendidas por Perelman (2005), Reboul (2004), Abreu (2001), Citelli (2005) e outros. Nesse capítulo, analisamos e definimos argumentação; e, calçados pelos autores citados, debatemos diferentes pontos de vista no que diz respeito a convencer e persuadir. Também analisamos e procuramos caracterizar o papel do etos, patos e logos dentro da argumentação, bem como sua ingerência e abrangência dentro do discurso.

Ainda com base nos autores citados, abordamos a maneira como se dá o gerenciamento de relações, fato esse que está intrinsecamente ligado ao auditório. Discutimos, ainda, condições de argumentação e analisamos e expusemos as técnicas argumentativas, bem como seus recursos diversos, que compõem o discurso e exercem importante papel dentro do texto. Por fim, abordamos os diferentes tipos de discursos, ressaltando suas características principais, bem como as marcas persuasivas que imprimem ao serem articulados.

Importante destacar que o conhecimento do público que compõe o auditório, fator relacionado ao aspecto sócio-cultural e também textual, serve de embasamento aos argumentos a serem articulados com esse público. Sendo assim, essa interação entre as diferentes áreas enriquece e fortalece os argumentos.

No capítulo seguinte, nosso foco se concentrou na prosódia. Cagliari (1999) e Bollela (2006) serviram de suporte para nossa fundamentação teórica. Definimos os termos principais relacionados ao assunto e avaliamos a função deles dentro do discurso. Abordamos, ainda, os três grupos formados pelos elementos prosódicos; elementos esses, que segundo Cagliari (1999), ao serem utilizados pelo falante, podem ir além do significado puro e simples das palavras ou expressões, pois carregam em si indicações de que algo mais, que revela inclusive características do falante, como timidez, perturbação, ira, autoridade, medo etc, se esconde por traz de cada palavra ou expressão. Importante ressaltar que esses elementos exercem no texto falado a função lingüística pragmática, que revela a atitude do falante.

Ainda nesse capitulo, abordamos os marcadores verbais, e destacamos os marcadores não lingüísticos ou paralingüísticos, que se referem ao riso, olhar, gesticulação etc; marcadores que agregam grande potencial na interação face a face.

O desenvolvimento desse capítulo nos levou a entender que os recursos prosódicos possuem funções vitais no discurso e, muitas vezes, sua ingerência dentro dele é inquestionável. Em geral, tais recursos estão diretamente ligados a outros aspectos do texto. Por exemplo, ao se apresentar um argumento em um discurso, a prosódia pode exercer papel

fundamental, influenciado, por meio de pausas, entonações e volume, o resultado final desse argumento.

Por fim, apresentamos um capítulo contendo as análises das amostras extraídas do *corpus*, em que procuramos encontrar exemplos que refletissem as teorias abordadas, com o propósito de evidenciar como ocorrem na prática os temas que foram estudados.

Como nossa intenção primordial era verificar se os elementos argumentativos e prosódicos influenciavam na constituição da persuasão no texto em estudo, nosso foco voltou-se em especial para essa particularidade.

Ainda a partir da análise, procuramos encontrar respostas para nossos questionamentos iniciais, que eram: Existe algo no discurso de Malafaia que o torna mais receptível? Quais são os elementos lingüísticos de que ele faz uso? Existe um elemento argumentativo ou prosódico que se sobressai dentro desse discurso?

Acreditamos que, em algum momento ao longo do trabalho, certas questões possam ter surgido: Por que a pesquisa abrangeu diferentes áreas ao mesmo tempo? Por que não se concentrou em um único ponto e não se avaliou exaustivamente tal aspecto?

Porque acreditamos que, para responder aos questionamentos que nos intrigaram inicialmente e nos moveram à pesquisa, o caminho a ser percorrido não poderia ser unilateral, mas, sim, abrangente e cheio de entrecruzamentos. Por isso, confrontamos amostras, comparamos idéias, cruzamos informações, abordamos pontos diferentes sobre a mesma porção de texto, submetemos a olhares que possibilitavam detectar semelhanças e diferenças, e em especial, observamos cuidadosamente se havia ou não cooperação entre as áreas, e se as mesmas articulavam-se concomitantemente na construção do discurso. Acreditamos que tais aspectos só poderiam ser verificados se houvesse uma abordagem mais ampla do estudo.

Por fim, depois de realizarmos tal tarefa, pudemos concluir que no texto em estudo, o orador analisado utiliza diferentes recursos que compõem o discurso.

Ele, ao valer-se dos elementos textuais, explora as estruturas do texto escrito, faz, por exemplo, uso de estratégias na transição de um período para o outro, procura manter um encadeamento que atrai o ouvinte, e expõe o conteúdo de maneira coerente e clara. Porém, o que se destaca nesse aspecto, é o quanto explora as atividades de formulação do texto oral, ele articula, em especial, as estruturas simples e informais, e explora os fatores constitutivos da atividade conversacional, o que faz com que seu texto aproxime-se muito do texto falado.

Quanto à argumentação, diante do que avaliamos, uma diversidade de abordagem compõe o discurso analisado. O orador articula muitas técnicas; e os exemplos que analisamos comprovam o que estamos afirmando. No entanto, consideramos que merece destaque, e chama-nos a atenção, o uso abundante que faz das técnicas argumentativas. Em especial, ele explora constantemente os argumentos quase lógicos e os fundamentados na estrutura do real. Talvez, na tentativa de agregar valores diferenciados ao seu discurso.

Porém, nosso destaque se ancora nos recursos prosódicos encontrados nesse discurso. Eles recebem do orador uma atenção especial. Quase todos os recursos analisados na teoria são usados em ampla escala no transcorrer da palestra.

Como já dissemos, o orador atenta para o timbre da voz; não se descuida da aceleração ou do ritmo com que pronuncia algumas palavras; explora as pausas e vale-se constantemente do volume como ferramenta que pode atrair a atenção do ouvinte.

Analisando os três aspectos abordados: textuais, argumentativos e prosódicos, é possível dizer que, ainda que de forma inconsciente (não podemos afirmar), ele consegue estabelecer um elo entre esses elementos em seu discurso, o que provavelmente o torna mais receptível. Chama-nos a atenção, porém, a maneira como a prosódia se destaca em seu texto.

Diante desse fato, ressaltamos que pode ancorar nessa particularidade, o uso abundante dos recursos prosódicos, o ponto mais forte desse discurso; pois em grande parte da palestra, ele se sobrepõe e destaca em relação aos outros aspectos.

E ainda, como propósito final de nossa pesquisa, podemos afirmar que encontramos nesse discurso fortes marcas de elementos prosódicos atrelados aos recursos argumentativos e textuais. Entendemos que, tanto a argumentação como os recursos textuais perderiam parte de seus potenciais se fossem articulados sem os recursos prosódicos; ou seja, a palestra provavelmente não teria o mesmo poder de alcance se fosse proferida sem o especial “apelo” aos elementos prosódicos.

REFERÊNCIAS

ABREU, A. S. *A arte de argumentar*: gerenciando razão e emoção. São Paulo: Ateliê, 2001.

ADAM, Jean-Michel. Les Textes: Types et Prototypes. Paris, Nathan, 1992.

ARISTÓTELES, *Rhétorique*. Livre I. Trad. De M. Dufour. Paris, Lês Belles Letres, 1967.

BOLLELA, Maria Flávia de Figueiredo Pereira. A prosódia como instrumento de persuasão. In: LOUZADA, M. S. O.; NASCIMENTO, E. M. F. S.; OLIVEIRA, M. R. M.. (Orgs.). *Processos enunciativos em diferentes linguagens*. Franca: UNIFRAN, 2006. p. 113-128. (Coleção Mestrado, 1)

———. *Uma proposta de ensino da pronúncia da língua inglesa com ênfase nos processos rítmicos de redução vocálica*. Araraquara, 2002. 380 p. Tese (Doutorado em Lingüística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Araraquara, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho".

BRONCKART, J-P. *Atividade de Linguagem, textos e discursos*: por um interacionismo sócio-discursivo. São Paulo: EDUC, 1999. p. 113-247.

CAGLIARI, L. C. *Prosódia*: algumas funções dos supra-segmentos. Cadernos de Estudos Lingüísticos, Campinas, n. 23, p. 137-151, jul./dez. 1992.

———. *Acento em português*. Campinas: Edição do autor, 1999. (Coleção Espiral, Série Lingüística, v. 4).

CASTILHO & PRETI. *A linguagem Falada Culta na Cidade de São Paulo*, vol. II – Diálogos entre dois informantes**.** São Paulo. T. A. Queiroz/EDUSP, p. 9-10, (1986).

CHAUÍ, Marilena. *Cultura e Democracia*; o discurso competente e outras falas. São Paulo, Moderna, 1981

CITELLI, A. *Linguagem e persuasão*. São Paulo: Ática, 2005. (Série Princípios, 17)

CORREA, Fabiana. Carreira Evangélico: Levados pelo sonho da evangelização, os pastores têm uma rotina bem parecida com a dos executivos: longas jornadas, cobranças por resultados e estresse. *Você S/A,* São Paulo, n.89, p.64-67, nov.2005.

ECO, Umberto. *A estrutura ausente*. São Paulo: Perspectiva, 1971.

———. *A obra Aberta*. São Paulo: Perspectiva, 1998.

Economia das Religiões: Mudanças Recentes / Coordenação Marcelo Côrtes Néri – Rio de Janeiro: FGV/IBRE, CPS, 2007. http://www.fgv.br/cps/religioes/inicio.htm. > Acesso em 18 jun. 2007.

EDWARD, José. A fé de Resultados: A ação social dos evangélicos explica por que eles avançam. *Veja*, São Paulo, n. 1860 , p. 108, jul.2004.

———. A força do Senhor: O crescimento da fé evangélica está mudando o Brasil dos esportes à política, das favelas aos bairros chiques, dos presídios à televisão. *Veja***,** São Paulo, n. 1758, p. 88-95, jul.2002.

FÁVERO, L. L; ANDRADE, M. L. C. V. O.; AQUINO, Z. G. O. *Oralidade e escrita*: perspectivas para o ensino de língua materna. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2005.

FIGUEIRA, Mara. O Brasil para Cristo: Quais aspectos da sociedade brasileira contribuem para que o Brasil seja uma das nações com mais evangélico no mundo, perdendo apenas para os Estados Unidos em número de protestantes? *Sociologia Ciência & Vida*, São Pulo, ano 1, p.50-59, n.7, 2007.

HALLIDAY, M. A. K. "Spoken and written modes of meaning". In: R. HOROWITZ & S. J. SAMUELS (eds.) Comprehending oral and written language. São Diego: Academic Press, 1987.

HOMOSSEXUALISMO, Aborto, Células-Tronco: A verdade que você precisa saber. Silas Malafaia.. Rio de Janeiro: Editora Central Gospel, s.d., 68 minutos.

INVERSÃO DE VALORES. Silas Malafaia. Rio de Janeiro: Editora Central Gospel, s.d., 62 minutos.

KEMPIS, Tomás a. *Imitação de Cristo*, Capítulo IX, 2. disponível em <http://monergismo.com. >. Acesso em: 09 jun. 2007

KLINTOWITZ, Jaime. Um povo que acredita: Pesquisa mostra que os brasileiros são religiosos, crêem em Deus e esperam passar a eternidade no paraíso. *Veja*, São Paulo, n., p.124-129, dez.2001.

KOCH, Ingedore G. Villaça. *Desvendando os segredos do texto***;** São Paulo: Cortez, 2003.

———. *O texto e a construção dos sentidos***;** 7 ed. São Paulo: Contexto, 2002.

LINHARES, Juliana. Como se forma um pregador: Além de freqüentar curso de teologia e de oratória, candidatos a pastor agora aprendem a pregar na TV e portar-se à mesa. *Veja*, São Pulo, ano 39, n.27, p.84-85, jul.2006.

MATOS, Alderi Souza. Breve *História no Protestantismo no Brasil*. HISTÓRIA DA IGREJA. 2007. Disponível em: <http://www.mackenzie.com.br/>. Acesso em: 23 jun. 2007

MEYER, M. Questões de retórica: linguagem, razão e sedução. Lisboa: Edições 70, 1998

MARCUSCHI, L. A. (1993) O tratamento da oralidade no ensino de língua. Recife, Universidade Federal de Pernambuco. Texto mimeografado.

MEURER, J. L; BONINI; MOTTA-ROTH, D. *Gêneros*: teorias, métodos, debates. São Paulo: Parábola, 2005.

ORLANDI, E. P. *A linguagem e seu funcionamento*: as formas do discurso. São Paulo: Pontes, 1987.

PEREIRA,Camila e LINHARES, Juliana. Os novos pastores: Com menos ênfase no sobrenatural e mais investimento em técnicas de auto-ajuda, a nova geração de pregadores evangélicos multiplica o rebanho protestante e aumenta a sua penetração na classe média. *Veja*, São Pulo, ano 39, n.27, p. 76-83, jul.2006.

PERELMAN, C. & Olbrechts-Tyteca, L. *Tratado da Argumentação*. A nova Retórica. São Paulo, Martins Fontes, 2005.

REBOUL, Olivier. *Introdução à retórica*: Tradução de Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

TEXEIRA, Faustino e MENEZES, Renata. *Religiões do Brasil*: Continuidades e Rupturas: São Paulo: Vozes, 2006.

VALLADARES, Ricardo. Templo é dinheiro: O rosto que mais aparece na TV é o do pregador evangélico R.R. Soares. *Veja*, São Pulo, n. , p.140-141, set. 2000.

ANEXO: Transcrição do sermão

HOMOSSEXUALISMO, Aborto, Células-Tronco: A verdade que você precisa saber. Silas Malafaia.. Rio de Janeiro: Editora Central Gospel, s.d., 68 minutos.

Nós estamos aqui no templo da Assembléia de Deus da Penha, no Rio de Janeiro, na rua Montevidéu, 1190, no culto da Escola Dominical. E pra você que está assistindo o programa ou pela fita, não pense que a Escola Dominical está cheia porque eu estou falando, é porque Deus tem abençoado a Assembléia de Deus da Penha, cujo pastor é o pastor José Santos, que está aqui conosco, aqui no púlpito. É o pastor titular da igreja. Deus tem abençoado esta igreja, e nós não temos mais espaços para fazer classes de adultos; tudo aqui tá estrangulado. Louvado seja o nome do Senhor!

Então nós estamos aqui numa Escola Dominical com os adultos dentro da igreja. E hoje eu tenho um tema muito importante, tremendamente polêmico a nível de sociedade; e com a graça de Deus e a sua misericórdia, e com a sua revelação, eu quero tratá-lo nessa manhã.

Quero ler duas passagens da Bíblia. A primeira é Romanos 12.2. A nossa lição da Escola Dominical, as lições da Bíblia, da nossa editora, Central Gospel, nós estamos falando sobre inconformados com o mundo, e nós queremos ler duas passagens da Bíblia sagrada, Romanos 12.2.

O texto da palavra de Deus nos diz assim: e não vos conformeis com este mundo, mas transformai-vos pela renovação do vosso entendimento para que experimenteis qual seja a boa, agradável e perfeita vontade de Deus. Abra também a sua Bíblia na primeira epístola de Timóteo capítulo 3 versículo 15 e eu vou destacar a última frase deste texto, na primeira epístola de Timóteo capítulo 3 versículo 15. Diz assim o texto da palavra de Deus: mas se tardar para que saibais como convém andar na casa de Deus que é a igreja do Deus vivo, a coluna e firmeza da verdade.

A igreja é a coluna e firmeza da verdade, e nesta manhã quero tratar especificamente da questão da homossexualidade, do aborto e de células tronco, assuntos que

estão na moda, assuntos que geram polêmicas; mas eu sou cidadão deste país, estou num país livre e quero apresentar a minha visão.

Quero primeiro falar da homossexualidade. E quero dizer logo, de primeira mão, que nós evangélicos amamos todos os homossexuais. A bem da verdade, a Bíblia nos ensina a amar todas as pessoas, independente do que elas são, ou do que elas praticam ou de suas atitudes; mas existe uma distância fenomenal entre amar uma pessoa e concordar com as suas práticas. Nós amamos todo tipo de pessoas, até bandido. Nós amamos porque a Bíblia manda amar o próximo, manda, manda-nos amar todo tipo de pessoa. Nós amamos todas as pessoas, mas concordar com suas práticas e aceitar suas atitudes, aí já é outra questão. Portanto, nós amamos os homossexuais, mas não aceitamos ou concordamos com a prática da homossexualidade.

E a bem da verdade eu não vim aqui falar de pessoas, eu vim aqui falar de uma prática, e quero dizer também que nós evangélicos não temos preconceito em relação à homossexualidade. Preconceito é quando você firma um conceito debaixo da ignorância e sem domínio de conhecimento. Eu não tenho preconceito em relação à homossexualidade, eu tenho é conceito firmado, e conceito firmado na base de conhecimento e não na base de lógica ou de opiniões a mercê do bom gosto de alguém, portanto nós não temos preconceito, nós temos um conceito firmado a respeito da questão da homossexualidade.

Escute o que vou falar pra vocês. Houve um período na história da humanidade que o mundo foi mergulhado no obscurantismo, durante 300 anos não se produziu ciência, todo mundo que se levantava contra a igreja era massacrado, a inquisição matou um bocado de gente, qualquer um que se levantasse contra os interesses da igreja, o coro comia, o pau quebrava e acabava morrendo.

O que nós estamos presenciando hoje é uma moderna inquisição científica e sociológica. Qualquer pessoa que se levante para se opor à prática da homossexualidade, é logo ridicularizada, desprezada, rotulada como preconceito. E os grupos de defesa dos homossexuais trabalham com força através da mídia, porque as centrais de jornalismo, as centrais de produção de novela, são infestadas de pessoas que tem a prática homossexual na sua vida. Então eles são bem organizados, tem acesso à mídia e qualquer um que se levante para apresentar qualquer tese contraria aos interesses à comunidade homossexual é bombardeado. E o que me acha, e me causa espanto é que o Conselho Federal de Psicologia baixou resolução proibindo que os psicólogos realizem qualquer tratamento em homossexual que queira mudar a sua preferência sexual. É a ciência a serviço do deserviço.

Eu não sabia que as ciências humanas se viraram em ciência exata. A ciência trabalha com a busca do saber e do conhecer, mas a pressão dos homossexuais é tão violenta, que eles colocaram ponto final. Ninguém pode estudar ou apresentar teses sobre a questão da homossexualidade que o tiro, o bombardeio vem, e até com ameaça de justiça.

Eu estava vendo um debate na TV um dia desses, sobre a questão da homossexualidade, e um representante de um grupo de defesa homossexual, ameaçou os participantes do debate dizendo: Olha, cuidado com o que vocês vão falar aqui, porque depois, lá na justiça, a coisa fica feia. Eu falei: Ah se eu to aí, meu filho! Ah se eu to aí! Eu queria ver o que ia acontecer; se eu ia dar mole pra você. Ameaça até com ações na justiça quem se opor a esta prática.

Afinal, o que que dizem sobre a homossexualidade?

Bem, alguns dizem que a questão da homossexualidade é uma questão biológica, genética. O indivíduo já nasce homossexual. Significa então, dentro deste conceito, que se a homossexualidade já é um determinismo biológico, então temos que mudar a educação, as leis e a religião, porque se um indivíduo já é homossexual por natureza, então temos que fazer modificações nas leis, temos que fazer modificações na educação, temos que fazer ate modificações na religião pra poder aceitar esta tese.

Mas deixa eu dizer pra você. Nenhum cientista jamais provou ou vai provar que homossexualidade é uma questão biológica ou genética. Não existe ordem cromossômica de homossexuais, existem cromossomos femininos e masculinos. O indivíduo heterossexual ou homossexual, do mesmo sexo, tem a mesma ordem cromossômica, não temos cromossomos homossexuais, não existe anatomia homossexual, não tem anatomia homossexual, portanto, essa tese é furada, não existe parte do hipotáloma emitindo freqüências pro indivíduo ter um comportamento homossexual.

Não há nenhuma prova cientifica, não há nenhuma comprovação nem jamais haverá, porque neste particular a teologia e a ciência concordam que Deus fez macho e fêmea e não uma sociedade de andrógenos ou bissexuais, tanto a ciência como a teologia estão corretas. Não existe homossexualidade por questão genéticas ou biológicas, e aí você faz a seguinte pergunta: pastor, me dá uma definição do que seja homossexualidade, eu defino pra você.

Homossexualidade é um homem ou mulher, por determinação genética, e homossexual por preferência aprendida ou imposta. Esta é uma definição de homossexualidade, um homem ou uma mulher por determinação genética e homossexual por preferência aprendida ou imposta. Homossexualidade, acima de tudo, é uma questão

comportamental. O ser humano é um ser social e vive de modelos de imitação. O ser humano é um ser social e vive de modelos de imitação. Imita moda, imita corte de cabelo, imita cor de roupa, imita carro. O ser humano vive de modelos de imitação.

Os psicólogos e psiquiatras, eles são unânimes em dizer que mais importante do que a determinação genética para uma criança decidir a sua preferência sexual, é a maneira que ela é criada. É mais importante do que a determinação genética se é homem ou mulher para a preferência sexual, porque a homossexualidade é uma questão de comportamento, e se é uma questão de comportamento, homossexuais podem deixar de ser homossexuais e virarem heterossexuais. É inacreditável!

A própria sociedade admite que um viciado em bebida, questão comportamental, pode ser tratado e deixar de ser viciado em bebida. A própria sociedade e a ciência concorda, que um viciado em drogas, questão comportamental, pode ser tratado e deixar de usar drogas; mas não querem, porque existe uma pressão de mídia, não querem que se toque em nada de homossexuais, dá pra entender a coerência deles? Se um indivíduo pode deixar de ser um alcoólatra, se um indivíduo pode deixar de ser um cheirador de cocaína, porque é uma questão comportamental; o individuo também pode deixar de ser homossexual, e mudar sua preferência.

Agora escute as pesquisas nos Estados Unidos que ninguém mostra, nem os grupos de defesa de homossexuais e nem a imprensa onde eles tem grande ascendência e manipulam. Pesquisa na América, escuta essa. 82%¨das lésbicas e 66% dos gays declararam que na fase adulta se apaixonaram por uma pessoa do sexo oposto.

Eu to falando de números grandiosos. 85% das lésbicas na fase adulta tiveram relações sexuais com sexo oposto, 54% dos gays na fase adulta tiveram relações sexuais com sexo oposto. Como é que esse negócio de homossexualismo é determinismo e ta acabado, e o camarada homossexual não pode mudar, como é isso? Apenas 1,1% dos homossexuais declararam que só tiveram práticas homossexuais; apenas 1,1.

Agora, outra pesquisa americana mostra que 84% dos gays já mudaram pelo menos uma vez a sua preferência sexual; 32% já mudaram pelo menos 3 vezes: heterossexuais, homossexuais, heterossexuais. Mudaram sua preferência, e 13% mudaram pelo menos 5 vezes, a sua preferência sexual, heterossexual, homossexual, heterossexual, homossexual. Uma pesquisa do Instituto Johnson, lá nos Estados Unidos, sobre pessoas que foram, que foram, que desejaram, e que buscaram, e que queriam mudar seu comportamento homossexual e foram pedir ajuda. 79,9 conseguiram mudar a sua orientação sexual de homossexualidade para heterossexualidade.

A verdade, minha gente, é que querem mudar as leis, querem mudar os valores da sociedade, porque um grupo da sociedade tem uma prática. Agora escute, imagine se toda prática deturpada, pecaminosa, imoral tem uma grande parcela da sociedade praticante, então nós vamos legalizar?! Olha, legaliza a cocaína porque tem gente cheirando cocaína pra dá de pau. Olha, legaliza o crack, porque tem gente usando crack de pau. Olha, daqui um pouco vai dizer: Legaliza a pedofilia porque tem muita gente praticando isso. Olha, legaliza esse negocio do camarada de casar com três ou quatro, porque tem um bando de marmanjo que tem três quatro.

Onde vai parar a sociedade se ela legalizar tudo? Sabe o que as ciências humanas dizem? Que quanto mais você legalizar, mais o ser humano se torna insaciável. E quanto mais legalizar, ele perde a noção de princípio. E quanto mais você legalizar as coisas na sociedade, o ser humano perde referências. Querem legalizar tudo.

Agora, não fica chateado comigo, um erro moral nunca pode ser um direito civil. Eu vou repetir. Um erro moral nunca pode ser um direito civil. Porque se essa sociedade legalizar todas as aberrações, ela auto se destrói, porque todo ser humano precisa de limite.

Escute isso que eu vou te dizer. Pesquisa de um cientista Charles Vinck, da Universidade de Nova York. Ele pesquisou mais de 2000 culturas existentes na história da raça humana, e chegou à conclusão que apenas em 55, apenas 55 eram culturas unissexuais, isto é, não existia diferença entre macho e fêmea. Sabe o que aconteceu? Essas culturas se extinguiram rapidamente. Sabe que isso? Porque nenhuma sociedade é mais forte do que a vitalidade de suas famílias. E a vitalidade das suas famílias dependem do relacionamento dos sexos opostos, isto é, do relacionamento heterossexual.

Nenhuma cultura, até hoje existente, deixou livre a questão da homossexualidade, e todas elas impuseram limites. E nenhuma cultura existente até hoje, a homossexualidade nunca foi preferência para adulto na maior parte do ciclo da vida. Não estou falando de teologia, estou falando de sociologia, de dado científico.

Como é que podemos apoiar uma prática que não tem nem respaldo na ciência, e uma prática que é uma questão de comportamento? Se alguém quer ser homossexual, problema dele. Questão dele. Quer ser prostituta? Problema dela. Agora não vamos legalizar toda essa imoralidade, porque um erro moral não pode ser um direito civil.

E aí eu digo pra vocês, até aqui eu não falei de teologia, vou falar agora, até aqui não falei de teologia pra questionar a prática homossexual, mas vamos pra teologia, pra teologia, pra Bíblia. O que a palavra de Deus nos fala. A rejeição da homossexualidade na palavra de Deus é lapistar. Perfeitamente fincada na origem da criação. A Bíblia diz que deus

fez macho e fêmea. Criou, ou melhor, instituiu o casamento através da relação heterossexual, e a família.

Queridos, macho e fêmea , instituição do casamento heterossexual, e a família. Isto não é nenhuma aberração religiosa. A civilização humana tem perdurado ate aqui por causa deste principio bíblico, porque se não houvesse casamento heterossexual, e se não houvesse macho e fêmea, não seria possível a sobrevivência da raça humana.

É fundamental o relato da criação, porque nela você descobre o propósito e as características da criatura macho e fêmea. O homem não é produto do acaso, é imagem e semelhança de Deus. É verdade.

A homossexualidade à luz da teologia e da palavra de Deus é uma rebelião consciente contra a ordem divina da criação. A homossexualidade à luz da palavra de Deus e da teologia é uma distorção da imagem de Deus, porque Deus fez macho e fêmea, não bissexuais ou andrógenos.

E quando a Bíblia trata da homossexualidade, ela trata da questão de erro, pecado, perversão moral, quer no Antigo Testamento, ou quer no Novo Testamento. Levítico 18.22, você quer ver? Diz lá que aquele que se deita com homem, abominação é ao Senhor; e no 23 de Levítico, a coisa é mais feia; e não estou dizendo que concordo com isto, porque isto é na época da lei, nós evangélicos estamos na graça, temos a graça como aquela que conduz a nossa vida, a nossa regra, mas lá naquele tempo da lei, diz lá em Levitico 20.13, que o camarada que se deitasse com o homem, os dois perdiam a vida. Lá atrás a coisa era feia, e não estamos aqui advogando isto, quero deixar bem claro. A Bíblia condena a prática homossexual do Antigo e no Novo Testamento.

Olha ai, Romanos, vamos lê aqui Romanos capitulo 1 v. 26 e 27. Olha o que que diz a Bíblia. Agora estou falando de teologia. Olha o que que diz a palavra do Senhor. Romanos 1, 26 e 27: Pelo que Deus os abandonou as paixões infames, porque até as suas mulheres mudaram seu uso natural a sua natureza (homossexualismo feminino), e semelhantemente, também os varões, também deixando o uso natural da mulher, se inflamaram em sua sensualidade uns com os outros, varão com varão, cometendo torpeza e recebendo em si mesmo a recompensa que convinha ao seu erro.

Esses teólogos fajutas e libertinos que querem torcer a palavra de Deus. Aqui diz que é erro. Aqui diz que eles cometeram torpeza, pecado. A Bíblia condena a homossexualidade, quer no Antigo quer no Novo Testamento.

Quer mais um texto? 1 Corintios 6, versículo 9. Olha o que que diz lá. Vamos ler aí gente. 1ª carta de Paulo aos corintios, capitulo 6, versículo 9 e 10, diz assim: 1ª

Corintios 6: 9,10: Não sabeis que os injustos não vão herdar o reino de Deus? Não erreis. Nem os devassos, nem os idólatras, nem os adúlteros, nem os efeminados (lá no grego, malakoi, o passivo, o homossexual passivo), e nem os sodomitas (homossexual ativo. Até aqui, a Bíblia faz essa divisão), nem os bêbados, nem os maldizentes, nem os roubadores herdarão o reino de Deus.

A palavra de Deus condena a pratica homossexual, quer no Antigo, quer no Novo Testamento, e não vem pra cá com essa filosofia barata que Deus é amor. Deus é amor! Que grande coisa! Ai meu Deus do céu, ninguém sabia disso! Deus é amor! Mas a Bíblia diz que Deus é justiça. Faz parte do caráter de Deus, o amor, a justiça, a compaixão. Deus não é só amor. É amor mesmo, porque Deus perdoa o pecado de qualquer pessoa, porque todo mundo, a partir de mim que estou falando, eu merecia o inferno, mas a graça salvadora manifestada em Cristo Jesus pelo seu amor me livrou da condenação eterna.

Mas eu tenho uma palavra aqui. Eu tenho certeza de que aqui neste auditório, ou alguém que está me vendo numa fita, ou alguém que ta me vendo na TV, talvez você esteja na prática homossexual e diga: Caramba! Como que esse pastor é violento! Ele ta me acusando. Ele quer acabar comigo.

Não, eu quero falar a verdade. A sociedade gosta de viver na hipocrisia, e pensa que amar é ser hipócrita. Amar é falar a verdade. Eu quero dizer com você que tem um comportamento homossexual, que há uma saída pra você.

Olhas o texto. Olha o texto. Eu vou repetir o texto, e vou citar mais um de 1ª Corintios 6, versículo 10, e vou citar o 11. Olha que coisa tremenda! Não erreis. Nem os devassos, nem os idolatras, nem os adulteras, nem os efeminados, nem os sodomitas, nem os ladrões nem os avarentos, nem os roubadores herdarão o reino de Deus.

E agora olha o 11. E é o que alguns tem sido. Mas haveis sido lavados, mas haveis sido santificados, mas haveis sido justificados em nome do senhor Jesus e pelo Espírito do nosso Deus.

O Senhor Jesus tem poder de libertar você disso, meu filho!

Se técnicas terapêuticas não funcionam para mudar o comportamento homossexual para heterossexual, qualquer homossexual que reconhecer seu pecado e confessar ao senhor Jesus e obedecer sua palavra, vai ser liberto pelo poder do evangelho de nossos Senhor Jesus Cristo.

Essa que é a verdade. Pode querer me processar, pode querer gemer, eu sei onde eu busco meus direitos. Não tão falando com idiota, não tão falando com bobo. Eu sei

me defender. Eu to num pais livre, pago esse programa e tenho direito de expressar minha opinião.

E a questão do aborto? Vamos mudar o disco. E dentro da questão do aborto a gente entra com célula tronco, que ta tudo ligado.

Em primeiro lugar Aborto não é uma questão religiosa. Essa tem sido a malandragem desses libertinos, dessa gente que não teme a Deus, é tentar rotular qualquer pessoa que é contra o aborto. Olha isso aí é coisa de religião, retrograda. Aborto não é uma questão religiosa, é uma questão científica; especificamente biológica.

A biologia comprova com farta documentação que a vida começa na concepção, e ela é contínua, quer intra ou extra uterina até a morte.

Quem determina isso é a ciência e não a religião; nem a teologia, a biologia. A vida começa na concepção, e ela é continua, quer intra ou extra uterina até a morte.

E ai você diz: Pastor, porque essa discussão é que é certa se a vida começa na concepção ou não? Porque a vida começa na concepção, significa que aborto é matar uma vida.

A biologia, a genética, a embriologia, ela fundamenta a humanidade da criança desde o ventre; desde o ventre. Você sabe qual é a diferença entre um óvulo fecundado e você? O tempo e a nutrição. O óvulo fecundado tem um dia, uma semana, 3 meses, 4 meses, e você tem 20 anos, 30 anos, 40 anos, 50 anos. O óvulo fecundado, ele se alimenta dos nutrientes lá do fluido amniótico, e você come arroz, feijão e carne. A diferença entre um óvulo fecundado e você é o tempo e a nutrição.

Significa então que o embrião é humano. O embrião é humano. Escuta. O embrião é uma pessoa, porque na sua evolução ele não pode se tornar outra coisa a não ser pessoa. Nenhum corpo vivo pode tornar-se pessoa, a não ser que já seja pessoa.

Ser e humanidade não estão em ordem crescente. Ser e humanidade são inatas. Não são adquiridas. Nenhum ser humano é mais humano do que outro. O que difere é o tempo e a nutrição. Por isso que o embrião é um ser humano.

E aí, aproveitando essa questão de embrião, e a pesquisa de célula tronco? Rapaz, essa sociedade sem Deus não é brincadeira não! Eu vou dizer aqui uma definição clara. Escute o que vou te falar. Preste muita atenção, porque isso é muito importante. Os evangélicos são a favor da pesquisa de células troncos, desde que não sejam embrionárias. Eu vou repetir e vou continuar: Os evangélicos são a favor do estudo e da manipulação das células tronco para fins terapêuticos, desde que não sejam embrionárias. Podem ser tiradas do cordão umbilical, da medula óssea e da corrente sanguínea.

Por que a pressão de se usar embriões pra manipular? Ah, o que ta escondido no jogo? Porque essa pressão pra aprovar lá, a lei no Congresso Nacional? Essa lei, de biosegurança? Por que essa pressão? Porque os cientistas querem poder de manipular célula tronco de embriões? Isto porque eles, muitos deles, não estão exclusivamente preocupados com a questão terapêutica, mas com a questão da clonagem humana. E aqui é que mora o perigo, porque o homem quer brincar de Deus.

Nenhum cientista tem o domínio absoluto da manipulação genética. Sabe o que que pode acontecer, que ninguém diz? Um gen defeituoso por manipulação se perpetuar na raça humana, e lá na frente, nas gerações futuras, termos doenças que até hoje não apareceram, e defeitos, defeitos na estrutura do ser humano, que até hoje não apareceu.

O homem quer brincar de Deus. A complexidade da vida e do ser humano, pra você ter idéia, um único filamento de um DNA, de uma única célula do homem; você carrega bilhões. Um único filamento de DNA, de uma única célula humana tem formações pra preencher uma biblioteca de 1000 volumes. Estou dizendo do um único filamento de uma única célula. Você tem bilhões.

Pra você ver a grandiosidade, a complexidade desse ser que é você, se os cientistas conseguissem uma tecnologia de ampliar o diâmetro de uma célula em 1 milhão de vezes, a descoberta cientifica seria tão fantástica, que jogaria quase todo conhecimento do ser humano por terra. Pra você saber que apesar que toda tecnologia e de todo avanço cientifico, o homem sabe muito pouco a respeito da complexidade do ser humano.

O cérebro humano, que é a estrutura mais complexa do ser, só no cérebro humano, você nessa cacholinha de 1,300kg, alguém que tem um cabeção maior pode ter... ou mais forte 1,500kg. Esse 1,300k que você carrega aí na cabeça, possui 10 bilhões de células interligadas por ramificações. Cada uma entre de 10 e 100 mil ramificações.

A estrutura de comunicação do cérebro, do tamanho que é, não tem tecnologia pra reproduzir as ligações que você tem no seu cérebro. O que é o homem pra dizer que manja tudo? Que sabe tudo de ser humano?

A manipulação genética, ela é perigosa. Não tem estudos definidos. E nós evangélicos, porque o embrião é humano e porque a vida se dá na concepção, isso não é religião é biologia, nós não aceitamos a manipulação de células embrionárias. Sabe porque irmãos? Se a vida começa na concepção, este fantástico fato biológico não pode servir a interesses sociológicos, políticos e econômicos. Não é questão de religião, é conceito científico, que o homem sem Deus quer esconder e distorcer para seus interesses mesquinhos.

Vou repetir porque isso é importante, e alguém pode ter ligado a TV agora. Os evangélicos são a favor do estudo de células troncos, desde que não sejam embrionárias. Cordão umbilical, corrente sanguínea, medula óssea. Tem milhares e milhões e eu tenho uma reportagem do jornal de ontem que vai aparecer no visor da tv mostrando as células troncos do cordão umbilical que servem para várias curas terapêuticas, várias curas; pra diabetes, tratamento da diabetes, para tantas outras coisas. E não vem aqui me rotular como ignorante e como fundamentalistas religiosos que não tem domínio de conhecimento.

Eu quero que você guarde. Você pode repetir comigo, pra você guardar? E eu conheço o que estou falando. Isso é científico. A repetição ajuda a memorizar. Então você vai repetir comigo eu falo você fala, eu falo você fala, vai ficar bonito, ok?

A diferença (a diferença) entre o óvulo fecundado (entre o óvulo fecundado) e eu (e eu), é o tempo (é o tempo) e a nutrição (e a nutrição). A vida (a vida) começa na concepção (começa na concepção). Isto é (isto é) um fato científico (um fato científico), comprovado (comprovado) pela biologia (pela biologia), pela medicina fetal (pela medicina fetal), pela genética (pela genética), e pela embriologia (e pela embriologia), não é (não é) simplesmente (simplesmente) uma questão (uma questão) religiosa (religiosa).

Agora escute o que eu vou te falar. Algumas questões sobre o aborto que você precisa saber e são interessantes pra você entender essa matéria.

O feto não é prolongamento da mãe. O feto não é prolongamento da mãe, e porque ele não é prolongamento da mãe, nós não admitidos aborto em hipótese alguma, em hipótese nenhuma; seja por estupro, seja o feto anencéfalo. Nós não admitidos o aborto porque o feto não é prolongamento da mãe. Prova pastor. Provo. E não é com teologia não, é com ciência.

É o corpo da mãe primeiro, que diz que o feto não é prolongamento dela. Porque se a criança não tivesse protegida pela placenta, o corpo da mulher botava pra fora o feto. É o primeiro sintoma. Se não tivesse a placenta, o corpo da mulher expulsava o feto; é corpo estranho. Segundo, é a mãe e não o feto que é passivo e dependente.

É impressionante! Deus, Deus é incrível! E a ciência tem que comer na mão da teologia mesmo. Não é a mãe não, é o feto; mas a mãe que é passiva e dependente. É o embrião que faz cessar o ciclo da mãe, é ele que torna habitável o útero desenvolvendo a cápsula protetora e o fluido amniótico, é o feto em última instancia, que determina a hora do parto, e não a mãe. Como é que vou concordar com o aborto, se aquele ser não é prolongamento do corpo da mãe?

Feto não é igual unha que é grande e você pode tirar, cortar, porque é prolongamento do seu corpo. Feto não é o cabelo da tua barba, que aumentou, que você pode tirar, porque é prolongamento do seu corpo. Geneticamente ficou comprovado que o feto é independente da mãe desde a concepção. Ele possui olhos, boca, órgãos genitais, impressões digitais diferentes da mãe.

Escuta essa. Ah, Jesus amado! Quanta ignorância espiritual! Não é nem cientifica, porque eles sabem o que eu to falando. O óvulo fecundado de um casal de negros, transplantados pra um útero de uma branca, vai nascer um negro. O óvulo fecundado de um casal de brancos, transplantado pro o útero de uma negra, vai nascer um branco.

Essa é a maior prova, irmãos, que a criança não é prolongamento da mulher. E vê como eles são contraditórios, eles não falam de barriga de aluguel? Você escuta esta história de barriga de aluguel. Essa é a prova que um óvulo fecundado pode ser transplantado num útero, e ele pode se desenvolver, e mostra a independência desse ser.

Ah, mas agora eu vou... segura ai feministas! Que o coro vai comer no ombro de vocês. Não é aqui na igreja não. Aqui têm femininas. Aqui não têm feministas, aqui têm femininas. Olha aí, femininas feministas ativistas a favor do aborto. Agüenta firme, porque eu vou desmoralizar o slogan de vocês.

Olha o slogan. Esse é um slogan das feministas que apóiam o aborto: Toda mulher tem o direito de controlar o seu próprio corpo. Vamos analisar a frase. Essa é uma frase das feministas pró aborto: Toda mulher tem o direito de controlar o seu próprio corpo. Primeiro, toda mulher, 50% dos fetos que são abortados são mulheres, não tiveram o direito de controlar o seu próprio corpo. Já começou a furada por aí, entenderam? Se 50% dos fetos são mulheres, e foram abortados, não tiveram o direito de controlar o seu próprio corpo.

Sabe o que é este slogan? Esse slogan é o massacre dos poderosos contra os indefesos. Toda mulher. Já queimei a primeira, vamos pra segunda: tem o direito. Ninguém juridicamente tem direito absoluto sobre o seu próprio corpo. Ninguém pode se mutilar, tentar suicídio. Vai responder. Ninguém juridicamente tem direito sobre o seu próprio corpo. E ninguém, juridicamente, tem o direito de colocar em risco outras pessoas. Primeiro, você nem tem direito absoluto sobre o seu próprio corpo. Como vai ter direito do corpo do outro, que é o feto?

Toda mulher tem o direito de controlar. Estar em controle indica responsabilidade, e a maioria quase que absoluto dos abortos é fruto da promiscuidade, e imoralidade humana, e maldade humana. O aborto vem cobrir essa imoralidade e essa

promiscuidade da relação humana. Que controle? Não controla nem a sua vontade, vai controlar o corpo do outro?

Toda mulher tem o direito de controlar o seu próprio corpo. Já falei aqui, o feto não é corpo da mulher. O feto não é prolongamento da mulher, portanto, ela não tem o direito de determinar se o feto vive ou morre.

Terceira consideração sobre aborto. A luta do feto pra não morrer no processo abortivo. Teve um médico aborteiro, nos Estados Unidos que enfiou uma câmara pra filmar o aborto que ele ia fazer. O nome do filme é “O grito silencioso”. Ele não conseguiu ver o filme até o final, e nunca mais fez nenhum tipo de aborto.

Eu queria ver, irmãos, eu queria ver a Globo, eu queria ver a televisão, eu queria ver o Congresso Nacional depois de ver um filme desse, “O grito silencioso”. Eu queria ver a sociedade depois de ver um filme desse, a luta do feto pra não morrer, se alguém apoiaria o aborto em qualquer instancia.

Eu queria ver porque aquilo que eu não vejo, eu não tenho culpa. Esse é um grande engano. A Bíblia diz em Hebreus 4.13, que não há nada encoberto diante Dele. Todas as coisas estão nuas patentes aos olhos daquele que temos que dar conta.

Os métodos abortivos, um dos métodos é uma maquina de sucção 25 vezes mais poderosa que o aspirador de pó que você tem em casa. Ele é introjetado no útero da mulher, passa através do canal vaginal, e o vácuo suga o feto. E aí, a cabeça do feto não passa no tubo. Eles enfiam um fórceps e amassa a cabeça, massacra pra poder ficar do tamanho, pra ser sugado. Esse é o método.

Outro método de aborto é a dilatação e a evacuação. Dilata o útero da mulher e enfia um fórceps com uma tesoura mecânica, que vai cortando todo o feto, picando todo o feto, e a criança luta desesperadamente pra não morrer.

Outro método é ingestão salina. Joga um liquido onde esta aquela capa protetora; salino e mata a criança por envenenamento. E depois o corpo da mulher expele aquele corpo morto.

E alguém diz assim, porque a sociedade tem sido enganada por esses libertinos: Ah, pastor! Mas será que se não legalizasse o aborto não evitaria? Você já ouviu isso ai na imprensa? Já ouviu? As mulheres fazem aborto nas clinicas, nos porões. Isso é um absurdo! E se legalizasse? Aí as mulheres seriam tratadas.

Pesquisa nos Estados Unidos. Precisa falar? Primeiro mundo, medicina, hospital, vai lá. Hospital na América. É pra qualquer americano, de qualquer classe social, as maiores e melhores tecnologias em qualquer área. Eu vou mostrar pra você o engodo e o

engano de se pensar que se uma mulher tiver assistência medica adequada, não vai acontecer nada. Eu trouxe a lista. Eu trouxe aqui uma listinha. Não dá pra guardar isso. As outras coisas eu tento, essa aqui é dose! Seria um procedimento seguro para a mulher?

Pesquisa americana. Pesquisa americana, aborto aprovado, pode fazer aborto. Vamos ver as conseqüências. Vamos lá. Perfuração do útero. Essas aqui são pesquisas de mulheres que abortaram. Sangramento que requerem transfusões; ruptura do colo do útero com impacto desconhecido sobre a capacidade do colo em alguma gravidez subseqüente; acidentes ligados a anestesia; doenças inflamatórias da pélvica, e possível infertilidade decorrente de cirurgia não intencionada, incluindo-se a laparotomia, a histerotomia, e a esterectomia; perfuração da vesícula; perfuração do intestino; retenção de restos ovulares; anemia peritonite; uma séria infecção da membrana serosa que reveste interiormente a cavidade abdominal; infecções menores e febres de causas desconhecidas; gravidez tubária não detectada; embolia pulmonar; obstrução da artéria pulmonar; tromboflebite venosa; inflamação de uma veia que se desenvolve antes de um coágulo sanguineo; depressão; psicose; nove vezes mais propensas a suicídio do que outras mulheres; e alto risco de infecção é comum a todo tipo de aborto. Tem mais? Tem. O risco de aborto espontâneo no segundo trimestre da gravidez aumenta dez vezes mais naquelas que já fizeram um aborto; além disso, deve se deixar claro que o aborto aumenta a chance de morte materna em qualquer gravidez futura, e também o aborto é um peso psicológico tão profundo na consciência de uma mulher, quando ela destrói uma gravidez.

Quem te falou que há segurança por mais que se aprove o aborto? Que engodo, que engano, que rolo. Sabe quem é a maior prejudicada por estes libertinos, que querem aprovar o aborto? É a própria mulher. É a própria mulher.

Queridos nós não podemos admitir o aborto em hipótese alguma. E alguém disse: Mas pastor, e o anencéfolos? Não tem cérebro. Não tem parte do cérebro. A criança vai morrer. Por que não tira logo?

Rapaz! Eu vi uma sentença de um juiz do supremo, que agora eu esqueço o nome. Do Supremo Tribunal Federal, que o camarada arrebentou a boca do balão. Olha o que esse cara me diz. Ele foi contra a permissão de um aborto de uma criança anencéfalo. Ele diz assim: Todo ser humano nasce pra morrer, e não está no homem determinar a hora dele morrer.

Que, que, que sacada, pastor Santos! Do cara, que sacada! Todo ser humano nasce pra morrer, e não está no homem determinar a hora de morrer. Um morre com um

segundo de vida, outros com um minuto de vida, outros nove meses e um minuto, mas todos nascem pra morrer e não está em nos determinar a hora de nenhum ser humano morrer.

E o que diz a teologia sobre aborto? Aí é radical. Aí é radical. Já detonamos. Aí é radical. Não tem saída, num tem conjectura cientifica. Num da. É ser humano que ta ali. É vida que ta ali. A diferença entre um óvulo fecundado e você é o tempo e a nutrição.

É a biologia, é a genética, é a embriologia, é a medicina fetal, e a vida começa na concepção. E o que diz a teologia? O que a Bíblia fala sobre aborto? Vou terminar aqui com isso. No original, no grego, no Novo Testamento, todas as vezes que a Bíblia fala a palavra, falando de recém nascido, de crianças maiores ou feto, como João Batista no útero de sua mãe, utiliza a mesma palavra. A Bíblia não usa uma palavra para feto e criança, é a mesma palavra no original, porque Deus considera o feto como ser humano.

Escuta o que eu vou te falar. Meu irmão, Deus se relaciona com pessoas que ainda não nasceram. Você já leu o salmo 139, do v 3 ao 16? Ah! De modo terrível e maravilhoso eu fui criado. Maravilhosas são as suas obras, e a minha alma sabe muito bem. Os meus ossos não te foram encobertos, quando entretecido fui criado como nas profundezas da terra. Agora olha que coisa linda! Os teus olhos viram o meu corpo ainda informe. Ta falando do embrião. O embrião até a quarta ou quinta semana é informe. Os teus olhos viram meu corpo ainda informe, e todas estas coisas iam sendo anotadas no teu livro, quando elas estavam sendo criadas. Dia a dia, sem que nenhuma delas ainda havia.

Deus se relaciona com a vida intrauterina. Utiliza-se prenomes pessoais para o feto. Jeremias 1.5. Jeremias, eu te conhecia antes do ventre da sua mãe, e antes que você saísse da madre te santifiquei às nações.

Isaias 49.1. Isaías, ele dizendo: Eu fui escolhido, desde o ventre da minha mãe, e nas entranhas da minha mãe, Ele fez conhecer o meu nome. Tratamentos com pronomes pessoais, para o feto, que é uma pessoa, porque um embrião não pode se tornar outra coisa a não ser uma pessoa.

Então ele é pessoa, ele é tão humano quanto você. A Bíblia coloca o feto e o ser humano no mesmo patamar. Lá no Antigo Testamento, Êxodo 21, do 22 em diante. Olha que coisa interessante! Olha que coisa interessante Êxodo 21. Eu não vou ler o texto do 22 em diante. Eu vou trazer uma linguagem pra você. Se dois homens tivessem brigando, e acontecesse um acidente, uma raquetada, pancada de lá, daqui, outra de lá, e bate numa mulher, e a mulher ta grávida, ela cai no chão e inicia-se um trabalho de parto, se aquela criança nascesse com vida, pagava uma multa; e se ela morresse, vê lá na Bíblia. Vida por vida. Deus coloca o feto na mesma condição do ser humano adulto.

Ah! Escute. Deus se fez homem na concepção. Lá em Lucas 1.31 e 35. E conceberás, e dará a luz um menino, e o seu nome será Jesus. E ele será o salvador do mundo. Deus se fez homem na concepção.

Agora olha a incoerência humana. Gente, olha a incoerência humana. Escuta isso. Eu já to terminando, mas escuta a incoerência do ser humano, como o pecado cega o ser humano. Hoje existem grupos de proteção de baleia, pássaros, flores, até de capim, até erva daninha tem grupos de defesas do ambientalismo. Se defende baleia, se defende lagosta, se defende mico leão dourado, se defende floresta. E o ser humano não defende o seu semelhante. Que incoerência do homem! Se defende bicho, se defende papagaio, se defende mata, mas a vida humana é coisificada.

Sabe por que defende o aborto? Já falei e vou repetir. Para esconder a promiscuidade, e a imoralidade, e o pecado da raça humana. Se protege tudo. Tem grupos de proteção e ninguém acha ridículo, mas se alguém defende a vida, e é contra o aborto, a própria imprensa quer ridicularizar.

Quer ver uma pesquisa dos Estados Unidos sobre aborto e guerra? Olha que loucura! Escuta essa. Entre aborto e guerra. Guerra da Independência, 25000 americanos morreram. Guerra Civil 600mil americanos morreram. Primeira Guerra Mundial, 125 mil americanos morreram. Segunda Guerra Mundial, 600 mil americanos morreram. Guerra da Coréia, 55 mil americanos morreram. Guerra do Vietnã, 56 mil americanos morreram. Previsão de aborto nos Estados Unidos até o ano 2000. Dos anos 70 até o ano 2000, 50 milhões de aborto.

A estimativa de abortos no planeta terra até o ano 2000 ultrapassa a casa de 1 bilhão. Um bilhão de pessoas foram mortas. E aí vem uns hipócritas: Pastor, onde que estava Deus na tsunami? Morreram 200 mil pessoas! E tanta miséria, e o homem é responsável pela morte de mais 1 bilhão de seres humanos. E na maior cara de pau, vulgarizam a vida.

Amados, a vida é um dom de Deus. Atos 17.25 e 28 diz: Porque dele provém a vida e todas as demais coisas. Por Ele vivemos, nos movemos e existimos.

Ezequiel capitulo 18, versículo 4, o nosso Deus diz: Tanto a alma do pai quanto a alma do filho são minhas. Salmo 24, versículo 1 diz: Do Senhor é a terra, a sua plenitude. O mundo e os que nele habitam. O ser humano pertence a Deus. A vida é um dom de Deus, e cabe a Deus ter a soberania e a autonomia de interromper a vida.

Moço, moça, meu irmão, minha irmã, em nenhuma instância admita o aborto. E eu não estou importando com a legalidade da lei dos homens, porque a lei de Deus é superior. E aí, se houver um estupro, pastor? Doa a criança. Doa a criança. E se a gravidez for

de estupro? E aí, pastor? Doem a criança. Façam uma doação. Sabe por que a hipocrisia social? Uma vez, num debate, eu disse o seguinte: Já que o pessoal topa o aborto, faça o seguinte, deixa a criança nascer, pega um porrete de beisebol e dá na mão da mãe pra matar, pra ver se ela mata. Ela vai, vá, mata. Eu quero ver quem vai fazer. Mate.

Incoerência humana foi fruto de um estupro. Que Deus guarde a sua filha, que Deus guarde a minha filha, que Deus guarde. Pastor, e se for a sua filha? Eu não estou legislando em causa própria. Eu não to defendendo tese minha. Eu estou defendendo os princípios da palavra de Deus. A vida pertence a Deus, e só Ele permite tirá-la.

E nós, como igreja de Cristo, que somos a coluna e firmeza da verdade, não vamos aceitar estas aberrações, por mais que queiram nos ridicularizar, nos estamos em conformidade com os princípios científicos e respaldados pela Palavra de Deus. Que é a nossa regra de conduta e fé.

Vamos celebrar a vida e não a morte. Vamos trabalhar pela vida e não pela morte. Vamos trabalhar pelas relações heterossexuais e não homossexuais.

Que Deus abençoe você. Abençoe. Que Deus abençoe sua família. Que esta palavra sirva de esclarecimento para você. Deus nos abençoe em nome de Jesus.

This document was created with Win2PDF available at http://www.win2pdf.com.
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.
This page will not be added after purchasing Win2PDF.